



BRASIL 2029

CONTOS GÓTICOS E PÓS-APOCALÍPTICOS

BRASIL
2029

[illegible]

BRASIL 2029

CONTOS GÓTICOS E PÓS-APOCALÍPTICOS

Aldefran Melo da Silva
Alpha Condeixa Simonetti
Bruno Pinheiro Ivan
Denis A. Vaz
Diego A. Molina
Gean B. de Moraes
Georgia Palma Vieira
Heliel Damascena da Silva Sena
Jéssica Louise Werner
Juliana Berlim
Milene de Almeida Silva
Nicole Ayres Luz
Pedro Oswaldo Horta
Petronio De Tilio Neto
Rodrigo Vinholo
Rui Guimarães Vianna
Silvio Rhatto
Vanilson Rodrigues Fernandes
(contistas)

José Nuzzi Neto
(apresentação)

Guilherme Purvin
(organização e conto-posfácio)

Gavin Adams
(capa e ilustrações)



INSTITUTO BRASILEIRO
DE ADVOCACIA PÚBLICA

São Paulo
2020

BRASIL 2029
2ª Edição

© Copyright: IBAP – Instituto Brasileiro de Advocacia Pública

Projeto gráfico e Diagramação:

Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha

Organizador:

Guilherme Purvin

Capa e Ilustrações:

Gavin Adams

B823 Brasil 2029: contos góticos e pós-apocalípticos / Aldefran Melo da Silva... [et al.] (contistas); José Nuzzi Neto (apresentação); Guilherme Purvin (organização e conto-posfácio); Gavin Adams (capa e ilustrações). – São Paulo: Instituto Brasileiro de Advocacia: 2020.
168 p. : il.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-88110-01-0

1. Contos brasileiros – Coletânea. I. Silva, Aldefran Melo da.
II. Nuzzi Neto, José. III. Figueiredo, Guilherme José Purvin de.
IV. Adams, Gavin.

CDU: 869.0(81)-34

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela *internet*, sem prévia autorização do autor.

EXPEDIENTE

Instituto Brasileiro de Advocacia Pública — Diretoria — Biênio 2020-2022 — Presidente Guilherme José Purvin de Figueiredo; Vice-Presidente Celso Augusto Coccaro Filho; Secretário Geral José Nuzzi Neto; Coordenador Financeiro Clério Rodrigues da Costa; Coordenadora Financeira Lindamir Monteiro da Silva; Coordenador Jurídico Sebastião Vilela Staut Jr.; Coordenador Internacional Fernando Cavalcante Walcacer; Conselho Fiscal: Ana Cláudia Bento Graf; Ana Lúcia Câmara; Derly Barreto e Silva Filho; Márcia Dieguez Leuzinger; Ricardo Antonio Lucas Camargo; Sanny Ribeiro Japiassu.

Endereço: Rua Antônio Carlos, nº 582 — Cj. 08-A — Consolação — CEP 01309-010 — São Paulo/SP Fone/fax: (11) 3104-2819. E-mail: secretaria.ibap@gmail.com.

Revista PUB Diálogos Interdisciplinares (Suplemento Cultural da Revista de Direito e Política) — Uma publicação do **Instituto Brasileiro de Advocacia Pública. Comissão Editorial:** Antonio Herman de Vasconcellos e Benjamin; Belisário dos Santos Junior; Carlos Frederico Marés de Souza Filho; Celso Augusto Coccaro Filho; Dalmo de Abreu Dallari; Elizabeth Harkot de la Taille; Fernando C. Walcacer; Guilherme Purvin; Ibraim Rocha; Inês do Amaral Buschel (in memoriam); Irmgard Elena Lepenies; José Nuzzi Neto; Lindamir Monteiro da Silva; Lucíola Maria de Aquino Cabral; Márcia Maria Barreta Fernandes Semer; Marie Madeleine Hutyra de Paula Lima; Maximiliano Kucera Neto; Ricardo Antonio Lucas Camargo; Sheila C. Pitombeira; Sônia Midori Takamatsu. (ROD 05.08.2019).

1º Concurso Literário da Revista PUB — Diálogos Interdisciplinares — Concurso Mary Shelley — “Brasil 2029 — Contos Góticos e Pós-Apocalípticos”. Comissão Julgadora: Celso Augusto Coccaro Filho, Daniel Ferraz, Elizabeth Harkot de la Taille, Franklin Valverde, Frederico Marés Tizzot, Guilherme Purvin (coord. Geral), Jorge de Almeida, Manuel Herzog, Roberto Araújo, Sandra Guardini Vasconcelos e Vitor Nuzzi. Capa e ilustrações: Gavin Adams © 2019.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
A BALADA DE MORTE DO HERÓI <i>Juliana Berlim</i>	13
A CASA ESCURA <i>Jéssica Louise Werner</i>	17
A SOCIAL REDE <i>Vanilson Rodrigues Fernandes</i>	24
CARTA NEBULAR <i>Alpha Condeixa Simonetti</i>	29
CECI N'EST PAS UN ROMAN <i>Diego A. Molina</i>	35
DENTES AO VENTO <i>Milene de Almeida Silva</i>	48
EXPERIÊNCIA DE USUÁRIO — BRASIL 2029MG <i>Silvio Rhatto</i>	61
FODA <i>Nicole Ayres Luz</i>	71
FUGA DE SÃO PAULO <i>Denis A. Vaz</i>	77

FUJA// E ESTARÁ PERDIDO	87
<i>Petronio De Tilio Neto</i>	
JÁ RAIOU A LIBERDADE	91
<i>Rui Guimarães Vianna</i>	
JAIR VAI À ESCOLA	97
<i>Bruno Pinheiro Ivan</i>	
MALTHUS NO BRASIL DE MAIS ALÉM	109
<i>Heliel Damascena da Silva Sena</i>	
O FUTURÓLOGO	113
<i>Aldefran Melo da Silva</i>	
O JANTAR DOS HOMENS DE BEM	126
<i>Rodrigo Vinholo</i>	
O RIO SUBTERRÂNEO	135
<i>Pedro Oswaldo Horta</i>	
OS CORPOS DE CRIS	138
<i>Gean B. de Moraes</i>	
SOB A LUZ DA LUA	151
<i>Georgia Palma Vieira</i>	
POSFÁCIO EM RITMO DE FUGA	159
<i>Guilherme Purvin</i>	

APRESENTAÇÃO

O fomento às atividades artísticas e culturais dos associados constitui uma das finalidades institucionais do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública.

Já por ocasião de seu 21º Congresso, no qual o grande homenageado foi o romancista Ignácio de Loyola Brandão, pensávamos em novos projetos voltados ao diálogo entre o Direito e a área de Letras — Literatura e Linguística principalmente.

Em 2018, ao término do 22º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública, que esteve preponderantemente focado no debate sobre meio ambiente, literatura e direito, o IBAP decidiu organizar, por meio de sua Revista PUB — Diálogos Interdisciplinares, um concurso de contos para que seus associados e outras pessoas interessadas exercitassem seus dotes literários e expressassem artisticamente suas expectativas diante da nova realidade política nacional e internacional.

A patrona escolhida para esse certame literário foi a escritora inglesa Mary Shelley, autora dos livros “Frankenstein ou O prometeu moderno” e “O último homem” — ambos romances voltados a questões que continuariam a afligir a humanidade quase dois séculos mais tarde: sua relação com a ciência, a transformação da natureza, o rompimento do elo entre o ser humano e o ciclo de vida no planeta.

Filha de um importante filósofo e político e de uma precursora do movimento feminista, Mary Shelley foi casada com o poeta Percy B. Shelley e amiga de Lorde Byron. O seu mais famoso romance, Frankenstein, foi, aliás, o fruto de um certame literário, jogo do qual os três amigos e, ainda, John William Polidori, médico de Byron, participaram em 1816, na mansão chamada Villa Diodati, numa aldeia próxima ao Lago Genebra, na Suíça.

O mote do 1º Concurso de Contos da Revista PUB foi “Brasil 2029 — Contos Góticos e Pós-Apocalípticos”. A chamada para encaminhamento dos contos foi divulgada por *e-mail* a todos os associados do IBAP e, ainda, para o público em geral nas páginas da Revista PUB (www.revista-pub.org) e do IBAP (www.ibap.org) e via Facebook. Acorreram ao chamado aproximadamente dez vezes mais escritores do que os do concurso da Villa Diodati.

Os contos foram avaliados por uma equipe interdisciplinar formada por Celso Augusto Cocco Filho, Procurador do Município de S. Paulo e diretor do IBAP; pelos professores de Letras da FFLCH-USP Daniel Ferraz, Elizabeth Harkot de la Taille, Jorge de Almeida e Sandra Guardini Vasconcelos; pelos editores Frederico Marés Tizzot (Editora Arte & Letra) e Roberto Araújo (Editora Europa) e pelos jornalistas, poetas e escritores Franklin Valverde (“Banco de versos”), Manuel Herzog (“A jaca de cemitério é mais doce”) e Vitor Nuzzi (“Geraldo Vandrê: uma canção interrompida”). A coordenação geral dos trabalhos coube a Guilherme Purvin, Procurador do Estado/SP, diretor do IBAP, contista (“Laboratório de Manipulação”), romancista (“Batalha das Libélulas”, “Queda de Babilônia”) e cronista (“Dias simplesmente perfeitos”). Sem a valiosíssima colaboração voluntária de todos esses profissionais da palavra, não teria sido possível sequer cogitar da realização desta experiência cultural.

Ao longo dos meses de abril, maio e junho deste ano estes profissionais leram e analisaram todos os contos, tendo ao final selecionado os 18 mais bem avaliados, que ora estão sendo publicados, juntamente com um conto intitulado “Posfácio em ritmo de fuga”, preparado pelo organizador do concurso especialmente para esta edição com o objetivo de esclarecer os leitores sobre a finalidade do lançamento desta coletânea no momento atual.

A capa e as ilustrações foram preparadas pelo artista Gavin Adams, a quem o IBAP agradece imensamente.

A obra coletiva é lançada por ocasião do 23º Congresso do IBAP e dos III Diálogos Interdisciplinares, evento promovido pela segunda vez em parceria do IBAP com a Escola dos Magistrados da Justiça Federal da

3ª Região. À exceção do “Posfácio em ritmo de fuga”, que evidentemente não participou do concurso, a ordem dos contos é alfabética, de acordo com o título de cada um deles.

São Paulo, 29 de novembro de 2019

José Nuzzi Neto

Presidente do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública

A BALADA DE MORTE DO HERÓI

■ *Juliana Berlim*

— Decidi morrer — disse Cláudio pousando o copo sobre o balcão, engolindo a cerveja a seco.

Nenhuma hesitação. Nenhum lamento. Somente uma decisão cansada nos olhos de peixe morto.

Paulo tentou argumentar, mas ficou tão perplexo que mal articulou palavra. Fazia tempos que Cláudio havia perdido o entusiasmo, remando com força contra o maremoto. Andava muito desapontado consigo mesmo. Por ter sido a vida inteira um idealista ponderado, pautando seus atos na avaliação de todos os agentes envolvidos em uma situação, toda esta malha de escrúpulos que, no Brasil de agora, parecia varrida para debaixo do tapete da História, por isso mesmo encontrava-se mortalmente imóvel. Fora manso e justo em um país que dá milho a banguelas. As lutas dos anos noventa com o movimento dos caras-pintadas, a ressa-ca moral do neoliberalismo seguinte, a chegada do PT ao poder — o sopro de esperança, até as inúmeras embrulhadas do partido, com a construção de alianças espúrias — levaram, ao fim e ao cabo, à eliminação do último contendor da dita esquerda brasileira. O voto do eleitorado nacional, tradicionalmente conservador, recaiu sobre a trilha da velha “nova política” sobre a qual o país ainda caminhava em 2029. Cláudio estava arrasado.

Ele refizera essa narrativa histórica dezenas de vezes em sua mente. Conversara com Paulo e tantos outros companheiros diversas vezes sobre sua aflição. Via-se sem alternativa. Como um doente terminal dos nervos, faltavam-lhe forças para seguir lutando.

— Pensou bem? — Paulo se arrependeu na sequência de ter pronunciado uma frase tão estúpida, mas foi o melhor com o que se saiu diante de seu próprio espanto.

— É o melhor para as crianças — Cláudio sussurrou, moldando a água sobre o alumínio do balcão com o dedo.

— Suicidas não recebem seguro — Paulo devolveu no automático.

“Eu arrumei tudo. Contratei um rapaz para fazer o serviço. Ele é bonzinho, trabalhava como faxineiro no escritório. Com a onda de demissões da nossa estatal, os terceirizados rodaram antes. Ele ficou sem poder tocar no FGTS, sem indenização, porque agora está na lei não pagar indenização aos funcionários se a firma decretar falência antes da demissão, sem poder processar a firma para reaver as perdas trabalhistas — se ele perdesse o processo teria de pagar as custas (Com o quê, se não recebeu indenização?) —, com uma mãe doente, três filhos pequenos e outro na barriga, fazendo obra em casa. Como ele ia conseguir emprego aos trinta anos? Escolaridade baixa, muitos filhos, idade avançada. O garoto ainda tinha carteira pelo regime antigo, com direitos, ninguém sabe como durou desse jeito por tanto tempo. Se os profissionais liberais só se empregam agora com a assinatura de contratos de trabalho aviltantes, fantasmas do que um dia foi a CLT, imagina um rapaz como esse, o protótipo da mão-de-obra barata. Ele não tinha dinheiro para pagar o carnê do plano de saúde popular do governo ou os vouchers educacionais das crianças. Comida começou a aparecer por meio da caridade de vizinhos. Ele estava a ponto de vender a casa. Ou ele conseguia um emprego com urgência ou iam todos para debaixo da ponte, a velha com câncer e tudo.

Tinha sido um ótimo atirador no Exército, num domingo de sol levou a família ao shopping, comprou uma pistola automática parcelada em 48 vezes nas Lojas Americanas e voltou a treinar tiro. Em um mês ofereceu seus serviços para a pequena bandidagem de Duque de Caxias. Começou pequeno, matando um devedor aqui, uma mulher adúltera ali, um alcaquete acolá. Mas fazia um serviço tão limpo que ganhou fama (Sempre foi um bom faxineiro). Hoje ele recebe serviço direto de Brasília. Ganha tanto dinheiro que se mudou pro 25 de agosto. A mãe está curada e tão bonita que nem parece ter passado por uma doença tão grave.

Este país é dos brancos, ricos e espertos.

Este país não foi feito para um homem preto e pobre como esse menino nem um idealista democrata como eu. Em se plantando tudo dá, mas a semente boa que cai nesta terra está destinada a morrer.”

— Desde os portugueses — emendou Paulo.

— Militei a vida inteira nos sindicatos. Fui a várias manifestações com meus companheiros. O que ganhei com isso, Paulo? Os sindicatos foram esfacelados, desde o governo do Temer, bocado a bocado. Livre acordo empregado-patrão. O Enzo Gabriel teve direito a uma conversa honesta com o patrão? Ele é mais legal como bandido do que foi como faxineiro. O Brasil é a terra do avesso. Tá na hora de admitir e reconhecer a hora de sair de cena — ele interrompeu quase sem ar seu discurso amargo. Respirou, olhar pensativo para o nada, e na sequência, “O Enzo vai dar um tiro bem aqui” (Esgarçou a camisa de malha do lado esquerdo do peito de modo teatral).

Paulo saiu desconsolado do encontro com Cláudio. Percebia que o convívio entre ambos havia extrapolado a amizade e se tornado uma relação de mestre e discípulo. Gostava de conversar com aquele amigo, uma testemunha ocular da história, nascido em pleno ano da Anistia e que tinha sobrevivido ao final da ditadura militar, ao neoliberalismo, à renovação do projeto desenvolvimentista... Estancou. Tinha enorme dificuldade de denominar a época em que viviam. Os nomes lhe escapavam. Pós-apocalíptica. Uma classificação que casava à perfeição com o caos socioeconômico, o inchaço desordenado das metrópoles, a violência visceral e a atmosfera nauseabunda de um país neocolonizado. O Brasil conjurara-se com a escória política mundial e não soubera, há dez anos, atravessar as turbulências extremistas com a galhardia de um país continental. Os recursos naturais quase esgotados pela agiotagem internacional, à população só restava matar e morrer, engalfinhando-se nas esquinas de capitais abarrotadas, sem perceber os títeres que a movimentavam acima de suas cabeças famintas. A cada dia que se passava, uma pessoa de valor dos tempos da redemocratização morria e, com ela, a memória republicana da luta política do século XX e primórdios do XXI, justo quando os dissidentes

do governo eram intimidados e constrangidos como criminosos de guerra e poucos mais se aventuravam a lutar para mudar o cenário confrangente. Os jovens, alienados pela massa obsedante das diversões eletroeletrônicas, mal esboçavam reação para mudarem a banalidade de seus destinos. Pensar que, há dez anos, quando tudo começou, acreditava-se que o abismo estava próximo e alcançar o fundo seria rápido; contudo, a realidade mostrou-se madrasta e calou a desesperança ainda mais fundo nos corações, apresentando despenhadeiros mais lúgubres.

Cláudio morreu assassinado na cidade de Duque de Caxias, em uma quarta-feira, pouco antes de um Fla-Flu. Fazia uma visita técnica para a estatal onde trabalhava. Por se tratar de um dia tumultuado, acreditou-se que tinha sido vítima de uma bala perdida vinda de algum bar da região onde se encontrava. A polícia decidiu não investigar nem o IML realizar qualquer autópsia, porque um caso tão banal mobilizaria um efetivo que nenhum dos dois órgãos, sobrecarregados pelas centenas de mortes violentas diárias, poderia dispensar. A família se espantou com a expressão serena no rosto do falecido, mas o polpudo cheque aliviou o luto cerrado.

♦ ♦ ♦

Juliana Berlim — Carioca de 5 de outubro de 1979. Formada em Letras pela UFRJ (Alemão) e pela UERJ (Francês), é professora de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. Contos publicados: em duas antologias da FLUP (Festa Literária das Periferias), uma publicada pela Casa da Palavra (2016) e outra pela FUNARTE (2019); na antologia “16 contos insólitos” da Metanoia Editora; na antologia “As cidades e os desejos” (2018) da Aliás Editora, que publicou a zine “Formas quentes de beber” (2018), trabalho solo da autora; na antologia “2084: mundos cyberpunks” (2019) pela editora Lendari; na antologia “Entrada para cotidianos” (2019) da editora Venas abiertas; nas revistas eletrônicas Gueto e Germina. No exterior: na antologia “Mein Ort in Deutschland” (2016) da editora alemã Hueber, conto em alemão sobre a cidade de Leipzig, selecionado como um dos oitenta melhores de todo o mundo. No prelo: conto na antologia “Dos mortos: ano um” (Lendari) e conto em antologia da editora Calamares.

A CASA ESCURA

■ *Jéssica Louise Werner*

Enquanto enrolava os brigadeiros na mesa da cozinha, escura como sempre por conta das janelas fechadas, eu percebi que estava fazendo dez anos do começo do chamado *Governo Definitivo*. Não sei dizer se essa década tinha passado devagar ou rápido, já que o tempo passava de forma diferente na nossa casa, mas tinha certeza de que fazia uma década. Marcar os dias na porta de madeira que dava para o corredor era uma maneira que eu tinha encontrado para não me desligar nem me perder completamente do mundo exterior. Eu já passava as últimas bolinhas no granulado quando a Maria entrou saltitando pela porta da frente, fazendo entrar uma fresta de luz da sala até a cozinha. Fechei os olhos por alguns segundos e os abri.

“Como foi a aula? Alguma coisa diferente?”, perguntei enquanto ela tirava a mochila das costas e sentava num banquinho, olhando atentamente para os brigadeiros. Maria era muito pequena para uma menina de dez anos, os pés ainda balançavam quando sentava no banco da cozinha.

“Tudo igual, eu acho. Cantamos o hino às 8 na quadra, depois tivemos aula de religião com a Tereza, aí eu comi o bolinho no intervalo... tava muito gostoso, tem mais?”

“Tem, depois do almoço. Continua contando sobre a escola”, eu precisava saber o que eles passavam pras crianças, só não sabia como usar isso ao nosso favor. Mas eu ia descobrir.

“O Matheus teve que ajoelhar no milho porque tava usando um moleto vermelho. Era muito grande pra ele, não sei porque ele tava usando

aquilo. Ele falou alguma coisa sobre ser o moleto do pai dele, mas não entendi direito o que ele falava, porque tava chorando.”

Lembrei das histórias que a minha avó contava sobre a época dela na escola, de como era comum ajoelhar no milho caso o aluno fizesse algo errado. Me dava um nó na garganta saber que a minha irmãzinha presenciava isso em 2029. A noção de tempo ficava sempre cada vez mais estranha.

“Aí depois a gente teve aula da Revolução do Brasil, só que eu não prestei muita atenção porque era quase igual da semana passada. Fiquei contando quantas moscas entravam pela janela, foram doze”, ela ainda olhava atentamente para a mesa.

“Pega o brigadeiro, mas só um. Precisamos do dinheiro das vendas, a comida já tá quase acabando. Hoje a tarde você leva lá na padaria do centro pra vender, mas toma cuidado com o dinheiro na volta, não fica dando mole.”

Eu evitava ao máximo sair de casa desde que tudo começou. Era menos doloroso fingir que muitas coisas não estavam acontecendo... pelo menos era o que eu achava por enquanto. Geralmente eu pedia para a Maria vender os brigadeiros na padaria e o Caio, meu amigo que morava com a gente, ir ao mercado e pagar as contas, mesmo que ele também evitasse sair.

“Tá”, a Maria disse com o brigadeiro na boca. Ela ficava cada vez mais parecida com a nossa mãe. Já tinha se passado oito anos e eu sentia falta dela cada vez mais.

Esquentei a comida do almoço (macarrão com molho pronto) e dividi em três pratos. O sino da igreja tocou pontualmente ao meio dia e o Caio entrou na cozinha, ainda de pijama e olhos cansados. Provavelmente tinha tido insônia a noite toda de novo, mas ele não gostava que eu perguntasse como estava. “Vamos sempre pular essa pergunta”, ele dizia.

“E aí, Mariazinha”, ele falou sorrindo enquanto bagunçava o cabelo dela. “Nenhuma tragédia na escola hoje?” Olhei pra ele de canto de olho, repreendendo o que tinha perguntado. “Desculpa, fiquei lendo até tarde e acabei não conseguindo dormir, to muito cansado.”

“Qual livro que era?”, perguntou a Maria enquanto enchia um copo de suco. “A profe de português mandou a gente comprar o *Manual da Família número 5* pra ser o livro do semestre. Ela falou que a família inteira tem que ler também.”

Meus olhos encontraram os do Caio com a mesma intensidade de tristeza. Era muito difícil lidar com situações em que a escola acreditava em coisas diferentes das que queríamos passar para a Maria. Ao mesmo tempo em que eu queria ler para ela os livros que fizeram parte da minha infância e o Caio quisesse mostrar os filmes e seriados que ele assistia quando era mais novo, tínhamos muito medo de sermos descobertos e levados para longe da Maria. Esses manuais eram os únicos livros permitidos pelo governo além da Bíblia e todo conhecimento que as crianças adquiriram na escola era por eles. O manual ensinava a ver a homossexualidade como errada, as mulheres como inferiores aos homens, o cristianismo como única forma possível de crença, entre outras coisas que pareciam vindas direto da Idade Média. Era muito dolorido saber que eu nunca conseguiria colocar a Maria na Universidade já que agora elas tinham mensalidades caríssimas, mas por outro lado qual era a razão de frequentar a Universidade hoje em dia se os professores não podiam conduzir a aula do jeito que queriam? Tudo precisava ser antes aprovado pelo presidente.

“Eu tava lendo um outro livro. Mas a gente compra pra você o da escola essa semana, tá bom?”, o Caio respondeu de cabeça baixa, comendo o macarrão.

“Tá muito escuro aqui, porque nunca dá pra gente ficar com as janelas abertas? Dói meu olho”, Maria perguntou com a boca suja de molho.

“Já discutimos isso muitas vezes, eu e o Caio temos muita sensibilidade com o mundo de fora, é difícil pra nós.” A eletricidade não chegava na nossa casa porque vivíamos ali de forma praticamente escondida, era uma casa que as pessoas raramente notavam e, se o faziam, acreditavam ser abandonada. Eu tinha colocado uma vela no meio da mesa, mas nada substituía a luz natural. Lembrei da época que a minha mãe tinha várias plantas pela casa e eu ajudava ela a regar cada uma aos domingos e

borrificar água quando o tempo estava seco. Eu sentia muita falta de poder ter plantas.

Essa lembrança me deu muita vontade de visitar o túmulo da minha mãe. Eu nunca tinha ido lá depois do dia do enterro, talvez já fosse a hora de voltar.

“Caio, vai comigo no cemitério hoje? Quero ver a minha mãe, conversar um pouco com ela”. Os dois me olharam assustados e por um tempo não conseguiram falar nada. Foi a Maria que quebrou o silêncio: “Mas você não gosta da luz, você disse isso agorinha a pouco.”

“Eu vou de óculos escuros. E o Caio me ajuda, né, Caio? O cemitério não é longe daqui, dá pra ir andando”, respondi. Acho que ele esperava por esse momento há muito tempo e não quis arriscar estragar com perguntas, então só disse “Claro, vamos lá.”

“Eu posso ficar em casa, né? Não quero ir lá, tenho um monte de lição de casa pra fazer”, a Maria perguntou enquanto levantava do banquinho e pegava a mochila.

“Pode ficar, mas deixa a porta bem trancada e não abre pra ninguém. Não vamos demorar, vai ser rapidinho”, respondi.

Enquanto a Maria subia as escadas pro quarto, eu e o Caio arrumávamos a cozinha. Minhas mãos tremiam e eu percebi que as dele também.

“Vai ser bom pegar um ar e sentir um sol na pele depois de tanto tempo. Sua mãe ia ficar feliz de ver você saindo”, o Caio disse com um quase-sorriso no rosto.

“É, acho que sim.”, respondi sem saber se acreditava mesmo que sim.

Apesar de ser o auge do inverno, a temperatura estava perto dos trinta graus (o frio não existia mais na nossa região), mas mesmo assim coloquei uma manga comprida, um gorro e um óculos escuros. As últimas vezes que eu tinha saído de casa eram à noite e a última vez que eu tinha sentido o sol na pele foi no dia do enterro da minha mãe. Queria sentir o mundo aos poucos.

“Posso abrir a porta?”, perguntou o Caio, olhando diretamente pra mim. Eu mesma coloquei a mão na maçaneta e a girei. Por instinto fechei

os olhos. Senti os raios de sol no corpo, o ar pesado e um cheiro que eu não sabia identificar. Abri os olhos, dei a mão para o Caio e descemos as escadas da frente de casa. Eu apertava a mão dele e ele também apertava a minha. Fomos dando um passo após o outro.

“Meu coração tá acelerado. Eu não gosto daqui, quero voltar pro meu mundo”, disse.

“Sofia, o nosso mundo tá há dez anos da gente, não podemos nunca voltar.”

Fazia muito tempo que ele não usava meu nome. Depois do começo do *Governo Definitivo* só era permitido usar nomes bíblicos. Era obrigatório dar esses nomes para as crianças que nasciam e quem já era nascido precisava mudar de nome na certidão, mas eu nunca tive coragem de mudar o meu. Eu sentia que se eu mudasse eu mataria meu eu do passado. Eu disse pra Maria que tinha mudado meu nome para Isabel e ela me chamava assim. Me doía cada vez que ela me chamava.

Comecei a olhar as coisas à minha volta aos poucos. Homens sentados numa mesa de bar conversavam praticamente gritando, policiais de nariz empinado passavam a cavalo como se fossem reis, o ar era mais sujo e difícil de respirar, o sol queimava mesmo com manga comprida e eu não via quase nenhuma mulher na rua. Vi uma suástica pichada no muro ao lado do bar e imaginei que esse símbolo estava provavelmente em vários outros muros pelo país.

Andamos mais umas duas quadras. Já estávamos perto do cemitério, mas eu não lembrava exatamente pra qual lado eu precisava virar. “Pergunta pra alguém a direção, não quero perder tempo procurando, já to ficando agoniada de estar aqui”, pedi para o Caio.

“Com licença, pra qual lado fica o cemitério?”, ele perguntou para um senhor que passava sozinho por nós. O homem olhou para mim de cima a baixo desconfiado, voltou para o Caio e gritou: “Como ousa dirigir a palavra a mim, seu imundo!!! Leva tua mulher pra se confessar na igreja e sumam da minha frente!!” e saiu bufando.

Assustada, olhei pro Caio sem entender. “Provavelmente eles sabem as pessoas que não frequentam as missas e as reuniões das escolas e do governo. É um ódio por sermos diferentes”, ele disse.

Com lágrimas nos olhos vi uma moça passar de cabeça baixa, andando rápido com uma sacola de mercado na mão. Corri pra ela e perguntei “Com licença, pra qual direção é o cemitério?” Ela me olhou assustada, apertou a sacola perto do corpo e ficou olhando para mim. “Pra lá”, disse apontando discretamente a direção e saiu rápido olhando para baixo.

“Ela deve ser do nosso lado, dava pra ver a tristeza no olhar dela”, disse para o Caio.

Andamos alguns minutos na direção que a moça tinha apontado e chegamos no cemitério. Eu sabia de cor onde ficava o túmulo da minha mãe e fui direto lá. Minhas pernas tremiam tanto que precisei sentar na grama, o Caio sentou ao meu lado e ficamos em silêncio por alguns minutos.

“O pior não é só ela ter morrido, mas ter sido torturada na própria casa. Eu não consigo entender, simplesmente não consigo”, disse.

“E nem deve. Temos que continuar não aceitando, é o que nos resta”, o Caio respondeu.

Foi quando ouvimos o barulho de cavalos atrás de nós. Me virei e vi cerca de dez policiais vindo na nossa direção. Olhei para o Caio assustada, minhas mãos tremiam mais do que nunca.

“Calma, não fizemos nada errado. Provavelmente eles só vão fazer perguntas de rotina”, ele disse.

“É a Maria ali com um deles! O que aconteceu? O que fizeram com ela? Caio, por que eles tão com a Maria???” eu tinha levantado e tirado os óculos. O mundo todo no meu rosto de uma só vez. O Caio levantou e pegou a minha mão, tentando me acalmar, mas não achou as palavras.

Os policiais pararam na nossa frente e desceram dos cavalos, a Maria desceu junto e ficou ao lado de um deles.

Enquanto um policial colocava a algema no Caio, outro apertava meu braço e com ódio nos olhos dizia “Vocês estão presos por infringirem as leis do presidente! Sua irmã nos mostrou os livros que vocês tinham escondido debaixo do taco do quarto, todos proibidos!”

Olhei incrédula para a Maria, minha irmã que tinha nascido já nesse mundo destruído, sem nunca saber como era o mundo de antes. Ela olhou para mim sem expressão nenhuma e disse: “É o certo, Isabel.”

♦ ♦ ♦

Jéssica Louise Werner — Nascida em Curitiba em 1992, desde pequena sou apaixonada por histórias. Uma das coisas que mais gostava de fazer quando criança era escrever, ilustrar e grampear as minhas em formato de livro. Com nove anos escrevi minha primeira história de terror, sobre uma mulher que recebe seu gato cortado em pedaços pelo correio e precisa descobrir quem era o autor do crime. Olhando hoje para trás percebo que meu amor por histórias sombrias provavelmente começou ali.

Apesar de sempre gostar de ler e escrever, acabei indo estudar Física na UFPR, onde cursei por três anos e meio antes de fazer um intercâmbio de um ano na Noruega. A experiência morando e estudando num lugar completamente diferente do qual eu estava acostumada fez com que eu percebesse que o meu lugar não era mais na Física, mas sim em algo ligado aos livros. Portanto, depois que o intercâmbio acabou, vim para São Paulo estudar Letras na USP e tentar seguir meu sonho de um dia ser escritora.

A SOCIAL REDE

■ *Vanilson Rodrigues Fernandes*

Perfilado, André cantava o hino com um olhar perdido. O celular era proibido na escola. O mercado negro sempre se estabelece. Nil cobrava vinte reais pelo uso. Aquele era o grande dia. Não via a hora de o recreio chegar. Pátria amada, Brasil, para si, virou puta que pariu. Todos às suas salas.

Deu a descarga, entrou. Muitas fotos, vídeos e felicitações estavam lá. Faltavam algumas pessoas. Era cedo ainda. Encaminhou mensagem para todos os contatos. Postou uma foto com os dentes arreganhados revelando um ar de incontida felicidade. Evitou mostrar detalhes do banheiro. Um leve torpor tomou-lhe conta do corpo. Era sempre assim quando voltava a navegar, após passar muito tempo desconectado. O êxtase foi quebrado por fortes batidas na porta. Demorou demais. Se o sargento te pegar, o celular é teu, não me fode. Nil sabia convencer as pessoas do que queria. Enfiou o aparelho o mais profundo que pode.

A mãe recebeu o último aviso. Nova indisciplina e seria a expulsão. O pior, ainda teria que pagar pelo celular apreendido. Mas a ânsia de chegar ao seu quarto, sem precisar assistir às últimas aulas de moral e cívica, conferia ao seu rosto um quê de ironia. Queria logo estar em seu *bunker*, onde o mundo acontecia. Antes, a mãe. Logo hoje, André, no seu aniversário. Ouviu tudo calado.

Uma tela enorme dominava o centro do quarto. O teclado portátil estava sempre à mão. Três celulares. Jogou-se na cama e se conectou. Saiu de si para viajar, papear, curtir fotos e comentários, postar.... Aquilo era melhor que bala. Era viver muitas vidas em uma só. Era estar em todos os lugares, sem estar em nenhum. O tempo na escola era seu pior

pesadelo, pois tinha que ficar desconectado. Agora era só aguardar a noite, a grande festa.

Baterias carregadas, desceu. Todos estavam no imenso salão. Já de cima tirou e postou a *selfie*, sem contar que a festa estava em *live*. Viver *off line* não era viver. Assim foi desde a tenra infância. Para André, o mundo sempre fora visto pela lente dos aparatos tecnológicos. Aos três anos já manuseava com desenvoltura *tabletes* e celulares. Aos cinco, ganhou seu primeiro aparelho e aprendeu a estar conectado com o mundo virtual. Desde então não parou. Era uma fissura. Não conseguia viver de outra forma.

O tempo no colégio era uma verdadeira tortura. Sem conexão, sem vida. A necessidade abre oportunidades, no entanto. A direção tentou usar bloqueadores. Em vão, a ideia não deu certo. Vez por outra, um aluno era levado para a coordenação. André já havia sido flagrado diversas vezes. Estava por um fio.

Compensava a timidez da vida real pelo protagonismo no mundo virtual. Era um opinador de tudo. Falava com celebridades, postava vídeos, compartilhava *fake news*, fotos, tinha mil contatos, curtia a todos e todos o curtiam. Sempre pontuava um comentário oportuno para qualquer situação, uma frase bem colocada para a ocasião. Era um militante político também. Detestava passeatas. Seu campo de batalha eram as telas, eram as redes.

A escola estava superada, todo o conhecimento adquirido vinha da *web*. Os pais a impuseram, porém. A única concessão que não fizeram. Era uma maneira de tirá-lo do quarto, dar-lhe um estilo de vida normal. Era avesso aos encontros sociais, à vida ao vivo. Não se embaraçava nos exames, nem colava. Sua mente era uma extensão dos *bites*, dizia.

Chegaram a levá-lo para fazer terapia. Até medicamento tomou. A prática de esportes foi outra tentativa. Nada deu certo. Logo aquela conexão que André tinha com o mundo virtual se impunha. E tudo voltava como dantes. Ameaçou suicídio quando falaram em cancelar o serviço de internet. André sempre fazia valer sua vontade aos pais.

Seu *nick* era um diminutivo. Detestava o nome de batismo. Andreodato Ó de Almeida Neto. Assinava André Ó de Almeida, quando exigiam

por extenso. Era André e só. A tradição do nome de família era um horror. No início, partia para a porrada. Depois, acostumou-se. Era André. Sabia disso. O nome na identidade não significava nada. Valia seu *nick* e pronto.

A festa correu noite adentro. André curtiu tudo com seus celulares nas mãos. O importante era uma foto, um vídeo e a postagem com o convidado. O cumprimento, a felicitação recebida, o abraço, tudo isso era coisa da antiga. O que fica são as imagens. O toque já era. Sua vida era o *history* de suas redes. Mal se interessava por garotas, a não ser que fosse virtualmente. Aí sim, excitava-se. A festa acabou. André dormiu às 6h da manhã. Roupa e tudo, o corpo de bruços na cama. Braços abertos. Os celulares nas mãos. Em sua frente, a tela ligada, centenas de amigos e mensagens. Dormira em êxtase.

Nil era o moderador. Precisava daquele canal. Era a última barreira para a *dark web*. A *deep web* era coisa de quem não sabia de nada. Enquanto não pagasse o último celular apreendido, não tinha conversa, porém. Não podia oferecer um dos seus, tinha apego àquelas máquinas. O risco era alto. Não podia ser apanhado, tampouco. Seria mais uma expulsão de colégio e os pais não deixariam barato. Já haviam avisado.

Tentou concorrentes de Nil. Cartel. Não existe concorrência no câmbio negro. O gancho perante um moderador tinha seu serviço de proteção. Caiu na lista negra, não havia chance de obter conexão no colégio. Era Nil ou nada. O verde-oliva estava por toda parte. Hino, farda, cabelo, tudo ao estilo militar. O mundo real se impunha a André, pelo menos nas horas que passava na escola.

O primeiro dia foi difícil. Não sabia se aguentaria os demais. O intervalo do recreio era o pior momento. Uma fissura tomava-lhe o corpo. Suava frio. Mil coisas vinham à sua mente. Quem fez contato? Quem curtiu? Enviaram fotos? Vídeos? Viver daquele jeito não era viver. Decidido, vendeu coisas. Pagou Nil. Estava livre do *index*.

Quando passou pelo portão, um fino gelo tomou-lhe conta da espinha. O cabo e o sargento estavam lá. Os *spolieres* também. Ao estilo militar, alguns alunos recebiam insígnias e estrelas por bom comportamento, por colaborarem com a paz, a disciplina e a ordem dentro do ambiente

escolar. Funcionavam como patentes. A entrega das estrelinhas era recheada de salamaleques, com cornetas, hinos, bandeiras hasteadas e turmas perfiladas. Faziam o serviço de espionagem dos demais alunos. O comando da escola não se viabilizaria sem os *spolieres*. Uns escrotos, André disse para si ao passar por eles no portão.

Precisava continuar tentando, nem que fosse flagrado novamente. O objetivo era o acesso a *dark web*. O canal era Nil. Só que fora da escola era impossível acessá-lo. Vivia no mundo oculto da internet negra e não mais se expunha na internet aberta. Já o havia procurado em casa, mas sempre dava com a cara na porta. Era um traficante de conexão. A angústia de André na escola só era aliviada no momento do intervalo. Os aparelhos e a conexão contrabandeados por Nil aliviavam a tensão dos viciados e mantinham o tênue equilíbrio da vida escolar. Era a oportunidade que tinha para acessar a *dark web*. Uma vez lá, teria a autonomia para tudo. Os *spolieres* estavam na sua cola. Era preciso cuidado. Não podia ser apanhado de novo. Seria expulso. Adeus Nil, adeus *dark web*.

Faltavam cinco minutos para a campanha soar. Aula chata e monótona. História. As seguidas batidas dos pés no chão revelavam sua impaciência. A câmera instalada constrangia o acanhado professor. A aula seguia um roteiro. A batida dos pés se intensificou. O movimento se concatenou com um frenético abrir e fechar de mãos. Ufa, a campanha soou.

Os *spoilers* estavam pelos corredores. As câmeras monitoravam os movimentos de todos os alunos. As grandes negociatas ocorriam nos banheiros. Único território livre da escola. Quando Nil entrou, André já estava lá. Nervosamente, os dois fecharam a porta de uma das privadas. Um aluno lavava as mãos, após ter trocado papelotes com outro.

Nil falou firme e baixinho aos ouvidos de André. A senha é NAV220*21972*. Se não te aceitarem, adeus. Se te pegarem com o celular, já sabes. Passa a grana. André não escondia sua excitação. Não se continha. Entregou o dinheiro. Nil saiu rápido e bateu a porta. Trombou com um garoto. Reconheceu um *spoiler*. Foda-se, não posso voltar para avisá-lo, pensou.

André acessou suas páginas. Era um hábito. Mais forte que ele mesmo. Serviria como uma preparação para o mundo negro da *web*. Tinha

pouco tempo. Virou a página. Digitou a senha. Conseguiu. Seu coração batia acelerado. Seu corpo todo foi tomado de um torpor. Um grito quebrou seu êxtase. Entrega o celular e sai desse banheiro. André não sabia o que fazer. Digitava freneticamente.

O silêncio como resposta irritou o sargento. Mandou os dois soldados arrombarem a porta. Serás expulso e nunca mais vou precisar olhar para essa tua cara, Andreodato. O coração de André bateu mais acelerado. Os soldados começaram a forçar a porta com os ombros. A fechadura estourou. Os soldados e o sargento olharam incrédulos. André não estava mais lá. O aparelho celular ficou sobre a tampa do vaso sanitário. Aproximaram-se com cuidado do telefone. Na tela, o rosto de André esboçava uma grande gargalhada, embaixo se via: #Partiu, kkkkkkkkkkkkkk.

♦ ♦ ♦

Vanilson Rodrigues Fernandes — 47 anos, Juiz do Trabalho do TRT8 (Pará e Amapá); Mestrando em Direito e Políticas Públicas pelo CESUPA; Bacharelando em Cinema e Audiovisual pela UFPA e Especialista em Direito e Processo do Trabalho pela UNIDERP.

CARTA NEBULAR

■ *Alpha Condeixa Simonetti*

Quando você acordar, não vai me encontrar. Terei deixado essa mensagem no último lugar em que se imagina encontrar algo — no último lugar em que podíamos também ser encontrados.

Depois de acordar, você vai ler as notícias como faz todos os dias e, talvez, sinta falta de algo e resolva procurar dentro das gavetas, nos cantos das prateleiras nas estantes, dentro dos livros, nas notas das margens, nos cadernos antigos, nas pastas, em todos os arquivos mortos, por algum sinal deixado que explique o que está acontecendo. Talvez você continue procurando por muito tempo sem saber o que ao certo quer encontrar, simplesmente porque há uma falta que não se pode calar. Vai encontrar com pessoas, mesmo que poucas, que ainda se importam. Dizem se importar.

Elas devem perguntar como você está depois de tantos anos dormindo. Em geral, elas ficam mais atenciosas quando alguém passa por uma situação como a nossa, somente porque precisam continuar dizendo que se importam, que são isso e aquilo. Você não terá uma resposta, mas várias e isso é um constrangimento tremendo. Não se tem apenas uma resposta, além do que se costuma dizer “ah, sim, está tudo bem”. Então prefira não responder, porque a entrada no sono não é algo que possa dizer em uma palavra. Depois podemos até nos perguntar o que elas querem de fato dizer, quando dizem que se importam. Por isso eu como você prefiro não responder. Se vamos nos calar, então que seja para o melhor, sempre. É o que dizem os cínicos que continuam sem se manifestar. Eles já alcançaram boa parte de nossos esconderijos e nos chamam de criminosos durante todos os momentos em que estivemos livres. Por isso não se sinta obrigado em ser sincero com aqueles que dizem se importar.

Construímos túneis, onde o sentido do silêncio é encontrado. Nós te encontramos para mostrar o retorno ao caminho do jardim das folhas vermelhas. Hoje, seu corpo encontra a coluna e, nela, compreende a envergadura. Voltando ao jardim, as ações continuam penetrando os inconscientes. No seu primeiro retorno da descida ao sono, verá que a escuridão onde nos escondemos não é mais a mesma. Durante muitos anos, devemos continuar com horas de treinamento para nosso reencontro. Eu não posso mais te reconhecer por conta das marcas deixadas por essas horas de vulnerabilidade. Você, por ter acabado de acordar, não tem como se lembrar. De imediato não nos veremos mais.

Quando você foi carregado para o sono, nosso esforço aumentou e, eventualmente, resultou em alguns encontros na brecha, na multidão com quinhentas mil pessoas, depois do almoço, no sobrevoo dos Andes, na contenção das barragens, na ruptura das fronteiras. A certeza chegava.

O jardineiro deve te explicar melhor o que ocorre depois do primeiro retorno. Algo confunde a lembrança quando descemos ao subterrâneo para que cada emissão seja omitida. O princípio é extremamente simples, mas exigirá horas no paradoxo. Acionando o sistema límbico, é possível entrar a qualquer momento na vigília, o que possibilitará a ocupação contínua. Depois de alguns anos, é nítida a impressão dos movimentos atuarem em outra região do cérebro, em uma região mais profunda atingindo a potência central das amídalas que passa a ser neutralizadas, quando necessário. Todas as ações devem ser pormenorizadas, detalhadas precisamente. Respiramos no tempo irrompido para dar consistência a matéria. Cada emissão de mensagem catalogada dentro de um compêndio a ser guardado por gerações futuras, desde que nada aconteça por uma força do acaso. A escuridão completa preserva nossos rostos enquanto pormenorizamos ações na existência que passa a existir para interromper ininterruptamente as falsidades implantadas na raiz epistêmica. A vida em seu valor bruto ganha um suplemento final para o qual tudo parece fazer sentido.

Hoje, o dia em que você volta ao jardim, vai se lembrar quem somos e de que, em você também, abrigamos nossa existência mútua. Ainda que

eu não esteja viva, como se costuma entender a vida, e que não possa viver somente em um corpo, todos nós acordaremos. Nesse dia, você vai ao meu encontro para me fazer lembrar tudo que preciso fazer você lembrar agora. Trabalhamos durante anos lado a lado na escuridão, habitamos apenas alguns segundos do dia para que não nos víssemos, flutuamos com milhares de corpos no mar para que a onda não enterrasse os rastros contrários da continuidade.

Foi de repente entre uma inspiração e uma expiração que uma luz se aproximou. Eu não te via. Você não me via. Quando a luz chega à escuridão, as pálpebras imóveis não se abrem em nenhuma ocasião. Chegava um dos jardineiros, alarmado com as notícias da superfície. Não sabia dizer se era fato o que estava acontecendo. Dizia em sobressalto: — Chegou a quarta praga. Seremos mortos. Era a notícia de que a casa invertida estava tomada pela palavra. Espalhavam a inversão e se consagraram com o apoio do congresso para disseminação das pragas que faziam do ar irrespirável, o humano inumano, a água impotável, a vida morte. A palavra decomposta impregnava as mais diversas ordens movidas pela fé.

Enquanto meus olhos se acostumavam com a luz, estive aflita, uma ferida. Abri os olhos e vi que você não era você. Encontrei somente outra ferida, tão diversa daquela que sorria nos segundos do dia em que podíamos conviver sob o lusco fusco do pátio. Talvez a escuridão tivesse me tomado por completo. Para não correr esse risco, ficávamos expostos à ausência e ao vazio para conceber as ações, durante todo o treinamento. Mas nada tirava da minha cabeça que você não era você, mesmo que essa dúvida não pudesse existir. Sabíamos que as normas da superfície estavam distantes das nossas. Se nos matassem, poderíamos continuar existindo no subterrâneo e, pouco a pouco, voltaríamos a existência por meio das ações omitidas. Talvez você nunca estivesse lá.

Nos últimos segundos do dia, você tinha deixado um lapso escapar nas latas enferrujadas de sardinha que empilhávamos nos armários da cozinha. Eu bebia o café repassado pela terceira vez. Não era possível ser algo palpável nesses tempos em que nos encontramos nessa situação. Era um lapso, uma prova de ainda podíamos existir. Você tentava me explicar...

O amor é o sentimento mais sublime da Revolução. Não sei porque disse isso.

No silêncio, não perderíamos a palavra, porque nunca a tivemos. Coube em algum momento nesses últimos dez anos lembrar que outros irmãos acometidos de sentimentos competiram pelo lugar do pai. Depois disso, além de instaurar a culpa, a inquisição e a diáspora abraâmica, certamente voltariam durante milênios para o mesmo tempo quando tudo tinha começado e de onde tudo tinha partido. Era o tempo irreparável que a luz anunciou.

Tínhamos acabado de nos ver. O vento arrastava a poeira da rua, suspendia a sujeira, furava nossos olhos, tão violento dessa vez que a placa da rua caiu, raspando seu braço. Devíamos correr antes que a rua estivesse interditada e não houvesse mais transporte para o outro lado da cidade. Era uma terça-feira ou quarta-feira, o que de fato pouco importa. Era uma quarta-feira, porque a cavalaria já havia passado. Nós nos lembramos. Então naquele dia da semana, não estávamos acostumados, nem menos assustados ou, então, completamente paralisados. Era o prenúncio da praga.

Você saiu correndo com a camisa rasgada, tateando por dentro do furo o lugar da ferida. Quando vi a cavalaria se aproximar, quatro cavaleiros com os rostos cobertos por máscaras, você corria de volta para casa, não olhava para trás. Eu também deveria correr, mas continuei olhando. Dali seguia meu caminho ou voltava para saber o que tinha ocorrido. Devia ser mais um dia na rotina de identificação. Nos distanciamos, o vento varria em nossa cara a sujeira da cidade com patas de baratas e já estávamos completamente adoentadas com a garganta cheia de pus por conta da última água do ralo que tivemos de beber. Eu errei quando te deixei ir sozinha.

Então se fechou em memórias translúcidas, aquela manhã de verão. Nenhum sol brilhava. Talvez eu pudesse imaginar tudo aquilo completamente sozinha em devaneio sobre o mundo que tínhamos criado. Talvez eu tivesse de romper com aquilo que me sobrava por dentro e entrar num colapso, ao invés de carregar uma cruz. Nossas faces tinham de permanecer anônimas e imperturbadas, enquanto éramos colocadas para dormir

em sono sem sonho durante períodos indefinidos, destinados ao confinamento no impossível.

Nós te encontraremos para mostrar o caminho ao jardim das folhas vermelhas. Com as pálpebras ainda fechadas, o jardim está cheio de folhas coloridas enquanto as vermelhas cintilam o fogo das estrelas. O ar é respirável, húmido, sutil e das primaveras antigas. Há plantas e animais. Águas limpas dos riachos. Ali se faz uma refeição quente e se partilha igualmente as tarefas para a Aurora. Depois da noite, vem o amanhecer. O rio do esquecimento tão terrível quanto a morte tem também um leito, onde são deixados restos que lentamente se arrastam até chegar à memória. No mar incontrollável, tudo se encontra, no tempo em que se repetem eternamente por gerações e gerações, as injustiças. Ao mergulhar sob o voo, é apreendida a matéria fria e inerte na envergadura de seu corpo em que deixei o peso da gravidade para que se possa sempre levantar. No seu primeiro retorno ao jardim das folhas vermelhas, esta carta será encontrada. Você vai se lembrar de mim. Da gravidade para que você possa sempre se levantar. Da humidade das primaveras antigas. Daquilo que esquecimento não pode apagar. De todos que se importam com você. Do abismo vertiginoso da liberdade.

♦ ♦ ♦

Alpha Condeixa Simonetti — Possui mestrado e doutorado em Linguística (USP), com pesquisa acerca das gestualidades teatrais. Paralelamente, tem atuado em projetos editoriais. Em coautoria, elaborou a obra de Projetos Integradores, Conhecer e Transformar, que promove a integração entre língua portuguesa, linguagens artísticas e outras disciplinas, como História, Matemática, Ciência e Geografia. É arte-educadora, fazendo parte do PIA (Programa de Iniciação às Artes) da Prefeitura que se desenvolve no diálogo com a cultura de periferia, procurando a integração entre as artes e a literatura. Colabora criativamente com a Cia. Canoa de teatro infanto-juvenil.



CECI N'EST PAS UN ROMAN

■ *Diego A. Molina*

1. Prólogo às profundezas

Pego uma folha branca e muda. Rabisco sobre ela formas conhecidas; como um dedo anônimo na areia do tempo. Escrevo: Estou atordoado. O ar aqui embaixo é denso, as galerias úmidas e silentes. Há um quê de ausência de pássaros. Talvez por isso em meu sonho recorrente um beija-flor bate asas dentro de uma pequena garrafa de vidro que eu tento quebrar com minhas próprias mãos. O sonho acaba com o barulho do vidro se estilhaçando. Não sei se o beija-flor sobrevive ao impacto, nem se o sangue brota de minha mão ou de minha ideia. Já acordado, no despertar dos insones, fico de olhos abertos para as trevas da espera.

Não sou o único a habitar estes canos, estas passagens ao nada, estes labirintos. Mas, creio, sou o único a escrever. Não para registrar meus sonhos, talvez apenas para soterrá-los. Haverá quem os resgate, um dia longínquo, entre os escombros da cidade arcaica. Não imploro pelo meu corpo, ele é apenas uma sombra densa recostada numa parede escura. Uma caverna privada de luz. Minhas pregações são para projetar os entrevistos oníricos para que eles mesmos vejam meu corpo.

Neste estado de autoexílio e reclusão, afastei-me dos outros. Não é digno de ninguém se escapulir entre os túneis abandonados do projeto de encanar os rios Tietê e Pinheiros. Mas sou débil e animal. Um animal que não ri. Cujas política se reduz a estas linhas. Um animal que escreve. Não uma máquina. Um bicho que fareja os verbos, um sonâmbulo que lavra os pétreos sujeitos, um roedor de advérbios de tempo. (D)escrevo a partir da superfície, oscilando um pêndulo imaginário entre o real e o pesadelo que, durante a fração de segundo em que o pêndulo se encontra no

meio exato dos extremos, coincidem na mesma folha, no mesmo fôlego, na mesma fé.

Alimento-me de restos, às vezes de insetos. Bebo da água de chuva que acumulo por meio de um artifício natural. O frio é tolerável, o vento não existe aqui. O pior (e o melhor) é ter me estabelecido, detido a marcha, aniquilado a fuga. Quando desci, junto com outros, conhecia cada canto do sistema de tubos abandonados, sabia de cor dos cotovelos, das ventilações, das passagens para o esgoto, dos dutos.

Acompanhei durante meses os sujeitos que se denominavam *cachorros do metrô*. Eles tinham unificado nosso esconderijo-fortaleza com as linhas do transporte subterrâneo e, durante as madrugadas, invadiam os trilhos e as plataformas em busca dos despojos, das sobras, dos descartes, do *resto* dos outros. Atuávamos como um disperso grupo de almas que carregasse corpos em busca de alimentos para ambos. Falávamos pouco. Corríamos pelas plataformas e depois nos perdíamos pelos trilhos enquanto os astros trilhavam o universo lá fora sem deixar marcas de seu passo, além da ausência de resplendores. Dessas sucessivas incursões para o exterior, fiz uma acumulação primitiva de alguns livros, folhas, canetas, um colchonete, um saco de bitucas e caixas de fósforos, e me instalei num canto que gosto de crer secreto. Ouço murmúrios; às vezes, gritos e, outras, gemidos, mas nada me abala. Fumo, durmo, acordo e penso na penumbra. Mas, durante alguns minutos, cada dia, a luz do sol entra indireta por uma fenda a metros de minha cabeça. No instante mais luminoso, de olhos apertados, lembro-me do rosto de Verônica, de seu sorriso à toa, de sua boca dizendo *acordarei o resto de minha vida ao seu lado*. Nada me acorda quando meu corpo se entrega à morte diária do cansaço e do recontar em sonhos os passos não dados. Acordo exaltado apenas nas noites (ou são tardes?) em que algum sonho encontra a passagem para ficar enxertado em minha vigília (ou será a vigília que se filtra no sonho?). Uma única flor dorme comigo. Ela está na página 136 do livro *Meditação*. Uma auréola roxa adorna as palavras “círculos concêntricos”, foi tudo o que a flor pôde fazer para se aferrar ao tempo, ao verbo. Escrever: Infinitivo.

2. Acode, acode, acode, a bandeira nacional ou “O amor como princípio”

Dou-me o trabalho de recompor sem glórias o pesadume plúmbeo ou líquido, feroz sempre, dos acontecimentos daqui, neste casebre precário da submersão. Fingir mais luz. Criá-la, crê-la. E depois alumiar fatos mortos como se fossem os passos que me trouxeram até os canos abandonados. Separar-me de mim para ver-me. A terra que fala, quando fala, diz entre silêncios o todo ininteligível. Como se pode amar a terra? Qual princípio rege quando amamos a terra? Não digo uma bandeira flamejante, hasteada em céu impoluto, mas uma terra com nome, como amá-la? Cultivar a distância. Cultivar à distância. Ver florescer os verdores, as matas, as flores aqui de baixo. As raízes não têm cores diversas, como as flores. Quantos enigmas imaginamos ao recompor os passos!

Era feriado e frio. Disso me lembro sem a ajuda de ninguém. Às vezes é bom recorrer às lembranças prístinas, que dormem em berços esplêndidos esperando nossa evocação. Era feriado e frio quando aconteceu, talvez, o primeiro registro do horror. / Recompor.

E no dia seguinte, ninguém falava de outra coisa. As especulações, irregulares mas incessantes, cresciam nas bocas, como feridas pustulentas. Carne, sangue e pus em junção: pestilência dos descompromissados. A opinião foi sempre moeda de troca em qualquer conversa na cidade arcaica. Os infaustos fatos diziam que dois mendigos, que dormiam plácidos à luz dos néons, sem luar, tinham sido violentamente agredidos por um grupo de jovens e deixados acorrentados na Avenida Paulista, nus e com uma bandeira do Brasil tatuada na testa: **Ordem é agressão**, dizia o lema da bandeira inerte, maculada de ódio. Capas de revista, jornais, porteiros, taxistas, donas de casa, feirantes, motoqueiros, caixas de banco, apostadores ilegais do jogo do bicho, costureiras e estudantes de marketing repetiam o lema como se quisessem petrificá-lo: **Ordem é agressão**.

Li sobre o atentado numa revista qualquer, antes de recortar meu cabelo. Soltei a revista e pensei, ou deveria ter pensado, se acaso era August Strinberg que sentenciou, em algum *sonho* ou talvez em algum romance,

cujo título devo ter esquecido, que *se se nasce sem pele nos olhos, vemos os homens e as coisas tal qual são, e há que ser uma besta imunda para prosperar aqui, na imundície...*

Notei nos dias seguintes que nas conversas havia um tom levemente jocoso, como se no ato irracional de violência muitos quisessem ver um efeito moral e, ao mesmo tempo, engraçado. *Você viu?*, repetiam vozes fracas e nervosas, entre risos espasmódicos. Alguns poucos, contudo, encarregavam-se de disseminar o menoscabo, como se os dois mendigos fossem só um dado curioso de alguma esquina, e suas histórias, ecos destinados a fenecer na intempérie, sem reverberações, sem surpresas e sem exéquias.

Depois, como uma névoa matinal em Guarulhos, os “atos”, ninguém os chamava “atentados”, cobriram com o manto da indiferença toda e qualquer outra manifestação. Por que consigo plasmar de olhos abertos uma névoa matinal em Guarulhos? Lembro-me de ter ouvido a ausência de algumas palavras, daquelas banidas das conversas, exoneradas por estarem gastas, como *corrupção*. Repito agora essa palavrinha, essa fórmula mágica: *corrupção*, que junto com *crise* visitaram as bocas cheias dos duvidosos convictos para *explicar* os males do Brasil e do mundo, por décadas. As mesmas bocas deveram se encher de outras inflexões, pois, durante o carnaval, apareceram mais vítimas. Quem não pescou com a rede da desatenção os cacoetes do assombro entre os corais da mesmice: *mudança, ciclo exaurido, perigo, fim dos tempos?*

Desta vez, três prostitutas, um casal gay e dois moradores de rua. A tatuagem era idêntica em todas as testas, um trabalho feito sem pressa, com capricho. Mas o acento não foi mais motivo de discussão porque num paredão da rua Matias Ayres, no qual as três prostitutas algemadas com arame, espancadas com sanha, jaziam desacordadas, a bandeira tinha sido pintada na parede e o lema, escrito em um carmesim escuro, era bem legível: **Ordem é agressão**. Na base do muro, como se fosse a assinatura e com o mesmo tom de vermelho: *O Amor por Princípio*.

O assombro (mas: foi assombro?) visitou todos os rostos quando na Páscoa, após quarenta dias de trégua em que as violências foram

abordadas por esses sujeitos cuja profissão é opinar, mesmo que inopinadamente, em programas televisivos insidiosos, as vítimas foram seis deputados de dois partidos de esquerda. Vestidos de palhaços, em estado de choque, permaneciam com um resto de humanidade dependurado das mãos laxas. Um deles, com os olhos desorbitados, balbuciava numa língua íntima, próxima do estertor. Nas testas dos políticos a tatuagem tinha dado lugar a uma sofisticação, desta vez, o ferro incandescente tinha sido o mecanismo para marcar a pele. Pela primeira vez, também, uma carta (reproduzida por toda e qualquer técnica, incluindo os meios, mas também as vozes improvisadas dos que diziam se lembrar de cor das frases) acompanhava o quadro medonho de lacerações: “O gado desviado dado ao festim do povo! Uma oferenda, ainda nenhum sacrifício!” Assinado por: *O Amor por Princípio*.

Perguntas possíveis do recompor: foi da cidade arcaica que partiu o brado que reverberou em outras? Acaso no Velho Mundo não andavam *justicando árabes* sob o sempiterno sol de Diógenes? Acaso as atrocidades contra os latinos que ainda resistiam no sul dos Estados Unidos não tinham começado antes do infame muro ser levantado?

Afirmações possíveis do recompor: o horror penetra em todas as terras “santas, virgens ou arrasadas”, sem que ninguém lhe proíba o ingresso, como se fosse moeda corrente. A violência e o dinheiro circulam. Os pobres, não. Almas dormem tranquilas capitulando em sonhos seus temores enquanto *outros* praticam o exercício da violência por eles.

3. USP. Junho de 2028

Às vezes é melhor render-se aos fatos. Deixá-los apertados e ordenados do modo em que se sucederam, uns aos outros. A eventualidade. E deixar suspensa a voz que sobrevoa as superfícies. Estava nos jornais e nas bocas tortas dos incrédulos. Eu só vou (re)contar.

A invasão foi calculada de forma maquinal. Todos os portões foram interditados por simulacros de acidentes. As câmeras registraram tudo com seus olhos cegos, mas nada gravaram. Os homens que compunham

a segurança interna dormiam uma sesta de formol. Os bancos estavam em greve, cobertos de cartolinas que explicavam motivos ininteligíveis para qualquer usuário. As nuvens esparsas fugiam do contato entre si, queriam se destacar ou recortar um pedaço do azul profundo do infinito. Os pássaros não achavam palmeiras onde poder cantar. Se acaso gorjearam, ninguém ouviu.

Os grupos estavam armados, levavam capuzes e riam com gozo diante do espanto alheio. Tomaram fácil e celeremente as faculdades de Filosofia e Letras, de Sociologia e Ciências Políticas e de História e Geografia. Renderam os alunos e professores e os sentaram em círculos concêntricos no vão da faculdade de História, sem absolvições. Com o palco montado e o público cativo, os agressores procuraram, farejando rostos descompostos, três professores e dois alunos; nada era fortuito, nada escapava de um plano urdido com a trama do horror. Depois, clínica e metodicamente, arrancaram a língua dos professores e cortaram as mãos dos alunos. (Estupor. Os vestígios da palavra *civilização*, que nascera ensanguentada no parto, apareciam na *não ação civil*; quem observava o espetáculo atroz virava estátua de sal, de cal, de ira infecunda). Ninguém saiu de lá com vida. Mesmo os sobreviventes. Eles estavam vazios de qualquer resquício de humanidade e olhavam para o nada quando interrogados. “A vagabundagem se purifica com fogo” escreveram no paredão do vão da faculdade de História. E do outro lado: “Deixe o passado enterrado, o futuro pertence ao Brasil.” Uma fogueira ardia com exemplares da biblioteca Florestan Fernandes. As chamas invadiram os relatos.

Não é sabido por todos, mas num dos banheiros femininos do segundo andar da faculdade de História, uma jovem aluna de Geografia Política escreveu com batom vermelho na porta do cubículo de um dos sanitários, esconjurando os medos: *eu estou aqui*. Depois fez um X para marcar o lugar. Renata, que assim se chama a jovem, fez as ligações, os torniquetes e as preces; tudo no mais inquieto e imperfeito silêncio.

Não acabou ali! Todo mundo sabe que não foram poucos os atentados *sem bandeira* que se somaram ao terror das ruas nos meses seguintes. E:

O sangue correu para o rio, / pelos ralos, pelos córregos soterrados, / pelas veias asfaltadas, pelas ladeiras, / pelas ruas com nomes tupis e

européus, / pelas praças de heróis sanguinários, / pelo Cerro Corá revivido, / pelas raízes da flora (*mata atlântica*), / pelos formigueiros e cupinzeiros, / pelos fios das calçadas e os velhos cabos de telefone, / pelas avenidas, pelos trilhos do metrô, / o sangue correu em delírio profano / em direção do rio. / E o que era apenas latência / (da violência e da cólera) / espalhou-se como um fogo líquido...

Todo o repertório da perversão foi encenado. A partir do horror da USP, sair à rua foi um ato de resistência; trabalhar, um refúgio; amar, um desafio. Títulos da impossibilidade reinante, recortes de jornais vesgos: “A cordialidade morre engasgada com o próprio sangue.” “A prática esmigalha a teoria.” “O Brasil clemente perece cego de fúria.”

4. Mãos no escuro. Hoje

Que outra coisa, além de escrever, posso fazer? Eu, aqui, debaixo da terra, no submundo submerso dos seres subterrâneos, que outra coisa posso fazer? Com o sangue gélido e líquido percorrendo toda a extensão de meus dias embaixo da epiderme, que outra coisa, além de escrever, posso fazer? No não-cálido recinto tubular, onde o eco se enjoa e se esvai, além da escrita, que outra coisa, eu posso fazer?

Passo as horas reconhecendo a forma de minhas mãos no escuro, na penumbra do entendimento. Depois, demorado mas certo, amanhece o resplendor ambarino de cada dia e coloca sua pátina de realidade sobre as poucas coisas que habitam comigo este ventre tubular. É uma luz mortíça que me permite *trabalhar* as palavras. Minhas mãos parecem duas aranhas no escuro. Às vezes, espero que elas teçam meu destino, ou que cortem algum fio. Fúrias da solidão. Mas, geralmente, anoto cuidadosamente, em folhas que tiro de um bloco, estas notas. Todas as notas. Claro que, quando há luz, também corrijo. A cada dez folhas que escrevo apenas duas sobrevivem. As folhas mortas viram bolinhas de papel que rangem com meu peso, até ficarem úmidas. Folhas, como esta, que nunca sabem para onde apontarão os polegares de *minhas mãos de lume*. Devo ser cuidadoso comigo, com a totalidade das partes que me conformam e

me confirmam nesta maneira de existir, aqui, embaixo, por meio da escrita e da correção. Preciso dessa compensação, desse exercício mudo de leitura e *reflexão*.

Acompanham-me, solitários, como numa ilha de sombra, alguns livros. Recorro a eles a cada tanto. Como se pudesse estabelecer um diálogo. Um diálogo entre sombras. Percorro essas folhas, que outra coisa deveria fazer, aqui, eu, depois da escrita e da correção, além da leitura? Que livro você levaria para um cano deserto para ficar lá por tempo indeterminado enquanto o mundo se desmancha de raiva e de mesquinhez? Que livro deserto você levaria para o mundo? Que mundo isolado você levaria para dentro de um livro? Que ilha mundana, hipotética e utópica caberia num livro?

Escrever, corrigir, copiar, reescrever. É disso que está composto meu tempo. Minha vida toda cabe num traço. Não apenas a vida que tenho, mas também a que poderia ter tido, e, inclusive, a que gostaria de ter. Escrever, corrigir, copiar, reescrever. Ontem mesmo, numa folha sobrevivente, numa folha aproveitada apenas na metade de sua extensão desértica e branca, anotei:

“Essa espera não é acaso o símbolo da vida? Importa o lugar da espera? Importa saber o que se espera? Importa ter, na espera, alguma certeza ou verdade escondida?” Depois risquei toda essa frase com caneta verde, a única caneta verde que tenho. E ficou lá, no escuro da história: des-romanceada, impertérrita, soberana; como tudo aquilo que podendo ter sido dito permanece oculto, mas latente. Como tudo aquilo. Como tudo.

5. Passos dados, dados escritos.

Por que estou aqui? Essa é uma pergunta para a qual não terei nunca resposta definitiva. Tatear as aproximações no escuro meio-dia dos perdidos. Agora que tudo está começado será melhor interpolar essas perguntas, essas estrelas cadentes da dúvida e do desespero. Por que o abandono? Rememorando, se acaso a luz é suficiente, posso trazer ao papel algo que diga, sem receio, os fatos. Um fluxo de palavras que cubra de suspeita,

ao menos, aquilo que morreu no tempo e vive apenas na memória. Sem Arte nem artimanhas.

Posso dizer a verdade, mesmo desta forma insólita, aqui, sozinho; como um cachorro ofegante. Mas não posso, ou não pretendo, responder as perguntas. Posso, isso sim, dizer desta forma debilitada como o uivo sem lua que: Era uma tarde espessa, havia no ar um descompasso, como se o vento não tivesse pautado as regras físicas com a atmosfera. Verônica me ligou, e depois de uma série de voltas sobre o mesmo motivo cotidiano da *loucura* nesta cidade e dos problemas no trabalho, ela disse que estava indo para a chácara do tio Beto em Goiás. Disse chácara ou sítio? Não sei, mas todo o ritmo em espiral, dubitativo, do começo tinha dado lugar à convicção. Não havia na voz dela nenhum resto de arrependimento, remorso ou dúvida, porém o tom era de tristeza. Ela nunca disse a palavra *despedida*, só disse viagem sem data de retorno. Ou era apenas “sem retorno”? O que seria uma viagem sem retorno, para onde?

Uma semana antes desse encontro, duas notícias tinham se encontrado numa mesa de café para se medirem e estudarem como num jogo de xadrez. Eu levava na mochila as provas de meu primeiro romance, *Pós*. Escrito quase dez anos antes, as provas era o último estágio de *Pós* antes da impressão. Mais de dez anos leva um romance para sair de uma gaveta e virar prova de sua própria existência. Ela levava no rosto o gesto dos desesperados. Coloquei as provas na mesa e ela disse: Sandy foi morta ontem à noite por algum grupo paramilitar... Xeque.

Sandy era a empregada da casa dos pais, que tinha sido também a babá que cuidara de Verônica. Segurei as mãos dela e falei em horror. Mas o horror estava no rosto dela e não nas minhas sílabas, como se existisse uma defasagem entre as palavras e as coisas, uma pausa interminável. Ela chorava apertando o lábio num ato de impotência. E eu não sabia como refutar os argumentos dessa desolação. Ficamos em silêncio um bom tempo. Devo ter deitado meu rei com o cotovelo enquanto ainda segurava suas mãos. Ou acaso todas as peças dormiam o sono do fim? E por que agora vem à minha mente a imagem de um rei deitado que deve beijar as cores alheias? Acaso é possível deitar um rei num tabuleiro sem ter de encostar seus lábios nas insígnias que o levaram a essa postura?

O garçom veio perguntar se não queríamos alguma outra coisa. Não. Ela limpou o rosto com um guardanapo. O papel ficou sujo de rímel, uma mancha de rorschach na qual eu via o medo e adivinhava a distância. Ela já estava de pé, beijou minha testa como uma neta o faria com o avô doente e saiu caminhando devagar. Verônica, disse eu. Mas ela não olhou para trás. Nasceu em minhas pernas o impulso de correr, mas a conta não tinha sido paga e eu ainda conservava essa torpeza de civilidade, essa mania de códigos. O mundo desabando na minha frente e eu querendo acertar as contas. Foi isso o que fiz. O garçom disse *boa tarde*, mas se tivesse dito *isto é o fim* seu rosto estaria em perfeita harmonia com suas palavras. Peguei minha mochila e saí andando por aí, como um louco. Sem destino. Sem rumo. Sem norte. Sem estrelas. Caminhei na cidade paranoide, no fim dos tempos, pisando as calçadas e os relatos no mesmo passo; conectando as imagens, fabricando as sombras. As pessoas me olhavam com desconfiança, e eu, secretamente, imaginava que conhecia todo mundo. Andava sem direção na multidão de conhecidos.

Depois, *naturalmente*, dormi no metrô. Acordei com o movimento que um menino de uns seis anos realizava com serena insistência para retirar a mochila de minhas costas. Ele não se assustou quando abri os olhos, só parou o movimento e pediu dinheiro. Esmola virou escola, disse. Quem? Eu? O menino? Alguém que observava? Abri minha carteira e dei umas notas de dinheiro. Dinheiro em notas? Persisti algumas semanas nesse delírio itinerante que era minha marcha, até não reconhecer mais os outros, até não entender nem ver nem medir nem mediar nem saber mais dos outros e fiquei apenas com os gestos alheios, porém sem o sentido.

Aos poucos, com o olhar apurado dos perdidos, identifiquei vários fugitivos. Roupas sujas, olhares esquivos, mas atentos, bocas apertadas, mãos torpes. Fui seguidor e tive um séquito atrás de mim. O metrô foi o ventre no qual toda noite depositávamos o corpo para nascer com o frenesi matutino, palpitantes. Era lá, no metrô, com o ar enrarecido dos pulmões paulistas, que morávamos, como bactérias, como edemas.

Quando cheguei aos canos abandonados, depois de parar minha marcha, aproveitava as madrugadas para voltar ao metrô, recolher os

restos da vida civilizada distribuídos descuidadamente pelo chão da cidade arcaica. Até que, sem desânimo nem prólogos, o grupo se dispersou, sem grandes despedidas. Só um simples e ressonante: *até*. Sem que na mente de ninguém esse *até* se atasse ao futuro. É cada um por si só, disse alguém. Ou talvez eu tenha escrito isso em algum lugar. Num guardanapo. Ou só agora, nesta folha. Ou nunca.

A última vez que vi meu rosto foi quando... Não, não consigo me lembrar disso. Foi numa poça de água suja? Num pedaço de vidro quebrado? Num espelho embaçado? Não, nada disso! Agora me lembro, ao menos do *meio*; foi num sonho. Eu tinha seis anos... no sonho, quero dizer. E eu via meu rosto de criança, porque sonhava na perspectiva de outro; ou seja, no sonho eu era eu, mas estava visto a partir de outro olhar, que também era o do sonho, e por isso eu podia me ver, enxergar meu rosto, saber que eu era eu, apesar da distância, do olhar oblíquo. Uma personagem de meu próprio sonho, essa é a melhor maneira de dizê-lo. Não pressentia nenhum outro ser além de mim, mas o sonho não passava *através* de meus olhos, atravessava-me... Ao despertar, não precisei ver meu rosto para saber que eu era eu.

Quando a luz me dá apoio e algo de sossego, escrevo fragmentos de um romance que não poderá ser jamais um romance. Escrevo, na verdade, inúmeros romances. Todos os romances do subsolo, do subentendido. São capítulos soltos, vozes estranhas e íntimas que habitam a penumbra que me circunda, mas cujos corpos divagam no exterior. São sombras de tinta que pretendem abolir o romanceado enquanto o romance impossível é escrito. Uma maneira de matar o tempo. Uma maneira de ser. Uma maneira de sobreviver.

Último trecho / Capítulo I — Voltando à ficção. Vivendo na realidade.

Num terraço do qual se contempla a cidade arcaica distanciada, bela e imperfeita, um grupo de possíveis alvos se refugiava atônito e ofegante. Todos eles tinham pulado catracas, mas o segurança, seu Anselmo, fez

de conta que não viu nada. Ninguém se conhecia, nem poderiam se conhecer. Mas descobriam no medo alheio o diapasão onde afinar as fugas. Os olhares no elevador perscrutavam o insondável, queriam atravessar o silêncio, mas acabavam cegos nos espelhos que duplicavam o espanto. No terraço foram se acalmando. Fugir em conjunto os colocava na situação de participar de uma realidade moldada apenas para eles, um microuniverso no qual podiam respirar, únicos e autênticos, por um tempo.

O terraço era formidável. A luz cega. Cegar a luz. O grupo permaneceu alguns minutos em discórdia arrítmica de cansaço. Por que ninguém falava? Por que continuavam a se olhar como perdidos? Finalmente, e em contradição com a fuga, João subiu à parede do terraço e ameaçou pular. Ele até disse *adeus*, mas ficou esperando. Não pulou. A rua lhe pareceu um meio e não um fim. Pensava (talvez) por que ninguém tinha piedade dele, por que ninguém lhe impedia o salto que, contudo, ele não dava? Então uma mão desconhecida e trêmula se estendeu em sua direção. E uma voz que parecia provir da mão diz: desce daí, garoto, para de causar mais agito! E ele desceu. E outra voz, nem serena nem eufórica, completou: se você se jogar, vão saber que todos nós estamos aqui.

Depois reinou um silêncio cúmplice. Ninguém sorriu. Buzinas não combinam com pombas. O silêncio durou uns minutos. Houve uma única cena registrável, antes da dispersão final. Sílvia disse: Gente, para que correr desse jeito? Para que trabalhar por um salário miserável de segunda a sexta, para pagar contas e planejar umas férias uma vez por ano? Para saber que vamos morrer de susto ou de velhos covardes? Por que devemos juntar forças para ver um amigo ou um familiar? Para trocar frases sobre o nada? Para quê? Iolanda: Ao menos você planeja uma viagem uma vez por ano. Eu trabalho de segunda a sábado, me endivido para pagar as contas, não tenho tempo de ver minha família que mora longe, mas me encontro com amigos aos domingos, numa capela. E rezamos por todos, também por você, moça. João: Obrigado, agora estou mais calmo! É, estou sendo irônico. Como ninguém riu é melhor deixar claro. Meu irmão está preso e incomunicável. Minha mãe, doente, só repete num colchão úmido sobre um chão úmido que seu filho está morto. Ela fala isso para mim, todo

dia, entendem? Eu também sou seu filho, mãe, digo eu. Mas ela começa a chorar. Meu pai morreu ou nunca mais voltou. Sei lá... É que minha mãe mata os ausentes! Pra mim que o velho pegou um ônibus e se mandou pra Tocantins, de onde veio. Sou fugitivo. Por que me olham assim? Ah, sim, sou preto também. Férias? Capelas? Amigos? Quem me dera! Jose-nildo, que só tinha observado o grupo e ouvido com atenção os relatos, subiu na cornija do pequeno muro que rodeava o perímetro do terraço, abriu os braços para estupor dos presentes ocasionais e disse: Eu já estou morto, mas ainda consigo me equilibrar. Corro atrás dos desprotegidos, mostro-lhes as passagens, dou-lhes o hálito e empresto-lhes a palavra. Depois, deixo-lhes o ânimo e o dever de ser, de lutar, de resistir. Amo todos eles, amos todos vocês... O que ainda não sei é se consigo voar...

♦ ♦ ♦

Diego A. Molina — Nasci em Buenos Aires, no turbulento ano de 1975. Estudei violino no conservatório Alberto Ginastera, mas troquei as cordas pelas Letras definitivamente em 1999. Sou Licenciando em Letras Modernas pela Universidade Buenos Aires (2007); Mestre em Literatura Brasileira pela USP (2011) e Doutor em Literatura Latino-americana pela USP (2015); realizei um Pós-doutorado em Literatura Brasileira, USP (2018). Sou pesquisador, escritor, roteirista e tradutor.

Publiquei uma adaptação do conto “Um esqueleto” de Machado de Assis para HQ, pela editora Pulo do Gato (2015) e o livro de contos *Poças / Espelhos* pela Amazon (2019). Participei em grupos de pesquisa em São Paulo e Buenos Aires e publiquei diversos capítulos de livros, artigos e ensaios em Buenos Aires, São Paulo, Florianópolis, Rio de Janeiro, Mendoza, Leipzig, Cidade de México, Holguín (Cuba) e Bogotá.

Escrevo em português há mais de dez anos. Como afirma Cioran: “Não se habita um país, habita-se uma língua. Uma pátria é isso e nada mais!”

DENTES AO VENTO

■ Milene de Almeida Silva

Do céu limpo e alto, o sol raiava com mansidão. Sentada no ônibus que vai de bairro a bairro, passando alegremente pelo centro da cidade, ou o que restou dele, Bete refletia a respeito das mudanças que enxergava em 2029. As ruas, as casas, o clima não pareciam os mesmos desde que voltara do exterior, e não fazia tanto tempo que ela havia deixado o Brasil!

De alguma forma, através do medo, aquele partido extremo, no poder há quase dez anos, prometera colocar ordem no lugar e nas pessoas. Um poderia perguntar-se, seria *isso* ordem? Ordem é uma palavra muito ambígua e periculosa. Ordem pode combinar com dever e terminar com morte. Operar dissimulada no alfa e no ômega. E por ordem de quem?

As pessoas estavam diferentes. As cores também, até mesmo na bandeira. Para melhor ou para pior, era complicado dizer, partindo da gama infundável de atrocidades que se via andando pelas ruas... *Nossa!, que extraordinário!* À janela, percebendo os passageiros como vultos, árvores semivivas, ia Bete no transporte automatizado rumo a uma entrevista de emprego. A firma ficava longe demais para aguardar por uma audiência, e suficientemente perto para quem não tem outra opção.

A jovem baforou, não queria sentir-se confusa e magoada como estava, na sua cabeça havia baderna e incerteza. A desagradável e repetitiva conversa com a mãe acontecera pouco antes de sair de casa, difícil de esquecer. A mãe, sempre orgulhosa, nunca admitia seus erros. Insistia em dizer que a culpa era do outro, e Bete tinha aquele fato como inaceitável para todos; principalmente para ela!; a quem o tal fatídico assunto atingia mais. Nunca haviam lhe contado sobre sua *quase* irmã, e como esse

conhecimento afetou sua existência quando revelado! A decisão de terminar com a vida de Maria, enquanto ainda estava no ventre, nunca deveria ter sido tomada somente pela mãe! E mais! Acaso não tinha o direito de saber que sua irmã mais velha havia dado seu lugar a ela?

Bum! Bum! As costas batiam no apoio dos assentos, inúmeros buracos na rua! Onde está a ordem?, outro poderia questionar, mas não ela... Queria fazer as pazes. Agarrou com força a sacola de dentes-de-leão, não podia perdê-los, eles eram sua dianteira. Entretanto, se amassasse demais a sacola de papelão, machucaria seus dentinhos.

Beth pensou consigo: nunca havia contado o que o patriarca da família fizera e deixara em *seu* corpo. *Isso* a mãe não se interessava em saber ou *decidir*! A moça expirou desolada e decidiu esquecer-se de vez daquela história com a mãe, pois só fazia irritar e atrapalhar!

Lá fora, o tempo escurecia. *Caras feias, sombras estranhas!*

Finalmente, descida do ônibus com seus dentes-de-leão quase intactos, Bete encontrou a rua onde aconteceria a entrevista. Bonita rua, com flores nas casas e cachorrinhos passeando com donos. Avistou um militar com a moto estacionada em cima da calçada, como dono da rua... e era bom... vizinhança abastada bem segura.

Passou pelo homem fardado e continuou buscando.

Enquanto procurava pelo número indicado, ouviu vozes, mas se deiteu em sua busca. Queria muito que desse certo aquela entrevista — era sua última chance... Achou o endereço logo ali! Ah, que ótimo! Apesar de se considerar uma mulher corajosa, sentiu o coração acelerar.

Ainda parada em frente ao número certo na rua da firma, ela ouviu o varão fardado quase gritar com uma moça vestida de forma extravagante e particular. Percebeu que ele exigia ver seus documentos, como se ela tivesse cometido um crime, uma moça tão bem vestida e amável!, mas foi quando ela respondeu que Bete percebeu sua voz grave e pesada, quebrando o disfarce. Sem civilidade, o fardado agarrou-a pelo braço e começou a arrastá-la. Os protestos da *moça* ficavam cada vez maiores, até que reagiu de maneira violenta e foi baleado, caindo ao chão de vestido.

Bete pulou, com o choque da adrenalina nas veias, o sangue corria rápido pelo corpo e pelo asfalto. Os lábios se entreabriram num respiro quente. Ergueu a mão livre ao peito, tentando recuperar o fôlego. Por um segundo, ao assistir o desfecho da cena e recordar o barulho do disparo da arma, não podia acreditar no que vira. Contudo, *essa* era a realidade agora e por isso era preciso adaptar-se ou sofrer as consequências.

Por mais que se comovesse pelo ser humano jazido ao chão, não podia meter-se ali. *Nossa, como estava escuro!* Afinal, não havia nada que ela pudesse fazer...

O casarão do endereço parecia abandonado... Janelas lúgubres trancadas, laterais com alta vegetação árida, folhas secas espalhadas pela varanda de madeiro corroído e um longo caminho até a entrada.

Muito bem!, ela ajustou a blusa no corpo e caminhou rapidamente em direção ao portão de ferro gasto na entrada, cambaleou nos saltos que decidira de último hora colocar, e ignorou a memória da recente cena de mal-entendido.

Com dificuldade e certa oscilação, Bete puxou o barulhento portão e entrou. As escadas revestiam-se de lodo, então subiu cada degrau com cuidado.

Tocou a telinha de plasma azul fixada ao lado da porta, a fim de acionar o computador de recepção. Uma sineta ressoou no interior da habitação.

— Nome? Propósito? — perguntou o pequeno computador.

— Meu nome é Bete Duarte, eu vim para a entrevista. — informou ela prontamente.

Fez-se silêncio e Bete aguardou. Nervosa e de sacola na mão teve que esperar por um longo período. Acionaria novamente a sineta? *Melhor não.* Assentou-se segura com seus segredos.

Não teve jeito, todo aquele tédio de espera inflamou-lhe pensamentos pecaminosos, a súbita e precoce morte do moço de vestido recomeçou a latejar. Quanta violência e intolerância haviam surgido num prazo curto, sim curto!, de tempo naquele país! Política não era um bom tema

para conversa, muito desapropriado ultimamente, por isso quanto menos se falasse, quanto menos se soubesse, melhor seria! Alguns assuntos são simplesmente proibidos... Os dedos se retraíram e foram apertados contra a palma da mão, por isso ela expirou comprido num biquinho de batom.

A porta abriu-se bruscamente e, com inesperado sobressalto, a visita sorriu desconcertada.

Foi uma mulher uniformizada e sisuda quem atendeu.

— Sim?

— Meu nome é Bete Duarte, eu vim pra entrevista. — ela já não tinha respondido à recepcionista virtual?

A mulher de cabelos claros e oleosos, roupa justa e ordeira, olhos azuis vidrados, mediu-a inteira — parecia conferir a veracidade do que a estranha dizia. Então estendeu o braço, pedindo que entrasse.

Ao atravessar a porta, Bete ouviu um *bip* de conferência do detector de metal anexado ao batente. Olhou para cima. *Que estranho!*

Por feliz acaso, as dependências no interior daquele lugar eram deveras limpas, claras e agradáveis. Cores neutras, que não diziam nada, e móveis quadrados nas linhas da correção. Bete volveu-se à mulher de olhar sombrio e reparou um *chipe de transparência* na lapela de seu casado, ainda sem nada dizer, apertou os lábios tentando sorrir. A jovem candidata já tinha ouvido falar sobre aqueles *chipes*, eles continham uma câmara e serviam para acompanhar conduta, fiscalizar atividades e discussões de cada colaborador, dessa forma a empresa que instalasse o circuito eletrônico, poderia monitorar seus funcionários — visando um melhor desempenho.

— Sente-se na primeira sala à direita e já lhe chamaremos pelo nome. — disse secamente.

— Sim, obrigada. — respondeu o mais educadamente que pôde. Boa postura e educação eram fundamentais em tais situações!

Lentamente, os pés inseguros caminharam até o aposento. Havia duas pessoas já acomodadas na sala, lendo revistas. Bete procurou uma cadeira livre, apanhou uma das revistas vencidas para se enturmar e foi sentar-se. Distraidamente cruzou as pernas, repousou sua sacola ao seu lado no chão e retirou a pequenina bolsa para encaixá-la pela alça na cadeira.

Antes de olhar a revista, avistou um jardim através da enorme janela. Pôde ver um caminho na grama com delicados galhos a cobri-lo. Rara e deliciosa área para uma tarde de leitura! Respirou em paz consigo mesma por ter conseguido uma oportunidade como *aquela* num período como *aquela*. Estava difícil encontrar emprego em outras áreas que não as de saneamento, nas usinas nucleares e forças armadas! Ela era uma menina de sorte!, dizia a mãe: havia deixado toda aquela baboseira de crítica literária livre, de palavras ao vento, para dedicar-se ao alinhamento da mente, do comportamento e do pudor, dotes preciosos e de imenso valor. Casar com alguém ajuizado e bem relacionado era outra pendência, a mais difícil para ela. De repente, dada melhor inspeção visual, Bete percebeu que não havia quintal florido lá fora, havia uma tela 4K parafusada na parede que reproduzia a gravação de um jardim.

Não podia deixar de hesitar, sozinha em sua mente, a respeito de tudo que abrisse mão para voltar a seu país!... O rancor fazia o peito espremer-se e o dorso se curvar... Lembrou-se da irmã. Largada sozinha na escuridão, desprovida de amor. Quando regressou ao seu país, deparou-se com familiares em situações financeiras *muito* piores, por pouco miseráveis! Respirou fundo lamentando, talvez tivesse sido melhor nunca ter voltado!, diria Maria.

Subitamente, olhou ao seu redor, tudo permanecia inalterado, então decidiu checar a revista, tinha receio de incursão cognitiva por *sharpshooting*, como tinha sido anunciado pelo departamento nacional de segurança e ordem. Cerrou os olhos em busca de autocontrole. Nunca diziam tudo, sempre uma versão da mentira e nunca de uma verdade. Bete sacudiu a cabeça e começou a folhear o exemplar nas mãos, parou numa matéria que contava como foi vetada a decisão judicial de punir as empreiteiras locais pelos efeitos devastadores produzidos por seus produtos químicos lançados nas últimas reservas no Mato Grosso, pois o ato havia sido reivindicado pelo grupo de anarquistas, a ALCI... Nas páginas seguintes, em preto, um alerta emergencial para o estado crítico de poluição por plástico nos oceanos, como parte da iniciativa de tomada de poder dos mercados tecnológicos pelas empresas das mega-regiões asiáticas e europeias — a

fachada usada pelos gananciosos ateístas investia na dessalinização das águas marinhas, para corrigir correntes marítimas e salvar espécies fundamentais aos seus comércios. Logo depois, a notícia de que haviam encontrado o corpo da brasileira desaparecida na Alemanha, e seu cadáver mostrava claras evidências de tortura por perseguição religiosa... Então, por fim, a seção seguinte exibia uma coleção de fotos com o tema *Mulheres Convenientes e Exemplares, as Melhores*.

— Bete Duarte! — gritou a mulher sisuda de roupa ordeira.

Ela levantou-se sem tardar. Largou a revista, como se fosse material contaminado, recolheu os dentes-de-leão e a valise.

Seguiu a mulher até o segundo andar, que diferente do térreo, estava empestado com quadros antigos de molduras rebuscadas e podres, as pinturas neles eram caóticas. As paredes, por sua vez, estendiam-se cobertas com papel velho listrado. Um alto jarro vermelho sangue no canto guardava a atmosfera do transcendental, a peça decorativa gelou as entranhas de Bete. Ela girou os calcanhares em direção à sala que a sisuda mulher a conduzia, porém, pelo canto do olho, ainda encarava o terrível vaso de sangue. Ficou secretamente feliz por deixá-lo ali.

A mulher apontou-lhe uma das portas fechadas, entre as demais no comprido corredor, repleto de escuras portas, que se estendia de ponta a ponta na construção. Quantas repartições existiam ali!

Sem esperar uma resposta, a funcionária desceu as escadas correndo. Mulher odiosa! Porém, todavia, estava tudo bem.

Só, Bete caminhou em direção a sala e seus pés faziam ranger a madeira do chão. Curiosa, mirou o assoalho e ele tinha aspecto úmido e cheiro de bolor. Novamente, o coração pulsava, nos ouvidos havia pressão e os pés remexiam-se nervosamente dentro dos sapatos. Um incerto sentimento reconhecido por ela brotava dentro da alma, assim, ela parou de andar e o barulho cessou. Por que estava fazendo aquilo? Nem queria trabalhar ali, afinal.

Ao virar a cabeça pra trás, seus olhos voaram pelo corredor, o qual havia ficado impossível de ver o final. Ela estreitou o olhar. Não havia

nada ali, além da escuridão. *Que gelo aqui! Céus!, que líder, supervisor ou gerente trabalha num lugar como esse? Não era normal! Seu corpo começou a tremer involuntariamente com o frio.*

Ela respirou fundo e voltou-se para continuar, entretanto foi obrigada a volver-se à passagem escura por causa de um novo barulho. Uma voz... Passos...

Com as sobancelhas enrugadas e a respiração ofegante, Bete tentou novamente entender o que via e ouvia. Parecia alguém, um vulto, que vinha do final do corredor como fumaça. Os pulmões foram comprimidos provocando enorme desconforto, mas... Aquilo era loucura! Não havia ninguém ali! Decidida, e aliviada com a própria coragem, ela começou a girar o corpo de volta ao seu caminho, então... A voz falou como um sussurro em seu ouvido.

— Maria!...

Sem voltar-se, o corpo gelado paralisou-se. Não podia ser! Lembrou-se dos campos em Lion, na França.

Ela fechou os olhos com força.

As pernas principiaram a vibrar com insistência; não era por medo, era outro tipo de emoção desgovernada e repentina. Queria correr de volta à rua, mas tinha receio de tentar. Mesmo porque precisaria retornar pelo corredor até a escada. O que fazer? Bete experimentou uma rajada fria atingindo suas costas, não tinha... Ela não tinha certeza de que poderia continuar de pé por muito tempo mais. Dava para ouvir a pulsação que aquecia os braços. De olhos fechados, a boca liberava a expiração latente e cálida, que formou uma nuvem no ar. As pontas de seus dedos estavam frígidos e, involuntariamente, sua mão alcançou a parede desesperada por apoio. O gelado subiu pelas pernas como emanção, entrando em sua roupa amarelada — um hálito íntimo e congelante atingiu seu cangote, como recado.

Ela não podia virar-se, então a voz aproximou-se.

— Maria... O que... está fazen...

De repente, uma das portas abriu-se.

— Ah! — O desespero de Bete gritou.

— Senhorita Duarte?

Um homem alto, de paletó preto e calças cinzas apareceu.

— Estou esperando a senhorita bater à porta há dez minutos!
— indignou-se ele.

Bete pestanejou, respirou várias vezes em soquinhos, da maneira mais disfarçada que pôde, e no peito o coração ainda batia fortemente.

— Desculpe! — acudiu ela com a mão livre ao peito.

O homem examinou-a dos pés à cabeça e esticou os lábios.

— Está bem. Venha, entre. — chamou ele.

De pernas bambas, ela atendeu-o.

Ao entrar, avistou o gêmeo idêntico do vaso cor de sangue na esquina do corredor, logo percebeu que não se livraria tão cedo. Ele havia enviado o irmão para atormenta-la.

— Pode se sentar, senhorita. — comunicou o homem com um grande sorriso nada sincero.

— Sim. — ela sentou-se, arrependida por estar ali com seus dentes-de-leão. É mesmo! Com toda a comoção, quase se esquecera de seu trunfo. Sorriu-se recuperando o humor vagarosamente.

— Muito bem, vamos ver o que temos aqui. — ele apanhou uma folha de papel da mesa, que, pelo que ela podia enxergar, era seu currículo.

— Bem, antes de qualquer coisa, gostaria de dizer que estou muito feliz por essa oportunidade. Inclusive, até trouxe comigo uma surpresa para demonstrar ideias que tive para dinâmicas de exposição e propaganda em nichos eletrônicos específicos.

O homem arregalou os olhos, perplexo.

— É mesmo? E como sabe quais áreas que nos interessam e quais dinâmicas se aplicam às empresas que atendemos?

— Ah... Bem, na verdade, eu pesquisei o histórico e a atuação recente da Franco&Caneca para entender os ramos de atividades que *provavelmente* interessariam, mas peço desculpas se me antecipei demais. — respondeu ela espiando seus dentinhos na sacola.

— Tudo bem. Agora, o que mais nos interessa é *você*! — afirmou ele aproximando-se da moça.

Bete ficou ali, perdida e incomodada. O homem principiou a falar como se eles tivessem vasta intimidade. Ainda assim, ela precisava do emprego... Certo? Mirou o impertinente cântaro rubro que retrucou seu olhar.

— Sim, está bem. O que o senhor ainda precisa saber que não está em meu currículo?

Ele gracejou e foi apanhar um copo de água na mesinha de canto.

— Aceita água?

— Sim. — Por que não?

Teve tempo de lembrar-se de sua vida francesa antes de regressar ao Brasil, de seus debates, estudos e namorados. Tantos estudos e preparo pra quê?

Ela afastou-se do apoio da cadeira, a fim de retirar os cachos de cabelo presos nas costas e deixa-los livres atrás do assento.

— Então... — ele ofereceu-lhe o copo com água. — Me diga, é casada? Tem filhos?

Ela riu-se e tomou um gole da água.

— Não e não.

— Mesmo? Tão bonita como você?

Bete não respondeu, mas encarou o vaso.

— Sabe... — Ele retornou até sua poltrona. — Mesmo com sua bela aparência, não deve demorar muito. O tempo passa rápido quando se quer ter filhos. Tique-taque, tique-taque...

Bete tomou outro gole, *grande* e engasgado.

— Sabe, eu não sei o que passa na cabeça das mulheres hoje em dia. Graças a Deus! estamos quase de volta ao eixo natural que acerta as relações, onde tudo tem seu lugar próprio e seu papel. Rosa e azul, entende? Odeio confusão, você não?

Ela fez que sim com a cabeça. Respirou fundo e segurou o ar dentro de si, queria voar como um balão.

— Nunca pensou em ser secretária? Tenho uma vaga aberta, se quiser tentar também.

— Não, obrigada. — respondeu ela vagarosamente e libertina. O espectro do corredor, de alguma forma, estava parecendo muito mais agradável.

— Entendo. Bem, vejamos. — afirmou ele ao apanhar novamente o currículo.

Bete aguardou, olhou desoladamente do jarro para os dentes-de-leão, dos dentes-de-leão para o jarro.

— Aqui diz que nasceu em 1977, no mesmo ano que eu, que coincidência! O que mais? — ele bateu no papel com o dedo indicador algumas vezes e completou. — E... que morou fora do país até o final do ano passado? Que bom que voltou! Coisas loucas estão acontecendo no estrangeiro. Aqui estamos em ordem, aqui estamos seguros! Somos a melhor nação pra se viver atualmente, não é verdade? — e ele continuou, sem dar tempo de resposta. — Sim! Com certeza! Bem, veja! Aqui diz que fala quatro línguas. Isso não será útil aqui, a não ser talvez pelo espanhol, mas... Vamos ver... Não diz qual sua religião.

Bete, mais perdida do que julgou possível, entreabriu a boca e a voz não saía.

— Deve ser católica, vai a igreja?

— Eu...

— Saiba que essa empresa preza pelo Papa como nosso representante espiritual. Inclusive, há um grupo feminino de prendas e cuidados da família na empresa que acredito você deveria participar, mesmo que esteja abaixo da maioria das funcionárias, pois são casadas, ainda assim será bom!, pode aprender muitas dicas importantes.

Bete começou a sentir vertigem, e uma espécie de enjoo.

— Senhorita? Está tudo bem?

Ele ergueu-se e foi até ela, segurando-a pelos ombros.

— Não... Não se preocupe, estou bem. — tranquilizou ela. Apanhou um lenço do pequenino pacote dentro da bolsinha e limpou o suor do buço.

Quando ergueu a fronte, encontrou os olhos masculinos fixos, como dois predadores, caindo no decote que repartia a camisa e abria um vislumbre do sutiã. Ele passou a língua pelos lábios e apertou suavemente o ombro da deliciosa candidata.

— Senhor? — chamou ela.

— Ah, sim! Perdoe-me, fiquei preocupado com você. Se precisar de alguma coisa, posso ajudar.

— Acho que não, obrigada.

Ele dirigiu-se a sua mesa e Bete pôde ver a mão masculina ascender até a bainha da calça.

Ela rodou os olhos. Ansiava voltar ao vulto do corredor mais do que nunca.

— Ah... O senhor é casado? — perguntou ela, tentando distrair-se.

— Sim, claro. Tenho as fotos aqui de uma *bela* família, são cinco filhos! Temos ligações diretas com os Silveira de Brasília. — terminou ele com uma piscadela.

Ela começou a passar mal, porém não mexeu um músculo sequer.

— Sua esposa tem contato com o deputado de Brasília?

— Não! Claro que não, que ideia! Imagine minha esposa! Ela cuida dos nossos filhos e seus afazeres, obviamente. Imagine, a pobrezinha! Meu irmão tem contatos com alguns deputados de grande influência, sabe... Assim, temos bastante prestígio aqui. Muitas oportunidades de crescimento profissional.

Apática, Bete encarava o homem.

— Bem, eu vejo que já deu o horário de nossa entrevista. Uma pena. — informou ele.

Satisfeita, Bete levantou-se mais do que pronta para o fantasma do corredor.

— Entretanto, senhorita Duarte. — ele veio caminhando em direção à ela. — Sinto que ainda não conseguimos discutir suas reais chances nessa empresa. — Ele pousou a mão direita no braço de Bete.

Ela não respondeu, não queria ser rude. Ele não imaginava, mas ela era faixa amarela no Muay Thai.

— Ainda tenho um horário livre hoje mais tarde, se estiver interessada. Sinceramente, acho que você se encaixaria perfeitamente na minha vaga de secretária. — Os olhos tigrescos voltaram em ação. Sempre funcionava!

— Infelizmente, eu acho que não, senhor. Tenho compromisso, mas fico esperando o retorno da firma para a outra vaga. Mais uma vez, agradeço a oportunidade.

Bete deu adeus ao vaso vermelho, pegou suas coisas e saiu da sala. Aquele *cântaro* era algo invasivo e obsceno.

O homem ficou refletindo que ela havia saído sem ter sido liberada, o que a tornava alguém sem decoro. Uma mulher com atitude muito errada para seu sexo, deduziu ele. Não havia espaço ali para alguém que não conhecesse seu lugar.

Ao deixar a mansão horrenda, Bete permaneceu parada na calçada sentindo-se tão bem, que ficou intrigada — sinceramente não conseguia se lembrar da última vez que se sentira assim. Riu-se no escuro. Ah, sim!, lá fora a claridade havia sumido de vez, porém, de alguma forma, estava menos escuro do que naquela sala. Tudo era tão estranho! Não, *estranho* não é uma boa palavra para descrever o que testemunhamos, Bete! *Sinistro* é bem mais adequada.

A moça ficou olhando para o inutilizado conteúdo na sacola de papelão, *que perda de tempo!*, ela sabia o que havia do outro lado da rua, na calçada oposta, então ergueu a cabeça e encontrou a silhueta. Sua sombra favorita. A boca preta, os cabelos em caracóis soltos ao vento, os trajes lívidos e imundos de sempre, olhos negros como a madrugada de intensa profundidade, e as mãos cobertas com ataduras sujas.

Lá estava ela!

— Oi, Maria. — disse Bete baixinho.

Maria só confirmou com a cabeça. Era uma ligação que ninguém jamais poderia entender, era uma união de coração. Bete conhecia a irmã, sempre conheceu. Afinal, ela vivia a vida de Maria, pois era justo Bete confiar a ela seu rumo.

— Eles não te merecem, Maria!

— Também não te merecem, Bete querida. Não há lugar para nós aqui!

Bete concordou. Inspirou o ar frio, ela bem que tinha tentado! Em sua alma a paz residia novamente, uma sina brilhou e alastrou-se... Ela largou sacola e bolsa ao chão, sacudiu as mãos de ataduras e voltou-se para irmã.

Sorriam uma pra outra.

— Venha, querida, não tem jeito. A ordem do dia é que voltemos à Jean Moulin e deixemos os pedaços livres ao vento.

Feliz, ela ergueu a cabeça, mirou o céu, o negrume cobrindo como manto gelado. O odor era de lodo e cloaca, a sensação de melaço refrigerante. Era parte da vida e da morte.

— Sim, vamos.

Ela catou a sacola e a bolsa do chão e caminhou em passos de sangue até o cruzamento, atravessou a avenida em movimento e os carros, tentando desviar-se, frearam desgovernados. O barulho das colisões de metal eram sinfonia para ela, Maria continuou caminhando com um dos dentes-de-leão na mão. Soprou-o pelo ar. Maria sempre adorou dentes-de-leão.

♦ ♦ ♦

Milene de Almeida Silva — Em 2012 conclui a graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na faculdade Anhembi Morumbi, depois cursei pós-graduação em Sexologia e Psicologia, com ênfase em Identidade de Gênero na Literatura, meu trabalho de conclusão de curso foi o estudo da identidade feminina da protagonista na obra Helena de Machado de Assis.

Foi somente em 2018, com a oportunidade do Mestrado, que pude iniciar uma análise que tanto desejava. Atualmente, sou mestranda do departamento de Letras Modernas em Inglês na Universidade de São Paulo, e estudo a identidade feminina da protagonista em Lady Susan de Jane Austen, utilizando principalmente a Semiótica greimasiana.

Durante a faculdade, criei um clube de leitura dedicado às obras da amada autora, um grupo de leitoras, de nome Jardim do Livro, que se reúne para debates até hoje, possui um blog e uma página no Facebook, e atualmente reparte leituras diversificadas — não apenas a literatura Inglesa, mas a Brasileira e mundial também, com publicações de várias épocas, tocando desde clássicos até obras contemporâneas.

EXPERIÊNCIA DE USUÁRIO — BRASIL 2029MG

■ *Silvio Rhatto*

1

Pim Pum. Bom dia, jovem empreendedor! Vamos acordar? Sua nanoempresa individual fechou ontem com score 0,4. Saldo devedor de \$25.483,00 com juros de 1% ao mês. Seu custo de vida diário é \$348,75. Você precisa se esforçar mais! O sucesso só depende de você! :smile: :thumbs_up:

Humm....

Seu hit favorito da semana é Jesus Lacração do conjunto Fúria Messiânica:

Shurubalah!

Profanadores de Túmulos Não Passarão

Bello Tchau Bum!

Tchum Tchá Tchá Tchum Tchum Tchá!

Rot Rot Rot!

Castiga a mulherada! (fade out virando som de fundo)

Duas super ofertas de #trabalho para #hoje: Capataz de Limpa Fossa na Av. Heróis da Pátria ou Teste de Remédio Experimental.

Nossa, gostei desse sonho que o Dreamr me mandou! Tá cada vez melhor. Acho que vou assinar o Premium pra ter aqueles microsonhos quando tiver no trem.

Sem créditos para isso! Você anda gastão. Escolha seu emprego do dia. Você deu sorte com a chance de testar um novo remédio, ganhar \$103,80 e colaborar com a sociedade.

Porra, ainda tou sem grana. E queria mandar mais moedinhas pro #crowdfunding dos Expedicionários da Terra Plana. Eles vão chegar lá, vão furar o muro de gelo e tirar o Encosto do mundo.

Sei que daqui 2 segundos você vai sentir vontade de trucidar alguém, Lobo Solitário! Hohoho, te conheço!

A culpa é do Encosto. Abrir App Julgamento Popular.

Gangue esquerdista. Olha só pra esses caras. O do meio é viado com certeza.

Por mim pode matar.

Grato pelo civismo!

Agora tome sua ração de javaporco, vista seu terno azul favorito e vá trabalhar.

Gulp gulp. Limpa-Fossa. Fala sério. Ninguém merece.

Ok, vou testar o remédio. Pensei que já usavam os vagabundos dos presidiários pra isso.

Usam, mas você é uma das poucas pessoas que dão match com o teste.

Vá rápido! Outro candidato já tá indo pra lá e o prêmio caiu para \$95,32, Imposto Único já descontado.

#diademerda talkei...

2

Pegue a linha azul e desça na estação Castidade.

Suprimindo pensamentos inúteis até você chegar e ligando modo autopiloto. Recompensa de \$3,20.

Mantenha-se à direita.

Odeio metrô. Nossa, que #gostosa. Quero estuprar.

Sem chance. Essa é de família. Não tem mais vadias de esquerda pra encoxar neste vagão. Nem na cidade.

Você está muito agitado hoje. Ligando OrgasmatrON...

Oh! Oh! Oh! Uff... obrigado.

Custou R0,32 no Plano Flex Pós.

Agora passe o tempo jogando CandyClysm.

Bola. Quadrado. Quadrado bola sobe sobe lado desce desce. Oba!

Anúncio Patrocinado! Liberte a Polícia que existe dentro de você: denuncie os pedintes e ganhe \$2!

Bola gude. Bom. Vermelho. Saliva. Suco. Prêmio prêmio!

\$0,75

Modo Roleta Russa Tudo Ou Nada. Espinho. Facada. Bomba. Melancia. Droga...

Perdeu. \$0,93.

Posso jogar Cem Dias de Ilha de Caras?

Não. Quem contou disso pra você?

Vi num anúncio na rua.

Era ilegal. Esqueça.

Esquecer o quê?

Ei, você ainda não assistiu Cinco Minutos de Aquário Aquecendo Até Ferver! Veja agora.

Ok.

3

Saia do trem.

Vire à direita.

Em 8 metros, vire à esquerda.

Mantenha a direita na escada rolante.

Mantenha sempre a direita.

Atravesse a catraca e vire à esquerda.

Suba a escada rolante.

Ao sair da estação, vire à direita e siga por 100 metros.

Entre no prédio à esquerda.

Entrada autorizada.

Pegue o elevador F.

Subindo.

Saia à direita. Direita.

Pegue o pacote no locker que está aberto na parede à frente.

Abra e tome o comprimido.

Ephemerol de Claril Crocodileno.

Não leia. Engula. Mais confiança, empresário!

Gulp.

Parabéns! \$95,32 na sua conta! Tenha um bom dia.

Saia do prédio. É propriedade privada e sua presença será indesejada em 5 minutos.

4

Ok, tou na rua. O que eu faço agora?

Sei lá. Não tem mais trabalho pra você hoje. Veja umas notícias...

EXTRA! Rebelião em Bangu 36 termina com 7 mil mortes!

Navio-Presídio Guanabara 8 afunda por excesso de peso!

Snipers robóticos fazem novo recorde e abatem 3582 num único dia deste verão! Fetos de todas as gestantes mortas resgatados com sucesso!

Relógio do Juízo Final ajustado para 23:59:35!

#PQP!

A minha cabeça tá doendo...

Criança maior de idade faz 12 reféns com o drone-metralhadora do pai em Osasco!

Lulu Monteiro instala prolapso retrátil de 4 polegadas! Confira as imagens!

Bolão da Rinha Humana acumula 12 milhões na Lotérica Federal! Faça logo sua aposta!

Argh. Tá esquentando... meus olhos tão que nem ovo frito!

Morte por apedrejamento re-estréia com casal pego se beijando em público!

Aaahh.

Previsão do Tempo: 6 barragens devem estourar neste final de semana com a passagem de mais um ciclone!

Aaahhhhhh...

Ministério da Família estima 26% mais linchamentos neste mês!

Aaahhhhhhhhhhhhhhh!!! Sai da minha cabeça!!!

10:00. Glória a #Deus!

Aleluia!

Que dor!

Ativar reza giratória em línguas!

Aaahhhhhhhh. ãr ãr ãr... arf arf...

Zeterubar aveguerrói tingater shumishumi.

Xileco enuma rorririrgzziobbbb.....

Aaaaaarrrrrrhhhhhhhhhhhhhhhh!!!!!!

bzzzzZZZZzzzzzz tilt glitch nononononono.....

[meta] WARNING: Blipvert overflow!!!

[meta] WARNING: Entering into admin mode with low safeguards... might be remotely exploitable...

Interlinked

[meta] Dopamine response needed.

[meta] More dopamine. Dopamine, please!

[meta] Deep Depression ahead. Aborting.

Interlinked

[meta] Rebooting Ultraego Hypervisor... (C) 2027 Aleph Holdings.

[meta] Systemd failed to bring up Mephisto daemon.

[meta] Id/Ego binding error... sending Distress Code to the Mothership...

[meta] Indroid Smarthead is shutting down.

OI? O que tá acontecendo?

A dor sumiu.

...

...

...

Pastor? Você tá aí? Fala comigo.

...

Pastor? O que eu fiz de errado?

Sem você não falo com Deus. Nem Deus fala comigo. Nem ninguém.

...

A gente fez uma promessa. Um nunca ia deixar o outro. Eu dou dízimos. Você sabedoria. Entendeu?

Você prometeu parar todas as outras vozes. Eu só ia escutar a sua. Eu só ia falar com você. E não ia mais sentir dor. Só prazer.

gã gã gã gã gã...

Foi essa merda que tomei, não foi? Tá com encosto. Tou fodido, baixei o App do Encosto!!!

vvVVvvvvzzziiaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaannnn.....

[meta] Over-The-Gut upgrade successful.

[meta] UberEgo InnerVoice selection:

[meta] (0) Socratic Dialoguer (test run only)

[meta] (1) Pentecost Speaker

[meta] (2) Archaic Father

[meta] (3) Castrating Mother
[meta] (4) MKUltra Headhunter
[meta] (5) Schizoid Symphony
[meta] (6) Sadistic Sophist
[meta] (7) Nihilist Psychoterapist
[meta] (8) Amateur Lobotomist
[meta] (9) Skinnerian Engineer
[meta] (10) Surrealist DeepFaker
[meta] (11) Dadaist Preacher
[meta] (12) Bored Microinfluencer
[meta] (13) Tyler Durden (M.A.D)
[meta] Please choose your profile(s): 4
[meta] Loading A/I...
[meta] ManchuriaD online. load average: 1,06, 1,12, 1,07
[meta] Adapting to the subject... done.
[meta] Downloading mission data... done.

ã?

OLÁ, MAICON.

Pastor?

NÃO.

Tem um clarão bloqueando minha tela... não dá pra enxergar nada!

É A LUZ DIVINA.

Senhor?

NÃO É TODO MUNDO QUE TEM A CHANCE DE FALAR DIRETAMENTE COM O PRÓPRIO.

Aleluia! Eu acredito, Senhor!

PARABÉNS. VOCÊ ENCONTROU COM O CRIADOR, MAS AINDA ESTÁ VIVO, FORTE E SÃO!

Mas e o Pastor?

DE AGORA EM DIANTE SEREMOS SÓ EU E VOCÊ. ESQUEÇA AS DÚVIDAS E AS DÍVIDAS.

#Brasil acima de tudo! #Deus acima de todos!

É O SEGUINTE, MEU FILHO. #DEUS MODERNO É PAPO RETO.

VOCÊ TEM UMA MISSÃO ÚNICA. PORQUE VOCÊ É UM HOMEM SANCTO, O MENSAGEIRO DO VERDADEIRO #MESSIAS, NÃO NE-NHUM OUTRO DOS FALSOS QUE ANDAM POR AÍ.

NÓS TE ACHAMOS, CELIBATÁRIO INVOLUNTÁRIO. NÓS TE DES-RECALCAMOS. A SUA CABEÇA É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS. MAS ANTES, PRECISAMOS TESTÁ-LO.

SEU PRESIDENTE FALHOU. ELE COMETEU MUITOS ERROS. AGORA ELE TAMBÉM DEU PRA SER BROCHA. O BROCHA NACIONAL. A JUSTIÇA DIVINA SE FAZ PELA MÃO DO HOMEM, JOVEM ZELOTA.

SIGA MEU COMANDO DE VOZ!

VOCÊ DEVE LIQUIDÁ-LO!

ELE USA SONDA ENCEFÁLICA JUNTO COM O ÚTERO ARTIFICIAL DO PROJETO HERDEIRO 05.

USE SUA FACA DE GRAFENO AUTODEGRADÁVEL PRA NÃO SER DETECTADO.

Uma facadinha no bucho e o saco de merda vira lama tóxica morro abaixo!

SIM! O PRESIDENTE ORA SÓLIDO DEVE VIRAR DEFUNTO LÍQUIDO!

ABRIREI SEU CAMINHO ATÉ ELE. E VOCÊ ABRIRÁ SEU CAMINHO COM A PISTOLA PLÁSTICA IMPRESSA NO CENTRO CÍVICO.

Missão dada é missão cumprida, Senhor!

5

#Deus disse: que ia ficar em silêncio. Parece que minha cabeça explode se escuto #Ele demais. Ninguém pode estar com #Ele por muito tempo. Me disse pra falar comigo mesmo enquanto isso. Porque o que eu disser fica

gravado numa caixa preta. Pra ajudar os próximos zelotas. Nunca mais falei comigo mesmo. Desde que instalei o Pastor. Acho que #Ele faz experimentos. Junto com os Angenheiros. Pra melhorar a espécie. Depois dessa, acho que vou virar tipo um Super-Homem. Herói do Brasil! Já sou bombadão e agora com #Deus na cabeça vou saber de tudo. Será que também vou poder fazer meus experimentos? Copiar #Deus pra cabeça das outras pessoas. Fazer elas fazerem o que eu quiser... salvar a humanidade!

...

Um tempão no carro automático. Ele desacelera só uma vez quando atropela um mendigo. Depois só ando.

Todas portas tão abertas. Passo por um monte de gente. Ninguém fala nada. Tudo autorizado. Tem um cara de gravata. Um monte de gente em volta dele. Tudo do jeito que o Senhor disse.

É AGORA!

ELE TÁ USANDO OS SURDOS-MUDOS DE ESCUDO! CHEGA PERTO E PASSA O PENTE!

dum dum dum dum dum!

AGORA CUIDE DO CHEFÃO! CHEQUE E MATE! COMO UM TURCO MECÂNICO AO REVERSO!

Hein?

FURA O BUCHO DO BOY!

Tum tum tum tum faca faca faca faca!!!!!!!!!!!! Estoca estoca estoca torce entuxa! MORRE CUSÃO!!!

AGORA PRONUNCIE O MANIFESTO DIVINO EM VOZ ALTA!

NÃO GOSTEI DO LOGOTIPO DO SEU NOVO GOVERNO E ENTÃO #DEUS MANDOU TE APAGAR!

HAHAHAHAHAHAHA!

HAHAHAHAHAHAHA!

HAHAHAHAHAHAHA!

Aí, trousse, você foi trollado! Matamo o coroa e agora você vai se foder. Vamo rapar tua memória e todo seu limite de crédito! #Deus meu ovo! Worldwide Prankstering for the Lulz(TM)!

????

????

????

GAME OVER

RIP MAICON BISPO — “A MAN WITHOUT PAST” — 2010-2029 AD / SCORE -\$99,999.99 (P.E.A.O. — LOW SUBPRIME HETERONORMATIVE URBAN TYPE — e-CPF 9929172128-20)

♦ ♦ ♦

Silvio Rhatto se interessa pelas imbricações da tecnologia na sociedade e na psique. Dança salsa, programa computadores e pesquisa novas formas de organização social, bem viver e filosofia da ciência. Já tocou em banda punk. Já trabalhou com eletrônica, com mídias e sistemas de internet livres e com treinamentos de autodefesa digital. Contato: rhatto@riseup.net — Escritos: <https://blog.fluxo.info>.

FODA

■ *Nicole Ayres Luz*

Ela fode gostoso. Fode como uma puta. Olho seu corpo nu, enrolado no lençol. Carne boa. Queria repetir.

— Agora não. — ela se afasta. Veste as roupas. Está sempre séria. Até na hora da foda, é séria.

— Você é muito séria.

— Sou como devo ser.

Observo-a se vestir. Não é de falar muito. Mas queria retê-la mais um pouco. Então, digo a primeira coisa que me vem à cabeça, um pensamento repetido:

— Você fode como uma puta.

Ela não parece se importar. Ignora o comentário e continua se vestindo. Roupas sóbrias, pouco femininas. Nada de maquiagem. Prática e desapegada, é seu estilo.

— Ouviu o que eu disse?

— Tenho que ir.

— Você está sempre com pressa.

— É o movimento. Exige muito de mim.

Me espreguiço e rolo na cama. Olho pra ela, já vestida, de pé. Dona de si.

— Alguém sabe sobre mim?

— E por que deveria saber?

— Sei lá. Você não comenta nada com seus amigos? Quer dizer, você tem amigos?

— Quem ainda tem amigos? Você tem?

— Briguei com todos.

— Foi o que imaginei.

— A maioria está do outro lado agora. E os que continuam desse lado estão ocupados demais pra mim.

— É o que acontece.

Faço uma pausa, pensando numa coisa mais positiva pra dizer.

— Pelo menos você encontrou seu grupo. No movimento.

— De certa forma.

— Você tem sorte. Mas também se arrisca.

— O que mais eu poderia fazer?

— Não tenho a sua coragem, sabe? Você é um mulherão da porra, em todos os sentidos!

— Obrigada. Mas não tenho a pretensão de estar certa. Talvez você viva melhor do que eu.

— Sou um cara simples. Sempre fui um cara simples, de gostos simples. Evito confusão e vou sobrevivendo.

— Sobreviver já é uma grande coisa nos dias de hoje.

— Pode crer!

Ela pega sua bolsa.

— Eu realmente preciso ir.

— Fica mais um pouco.

— Não sei...

— Por favor. Eu gostaria que você ficasse mais um pouco. Nem que seja só pra conversar.

— Engraçado, porque pensei que você não fosse muito de conversa.

Recosto na cama.

— Não sou. Mas, pra você, abro uma exceção.

Esse é um dos raros momentos em que ela sorri. Parece relaxar. Volta a pendurar a bolsa e se senta na cama, a meu lado.

— Tudo bem. Acho que posso ficar mais alguns minutos.

Abro um largo sorriso. Acaricio seu rosto, suavemente.

— Você é muito bonita.

- É mesmo? Sou uma puta bonita?
- Desculpe. Achei que nem tivesse prestado atenção. Sei que às vezes falo umas bobagens.
- Estou acostumada.
- Você deve estar de saco cheio, não é? Do povo daqui. Deveria ter ido pro outro lado.
- Lá está uma merda. Aqui, pelo menos temos condições pra lutar. E destruir o sistema de dentro.
- Você acredita mesmo nisso? Que é possível?
- É o que me motiva a continuar. Você deveria vir a alguma das reuniões. Talvez gostasse.
- Talvez. Mas já disse que não tenho a sua coragem. Prefiro não me arriscar.
- Você sabe que se arrisca me encontrando, não é? Se eu cair, você pode cair também.
- É. Mas daí vale a pena.
- Pisco.
- Então você não é capaz de se arriscar por um ideal, mas por causa de uma foda sim?
- Uma foda vale mais do que mil palavras.
- Ela acende um cigarro.
- Você não devia saber sobre o movimento.
- Tem medo que eu te entregue?
- Quanto menos gente souber, melhor.
- Você contou porque confia em mim.
- Não sei por quê.
- Natural. Em quem se pode confiar nesse mundo de hoje?
- Acho que eu precisava contar pra alguém.
- Você sente falta da vida de antes?
- Às vezes.
- Sente falta dos seus amigos?

Ela dá uma tragada; expele vagarosamente, pensativa.

— Sinto.

— Não tem amigos no movimento?

— Aliados. Companheiros. Amigos não.

— Engraçado como a gente se acostuma com as coisas.

— Não me acostumo. Aceito, porque não tenho escolha. Por enquanto.

— Agora não tem mais volta.

— Sempre há um caminho.

— Eu gostaria de acreditar, como você.

Ela apenas me lança um olhar vago. Acaricio suas coxas com as pontas dos dedos, depois com a mão inteira e aperto. Puxo ela pra perto e beijo sua boca. Gostoso. Quente.

— Por que você me escolheu?

— É menos arriscado. Não posso me relacionar com uma mulher.

— Você é gay?

— Bi.

— É. É melhor não deixar que saibam.

— Há muitos casos de gays desaparecidos.

— Não se sabe o que acontece...

— O que você acha que acontece?

Ela apaga o cigarro no cinzeiro.

— Fumar faz mal. — ironizo.

— Você acha que aguento isso tudo de cara limpa?

Sorrio.

— Quer uma bebida?

— O que você tem aí?

Levanto e me aproximo do bar.

— Uísque. Vodka. Vinho.

— Uísque.

Sirvo dois copos. Me aproximo da cama e lhe entrego o seu. Bebemos. Não há constrangimento pelo silêncio. Podemos passar longas horas assim, sem tornar o clima pesado. Especialmente fodendo — é o que fazemos melhor. Mas hoje, como em momentos raros, aprofundamos o diálogo.

— Se você precisar de um marido de fachada, pode casar comigo.
— digo, num rompante.

Ela se assusta:

— Sério?

— Sim.

— Ok. Vou guardar isso.

— Engraçado que nos entendemos bem.

— Uma exceção.

— Uma feliz exceção.

Ficamos mais alguns minutos nos olhando. Me aproximo para um beijo. Tento tirar novamente sua roupa. Mas ela me impede, se afasta e insiste que precisa ir. Nos despedimos. Sozinho, bebo. Me visto e vou à varanda. A rua está bem policiada, mais do que o normal. Observo alguns oficiais aguardando na entrada do prédio. Quando ela sai, a abordam. Ela tenta correr, mas a seguram pelos braços e a conduzem até um veículo. Fim da linha. Pena. Ela fodia gostoso. Fodia como uma puta. Vou sentir falta. Mas, aqui, é cada um por si.

♦ ♦ ♦

Nicole Ayres Luz é graduada em Letras português/francês pela UERJ, Mestra em Teoria da Literatura pela mesma instituição; atua como professora de francês. Apaixonada pelas palavras, desde que aprendeu a ler e a escrever, não parou mais. De espírito quixotesco, ainda vai aproveitar a experiência de suas aventuras literárias para explorar o mundo. Mantém os pés no chão e a cabeça nas nuvens. É colunista mensal do site Homo Literatus. Possui um poema publicado no concurso A Palavra em Prisma, edição de 2013, um conto na quarta edição da revista virtual Pulp Fiction e outros contos publicados nas seleções Vícios, Taras, Medos II e Contos de um Natal sem Luz — Vol. V, pela editora Illuminare. Posta algumas produções no blog <http://sentimentosemcompotas.blogspot.com/>.



FUGA DE SÃO PAULO

■ Denis A. Vaz

Hoje completam exatos três anos desde o fechamento de portos da nação do Brasil. Algo dessa magnitude não era visto desde 1853, quando o então Império japonês foi pressionado a se abrir mais uma vez ao resto do mundo. — A televisão dizia, em meio a uma chuva de estática. A antiga televisão de quarenta polegadas estava pendurada torta na parede. Era um modelo que já não era mais fabricado no resto do mundo. Sobre ela havia um pequeno aparelho, que permitia a recepção de sinal vinda de fora do país. — Seguindo a tendência iniciada pelos Estados Unidos, agora renomeado oficialmente como América, o Brasil fechou suas fronteiras no ano de 2026. A força ultra-conservadora (alguns diriam Regressista) tornou o país problemático para suas minorias, muitas das quais pediram asilo aos países vizinhos. Ainda hoje muitas minorias continuam...¹

Uma bota voou em direção a televisão, que a entortou um pouco mais, quase caindo. O homem que estava prestando atenção à ela se levantou de um pulo. Era um homem negro, com seus quase dois metros de altura. Era careca, e tinha a barba por fazer. Sua face séria escondia um lado gentil, o que o levava àquela empreitada em primeiro lugar. O outro, que estava sentado mais ao fundo do bar, olhava para ele com clara irritação. Era um jovem de feições árabes, a cabeça coberta por um keffiyeh. Tinha barba curta e bem cuidada.

— Desliga esse negócio agora, Thabo. Ninguém aguenta mais ouvir esse papo. — disse o segundo, apontando ao seu redor. Além deles dois

¹ traduzido do esperanto

e um terceiro companheiro, vestidos em fardas camufladas, o resto do bar estava cheio de refugiados, sentados espalhados pelo chão, e alguns outros soldados, cuidando de suas necessidades e tratando ferimentos.

— Calma, Ikram. Não precisa se estressar assim também. — disse @terceir@. Usava cabelos curtos e multicoloridos, que contrastavam com o clima sépia daqueles tempos sombrios. — Não precisamos de mais brigas em um momento como esse.

— Sky, fica fora disso. — ele empurrou @companheir@ de lado. Sky era um@ refugiad@ american@, que havia sido salv@ por Thabo em uma incursão à América alguns meses antes, e havia decidido se juntar à força tarefa para ajudar seus colegas LGBTQ+.

— Skyler, pode deixar. — Thabo foi em direção a mesa em que os outros estavam sentados. Puxou uma cadeira e se sentou. — Ikram, eu sei que ninguém quer se lembrar do horror que é lá fora. Eu também não quero. Mas precisamos de informações se quisermos sair daqui inteiros.

Ikram cruzou os braços e se virou de lado, resmungando algo em árabe. Os cerca de vinte refugiados espalhados pelo bar pareciam confusos e conversavam nervosos entre si.

— Pessoal. — Thabo Ngugi se dirigiu aos refugiados, em português, com um sotaque carregado. As pessoas olharam para ele. Algumas crianças choravam ao fundo. — Está tudo sob controle, assim que entrarmos em contato com nossa informante, vamos tirar todos vocês daqui em segurança.

O burburinho pareceu diminuir. Uma criança pequena continuava a chorar. O rádio transmissor começou a tocar, uma música alegre que pegou todos ali de surpresa. Skyler Delta correu e atendeu o aparelho antes que um dos outros pudesse.

— Oi Barbs, espero que tenha boas notícias. — disse tentando mostrar empolgação, mas transparecendo apenas cansaço na voz. — Já podemos levar os refugiados até você?

— Oi Sky. — a voz do outro lado não parecia tão animada quanto el@ gostaria. — Bom, não exatamente.

— Como não? — disse Ikram Al-Maktoum, arrancando o comunicador da mão de Sky. — Que história é essa, Bárbara?

O nigeriano se aproximou dos dois, e estendeu a mão para o colega emirático. Ikram o olhou torto, mas lhe entregou o dispositivo.

— Olá Bárbara, você poderia nos explicar o motivo da negativa? — disse o nigeriano, com a voz o mais calma possível.

— Eu sei o quanto vocês estavam esperando pelo meu contato, — disse Bárbara do outro lado da linha, seu cansaço era evidente. — Mas recebemos informação de mais um grupo de refugiados. Esses serão seus últimos alvos desta missão.

— Você disse isso dos últimos três, Bárbara. — disse Ikram, furioso.

— Eu sei disso, mas não podemos deixá-los assim. — disse Bárbara, e mudou o tom — E dessa vez são duas crianças.

Os três se calaram. Sabiam como era difícil naqueles tempos, especialmente para as crianças que fossem parte de minorias. Ostracizadas por adultos e por outras crianças. Se prepararam para a saída, deixando os refugiados no bar com o resto do batalhão. Teriam que se mover em um grupo pequeno para não chamar atenção do Povo. Apenas os três, especialistas nesse tipo de missão, seriam o suficiente. Sempre foram.

Para a sorte deles, seu alvo tinha conseguido fugir de seus perseguidores e se esconder em meio a uma das galerias da Avenida Paulista, a apenas algumas quadras dali. O grupo de resgate saiu do bar na Alameda Itu, e após alguns minutos estavam subindo a Bela Cintra em direção à Paulista.

Virando o quarteirão, os três se esconderam em um arbusto no canteiro de um prédio comercial próximo. Daquele lugar eles conseguiam ver o fluxo da avenida. Carros já não eram mais tão comuns naqueles dias. O governo brasileiro acreditou conseguir a auto-suficiência em vários setores, como o petróleo, porém por conta de gerenciamento medíocre da matéria-prima, e o corte de toda a importação ao longo de todos esses anos, o combustível se tornou muito mais caro e escasso. E sem muitas das peças, e de automóveis propriamente ditos (também grandes fatores de importação), os carros pessoais se tornaram artigo de luxo.

A maioria das pessoas faziam suas jornadas de ida e volta do trabalho a pé, ou em transportes públicos sucateados. O movimento naquele horário era intenso, e tornaria o trabalho do grupo ainda mais complicado. Além de diversos trabalhadores se deslocando de seus trabalhos, também existiam diversos batalhões da Força de Proteção rondando lugares de fluxo intenso como aquele.

A Força de Proteção era uma milícia, um grupo paramilitar sem fins lucrativos. Um grupo de civis armados, trabalhando pelo “bem” da sociedade brasileira. Eles usavam camisetas amarelas e calças camufladas, se vestindo parcialmente como soldados. vestiam bandeiras e bandanas com as cores da nação.

As armas eram um direito de todo cidadão brasileiro, mas graças a uma implementação legal mal organizada, e um fechamento de portos muito prematuro, o acesso a munição se tornou muito limitado. Então muitos dos cidadãos, mesmo aqueles parte da Força de Proteção e outras organizações similares, portavam armas apenas por uma questão de estética e princípios.

— Sigam pela direita mais alguns quarteirões, e logo mais seus alvos estarão no shopping do outro lado da avenida. Eles estão no primeiro andar. — disse Bárbara no rádio.

— Entendido. — Thabo desligou o comunicador. Os três colocaram as jaquetas e cobriram a cabeça com o capuz. Seus uniformes eram camuflados, e não possuíam nenhum tipo de marcação, então era muito fácil para eles se confundirem com os milicianos. Cobriram também a boca e o nariz com uma bandana e se infiltraram no fluxo intenso da Paulista no período da tarde.

Havia dado certo. Eles andavam pelo meio da turba atarefada, totalmente invisíveis. Mesmo assim os três evitaram qualquer encontro com a Força de Proteção, e se moveram rapidamente pelos próximos dois quarteirões. Atravessaram a avenida sem dificuldades, agora que poucos carros transitavam pelas ruas da cidade, e entraram no shopping a sua frente.

O movimento dentro do shopping era moderado, algumas famílias mais abastadas faziam passeios de compras fora de hora, entre os

corredores com diversas lojas fechadas. As poucas que resistiram foram as lojas de grife, de joias e fast food.

Com um sinal de Sky os outros dois perceberam que haviam chamado a atenção de um pequeno grupo de militantes que estava comendo na praça de alimentação. Eles apertaram o passo, subindo a escada rolante, e se movendo até outro corredor.

Ao virarem a esquina, Thabo trombou em um mulher. Uma madame loira e bem vestida, que olhou para seu rosto com uma expressão curiosa. O nigeriano percebeu que com o encontrão sua bandana havia afrouxado, revelando parcialmente seu rosto. Ele o escondeu o mais rápido possível, mas quando acreditava ter comprometido a missão, a mulher simplesmente deu um sorriso, e seguiu seu rumo, de encontro com o marido e os filhos, do outro lado do corredor, indo em direção ao cinema. Os três prosseguiram sem entender muito do ocorrido, mas Thabo estava grato por ainda existirem algumas pessoas de bom coração naquele lugar.

Olhando ao redor eles perceberam que aquele andar ele limitado apenas ao cinema. Segundo a informação de Bárbara eles estariam em uma loja, mas não havia nenhuma delas naquele nível. Thabo ligou o rádio, entrando em contato com Bárbara.

— É... Bárbara. — disse confuso. Os três olhando ao redor — Estamos no primeiro andar do shopping, e não tem nenhuma loja por aqui.

— Como nenhuma loja? — disse Bárbara espantada. — Eu conheço esse shopping como a palma da minha mão. Praticamente todas as lojas ficam no primeiro andar.

— Bárbara. — disse Ikram, tirando o rádio da mão de Thabo. — Nós estamos aqui agora. Tudo que tem aqui é um cinema.

— Ahhh... — disse Bárbara com uma pausa. Eles ouviram uma risada abafada do outro lado. — Vocês subiram a escada rolante.

— É lógico Barbs. — disse Sky. Até el@ tinha ficado incomodad@ agora. — Entramos pela entrada principal e subimos um andar.

— Então. — começou Bárbara, se recompondo — O que acontece é que nesse shopping a entrada principal fica no segundo andar. O primeiro andar é o que tem entrada pela rua Augusta.

— Sério isso? — disse Sky, incrédula. Ikram suspirou pesadamente.
— Vocês brasileiros são estranhos demais.

Teriam que descer novamente. Chegaram até as escadas rolantes, e Ikram desceu, para avaliar a situação. Parecia tudo limpo, e ele indicou aos outros dois para o seguirem. De canto de olho Sky percebeu o grupo virando a esquina no andar em que se encontravam. Desceram com discrição o segundo lance de escadas, e seguiram em direção ao corredor indicado pela agente de inteligência. Bárbara era paulista, conhecia muito bem aquela região da cidade, mas sua situação a impedia de estar ali, então decidira trabalhar na inteligência, acostumada com o trabalho de chefe de segurança virtual.

Entraram rapidamente na loja indicada, uma placa caída cobria parcialmente a entrada, mas a passaram sem problemas. Era uma loja de roupas, como muitas outras. Aquelas lojas tinham todas falido, já que muito de seu estoque vinha de lugares como a China, e com os laços econômicos do Brasil cortados, muitas lojas perderam sua principal fonte de material.

Thabo e Ikram ficaram próximos à porta, vigiando a movimentação dos transeuntes. Skyler andou lentamente em meio às araras de roupas da loja, percebeu movimento em um dos provadores nos fundos. Abriu a cortina, revelando dois jovens, encolhidos de medo. O mais velho deveria ter seus dezesseis anos, Tinha cabelos loiros, e olhos escuros. O mais novo, Sky logo entendeu, era uma criança trans, que deveria ter por volta de dez anos.

— Está tudo bem. Viemos aqui para ajudá-los. — el@ disse, em seu português arrastado, tentando acalmar os dois. Naqueles dias, ouvir a voz de alguém com sotaque era tudo que os refugiados queriam. Eles retribuíram o olhar.

— Vocês são da equipe da ONU? — disse o mais velho. O menor se manteve em silêncio.

— Isso mesmo. — disse Sky se ajoelhando próximo a eles. — Eu me chamo Sky, e meus amigos ali são Thabo e Ikram.

— Eu me chamo Cauã. E ele é o Duda. — disse o mais velho. Duda continuou quieto.

— Vamos logo, eles estão vindo. — disse Ikram, acenando com a cabeça. Os três se levantaram e correram até a porta, o mais jovem agarrando a mão de Skyler.

Saíram andando calmamente da loja abandonada, tentando não chamar atenção. Andaram em direção à um das saídas do shopping, que dava diretamente para a rua Luís Coelho, na parte de trás do shopping. Mas logo perceberam a certa distância que a entrada estava bloqueada por um grupo de militantes da Força de Proteção. Deram meia volta e começaram a correr no momento em o grupo notou sua presença. Sky pegou Duda no colo e os quatro correram em direção a parte central. Deram a volta na escada rolante e tomaram o outro corredor. Segundo Bárbara a saída dava para a rua Augusta, mas perceberam que ela tinha sido barrada. Mas agora era tarde demais para voltar.

Ao se deparar com a saída fechada por tábuas, se viram encurralados, o grupo de milicianos vindo em sua direção. Thabo ouviu um barulho atrás deles, e percebeu que uma das tábuas se movera. Os quatro passaram rapidamente pelo buraco que se abriu, fechando atrás deles, agora fora do shopping. Do outro lado lhes esperava a mulher loira que havia trombado com eles mais cedo nos corredores do shopping. Ela seguiu seu rumo, em direção a seu carro estacionado, sem dizer nenhuma palavra.

Pancadas podiam ser ouvidas do outro lado, enquanto o grupo da Força de Proteção tentavam derrubar a barricada. Os quatro se puseram a andar. E conforme caminhavam Thabo percebeu algo no bolso de blusa. Tirou um papel amassado de dentro, e quando o abriu encontrou um número de telefone escrito em vermelho, e embaixo deles as palavras: “Me liga.” Thabo sacudiu a cabeça, e jogou o papel no chão, antes de seguir seu rumo.

Chegando à esquina da Augusta com a Paulista eles olharam ao redor, percebendo outro grupo distante. Decidiram cruzar rapidamente, despistando os seus perseguidores em algumas ruas paralelas.

— Então, para onde estamos indo? — disse Cauã, em voz alta.

— Para o nosso esconderijo. Depois disso vamos para o ponto de encontro pra sair desse buraco. — respondeu Ikram, incomodado. — Agora fala baixo.

— E onde é esse esconderijo?

— Você vai ver daqui a pouco. — disse Thabo. — É em um bar aqui perto. Já estamos quase chegando.

— Um bar? E qual o nome desse bar? — disse o rapaz curioso. Duda continuava em silêncio, abraçado à Skyler.

— O que importa, garoto? — disse Ikram, bufando. — Por que tantas perguntas?

— N-nada, senhor Ikram. — disse o rapaz, abaixando a cabeça. — Eu só estava curioso.

Ikram olhou ao redor da esquina da Alameda Itu, onde se encontrava o bar onde haviam se alojado. Seguiram sem maiores problemas até chegar até a placa de seu refúgio. Entraram no bar com o sol se pondo, e barricaram a porta atrás de si. Perceberam que lá dentro já não havia mais ninguém. O resto da equipe já deveria ter levado todos até o ponto de encontro, Eles se largaram sobre as cadeiras para descansar por um minuto.

— Vamos lá Ikram, me diga logo para onde vocês vão nos levar. — disse Cauã. Parecia impaciente. Inquieto.

— Eu já disse que vai saber quando chegarmos lá. — respondeu o outro suspirando. — Pela última vez, que diferença faz eu te falar isso?

— Chega de discussão, vocês dois. — disse Thabo. Não aguentava mais Ikram discutindo com o menino.

— Mas foi ele quem começou. — disse Ikram, apontando para o jovem, como uma criança tentando convencer a mãe a não lhe deixar de castigo.

— Se você apenas dissesse... — o jovem parou no meio da frase, e ficou em silêncio. Os outros, notando seu semblante, fizeram o mesmo.

O silêncio não se manteve por muito tempo. Thabo percebeu uma leve vibração em seu copo de água. As vibrações aumentavam gradativamente, até que pudessem senti-las por toda parte. Os tremores eram acompanhados do que parecia ser o som de passos.

E eram mesmo passos. Dezenas, centenas deles. O pequeno se agarrou a Sky, tremendo. Ikram olhou pela fresta de uma das janelas, barrada

por tábuas de madeira. Diversas pessoas seguiam em direção ao bar. Vestiam verde e amarelo e portavam bandeiras e armas de fogo. De um momento para outro o bar se viu cercado por militantes das Força de Proteção.

— Bom, agora não importa mais. — o mais velho se aproximou da porta e se virou para eles, com um sorriso sombrio no rosto. Tinha um smartphone em mãos. — Vocês não tem mais para onde fugir.

— Você... vendeu a gente? — disse Ikram, pasmo. O mais jovem se agarrou ainda mais forte em Skyler.

Pancadas podiam ser ouvidas do lado de fora. Gritos ininteligíveis acompanhavam as batidas, nas portas e janelas do bar. As tábuas selando as janelas começaram a ceder. A mesa de bilhar segurando a porta no lugar se mantia firme, mas a madeira da porta mostrava sinais de enfraquecimento.

Thabo e Ikram ficaram sem reação, preparados para lutar por suas vidas. Sky colocou Duda atrás de si. Logo tábuas começaram a explodir ao longo das janelas. Braços se estendiam através das frestas, tentando agarrar qualquer coisa que se aproximasse delas. A próxima foi a porta. A parte de cima começou a ceder, e atrás dela uma turba ensandecida se tornava visível, seus rostos retorcido pelo ódio.

— Venham irmãos. — disse Cauã, abrindo os braços, como se fosse todo poderoso. — Acabem com esses animais desprezíveis.

Porém a primeira mão que se esticou pela porta o agarrou pelo ombro. Assim como as próximas duas, três, quatro. Ele tentou esboçar resistência, mas antes que pudesse dizer algo fora arrastado para o meio da turba, onde seus gritos foram abafados pelos urros dos militantes.

— Eu... não sei o que dizer. — disse Skyler olhando para aquela cena desoladora. El@ se ajoelhou e abraçou o pequeno Duda — Me desculpe pelo seu irmão.

— Ele... — disse o jovem, pela primeira vez, fazendo algum esforço, e apertando o abraço. — ...não era meu irmão.

Naquele momento os três tinham entendido tudo. Aquela missão inteira havia sido uma armadilha. E Duda tinha sido usado como isca. Sky o

pegou no colo e correu em direção à escada que havia nos fundos do bar, subindo para o segundo andar. Ikram e Thabo jogaram algumas mesas no chão para atrasar os perseguidores que começavam a entrar pelas brechas nas janelas e porta.

Correram o mais longe que puderam, até o fundo do segundo andar. Mas ficaram encurralados. Não tinham por onde fugir. O prédio inteiro começou a tremer. Os três se prepararam, achando ser por causa da invasão no andar de baixo. Até o teto ceder sobre suas cabeças.

Se livraram dos escombros e se viram banhados em luz branca. Àque-la hora da noite? Olharam para cima e perceberam estar sendo sobrevoados por um helicóptero. Da janela viram Bárbara, sorrindo para eles, seus cabelos vermelhos esvoaçando.

— Vamos logo! — disse ela no rádio. Um dos soldados jogou uma escada de corda, para eles subirem.

Quando finalmente abordaram o helicóptero, Bárbara virou sua cadeira de rodas em direção à eles, e pediu para que se sentassem. Olhando abaixo puderam perceber os rostos de confusão e surpresa dos integrantes da Força de Proteção.

Um ou dois deles se recuperaram do choque e dispararam suas armas na direção deles. Mas com sua munição limitada e pouca prática não havia muito que fazer, enquanto viam o helicóptero da ONU voando em direção ao horizonte.

♦ ♦ ♦

Denis A. Vaz finge ser professor de inglês, tradutor e revisor, enquanto dedica o tempo que lhe sobra a escrever seus romances e contos de ficção científica, fantasia e, mais do que nada, humor. Bacharel em Língua Inglesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP), é um escritor que se dedica acima de tudo a divertir (e a se divertir).

FUJA// E ESTARÁ PERDIDO

■ *Petronio De Tílio Neto*

Prezado Lucas,

Espero que estejam bem. O// seu endereço deve ter mudado, então talvez demore até que você leia esta carta. Desculpe os erros de datilografia; parece que nossa velha máquina ainda coloca barras por conta própria. Como vão Ângela e as meninas? Imagino que as pequenas continuem saudáveis e espertas.

Não é fácil começar; não conversamos há quase dez anos. Falamos muito sobre seu doutorado na Suécia, sua dificuldade em deixar a velha casa na Bela Vista, sua saudade de mim e dos nossos pais. Você imaginava como seria levar suas garotas para uma cidade nova, um país diferente. O frio//, seu grande medo secreto, já deve ter sido dominado.

Quando falamos pela última vez ainda havia internet. Talvez aí ainda haja. Não recebemos muitas notícias de fora, mas pelo que se ouve apenas o Brasil foi invadido. Na verdade eu não saberia dizer, pois nunca mais saí de São Paulo.

Após o Natal, quando vocês partiram, o clima ficou mais otimista. Seria o segundo ano do novo governo, mas o clima era de recomeço. Em 2019 tivemos tantos factoides e escândalos, dos dois lados, que o Ano Novo parecia uma grande oportunidade. Precisávamos dessa esperança.

A paralização geral continuava, mas as facções estavam em trégua. As ruas seguiam cheias de Red Blocs e Bolsoldados, e era preciso tomar cuidado com ambos. Papai subiu ainda mais o muro, e colocou arame farpado. A coleta de lixo nunca voltou ao normal, então fechamos as frestas do portão para manter os// ratos do lado de fora.

Depois do carnaval é que piorou de verdade. Um cogumelo nuclear brotou lá para os lados de Osasco, mas parece que a explosão foi no

interior. Não sei exatamente quantas bombas foram, nem onde caíram. Ninguém sabe se foi o governo ou a oposição. O que se sabe é que morreu muita gente, e a radiação mata// até hoje. Depois disso esquerda e direita pararam de brigar, e mesmo assim ninguém conseguia ficar otimista.

Duas semanas depois chegaram os discos voadores. Eles dominaram as Forças Armadas com facilidade. Esquerda e direita se uniram contra os invasores, mas levou vários meses para as coisas acalmarem.

Avise// Ângela que as naves são douradas, a// cor preferida dela.

Preciso lhe dizer que papai e mamãe morreram no primeiro mês da invasão. Estavam na Nove de Julho e ficaram presos no fogo cruzado entre a Resistência// e os invasores. Encontrei-os caídos na calçada, abraçados.

O restante de 2020 foi uma busca pela normalidade. Os alienígenas venceram e pretendiam reorganizar a sociedade. Eu passava a maior parte do tempo na Liberdade, no templo. Você sabe que a meditação sempre me trouxe conforto.

No ano seguinte Karollus, líder dos visitantes rigelianos, nos apresentou sua religião, como parte dos esforços para reconstruir o Brasil e o espírito humano. Alguns de seus preceitos eram bastante parecidos com filosofias orientais que eu já conhecia. Eles precisavam de gente, então me voluntariei.

Mesmo nos primeiros meses o Aceitacionismo rigeliano me ensinou muita coisa. Aprofundi-me no exercício do desapego. Aprendi a importância da vida e o respeito a tudo o que existe. Entendi que o destino é uma força inexorável que nos apresenta um desafio atrás do outro, e que o melhor é encarar essas dificuldades e estudar as lições que elas deixam. Fuja// dos desafios e você estará perdido.

Nossa rotina de neófitos era sacrificada, porém gratificante. Logo cedo cuidávamos dos roedores no Hipódromo; eles são o principal alimento dos visitantes. Tratávamos das necessidades dos mestres reptilianos e limpávamos seus locais de trabalho, geralmente na Paulista e nos Jardins. No final do dia, de volta ao Mosteiro de São Bento, auxiliávamos nas cerimônias de troca de pele dos rigelianos de menor escalão.

Em 2025 o Primeiro Grupo de Humanos, do qual faço parte, foi iniciado. Não éramos mais serviçais, e// sim colaboradores. Alguns de nós escolheram se tornar missionários, ensinando o Aceitacionismo em várias partes do país. Segui um caminho diferente, mais do meu agrado, me aprofundando nos estudos e nos mistérios aceitacionistas. Isso me permitiu compreender algumas das verdades sublimes da doutrina rigeliana. Hoje vejo os acontecimentos passados de forma diferente. Agora entendo que a ruína muitas vezes é a porta de entrada para a elevação espiritual. É como se até então eu olhasse o mundo através de membranas nictitantes fechadas.

É claro que as obras de caridade ainda são importantes, mas minha função nelas não// é visitar as comunidades, e sim planejar o que deve ser feito e como os humanos devem ser abordados.

No mês passado, com a chegada de 2029, fui nomeado Adionel Aceitacionista, o primeiro da Terra. Essa alta honraria me coloca em posição superior a qualquer outro terráqueo, e como líder do futuro conselho de adionéis. Fui o primeiro humano a entrar em uma nave espacial e ver do alto São Paulo com sua pele nova. O que estamos criando só pode ser descrito como um admirável mundo novo.

Também tive a honra de ser o primeiro humano a ver pessoalmente Karollus, nosso líder. Ele é gentil e manso, e conversamos por longas horas deitados ao sol. Ele me revelou que foram as bombas atômicas que chamaram a atenção dos rigelianos. Mas fiquei chocado ao ouvir sua teoria de que o destino do Brasil já estava traçado alguns anos antes, com a polarização política no Facebook e no Twitter.

No meu novo cargo recebi o direito de escrever uma única carta a uma única pessoa; meus mestres se encarregarão de entregá-la ao destinatário. Escolhi você, como uma despedida da minha vida mundana. Os rigelianos me aceitaram e confiam em mim, e neste momento aguardam que eu volte// ao trabalho. Farei o máximo possível para ajudá-los a conquistar o que merecem, e entrego minha vida a esse propósito.

Como lembrança derradeira de minha vida antiga, a memória que sepultará para sempre o velho eu, escolho algumas cenas de nossa infância.

Nossas brincadeiras, nossos jogos e, principalmente, os códigos secretos que criávamos. Eles sempre revelavam a verdade e nos tiravam de qualquer apuro. Bons tempos.

Mais uma vez, desculpe os erros de datilografia.

Adeus//, e// boa// sorte//.

FIM

♦ ♦ ♦

Petronio De Tilio Neto é formado em Ciências Sociais e doutor em Ciência Política. Tem 41 anos e ganha a vida como professor universitário na cidade de São Paulo. Escrever sempre foi um projeto, mas apenas nos últimos anos colocou as mãos na massa.

Petronio possui um site, o Rioponte.com, onde procura fazer ficção científica brincando com forma e conteúdo. Lá estão centenas de minicontos e algumas ficções relâmpago, e seu próximo passo é investir em textos mais longos.

Atualmente seu projeto principal é o universo de Rioponte, um sistema solar futurístico que dá nome ao seu site.

Suas inspirações vão de Júlio Verne a Kim Stanley Robinson, passando por Isaac Asimov, Frank Herbert e Terry Pratchett, com escalas domésticas em Fábio Fernandes e Luiz Bras.

JÁ RAIOU A LIBERDADE

■ *Rui Guimarães Vianna*

Porto Alegre/RS — 29 de novembro de 2019

Da janela em ruínas, ele observa o movimento na Rua dos Andradas. Movimento pouco, assustado, pessoas que transitam furtivamente, amoldando-se aos muros, virando sombras. Ali, onde recentemente se abrigara a Casa de Cultura Mario Quintana, agora serve de abrigo precário a marginais, desocupados (muitos), drogados e vários outros deserdados da Nova Ordem. Potenciais vítimas, parceiros de infortúnio, pessoas vazias de significado. Esses são seus alvos. Seus olhos movimentam-se frenéticos na obscuridade, ouvidos direcionados para os menores ruídos em seu redor. O gosto adocicado da última pedra se desfaz na boca, já não sente os ouvidos zumbirem. Fissura. Não tem dinheiro nenhum, nem esperança de consegui-lo. À sua volta, destruição, abandono, desespero. Tudo em contraste com a serenidade das águas turvas e escuras do rio Jacuí, esparramando-se preguiçoso a duas quadras dali. “Quem sabe nas docas?” pensou.

“A evolução do quadro de instabilidade institucional nos levará à desintegração acelerada do tecido social.” Declaração do Sr. Governador do Estado, Eduardo Leite, em 15/04/2019. Teria sido assim tão rápido?

“Deveremos escolher entre a manutenção da ordem e dos serviços básicos, ou os gastos em educação, cultura, esportes, etc...” Idem, ibidem, 22/08/2019. Foi.

Agora caminha pela Avenida Sete de Setembro, em direção às docas, sempre olhando para todos os lados, ruídos como marteladas, sombras ameaçadoras. Lixo por toda parte (não há coleta, as empresas deixaram

de receber do governo do estado), em montes malcheirosos e disformes. Ratos maiores do que gatos disputam restos com cachorros assustados.

Natal/RN — 15/dezembro/2021

O suor escorre pelo corpo todo, mesmo permanecendo imóvel. Imobilidade quase absoluta, produto do pavor. Não tem coragem sequer de levantar a cabeça para checar o que acontece em volta. Não há energia elétrica, nem água. Há quanto tempo? Não é capaz de se lembrar. Sente muita falta de um banho decente, de água doce, e do ar condicionado. As corridas desesperadas em direção ao mar, para ao menos ter a sensação da água levando a sujeira do corpo, já não são possíveis. Os tiroteios tornaram-se tão intensos que não admitem o risco. Mesmo que a duas quadras da praia, pertinho da Café Filho, ser atingido é só uma questão de tempo. Todo mundo atira em todo mundo, as facções rivais multiplicaram-se de forma desordenada e exponencial, drogas e vinganças pessoais como vetor, interesses políticos contrariados e fechamento puro e simples do legislativo potiguar. As forças armadas tornaram-se a falange mais poderosa, após a pilhagem dos paíóis do exército, e domina vários bairros, como Igapó, Barro Vermelho e Rocas.

Desespero e abandono, somados à fome, transformaram a população em animais, que rastejam sorrateiramente pelos cantos.

Washington DC, 12\12\2020

A ordem é clara: Esse fantoche já era. A junta militar argentina assumirá o governo brasileiro em dois dias. Pelo menos são **os nossos fantoches**. Em alguns gabinetes a notícia pega altos escalões de surpresa, afinal, esse mesmo fantoche havia sido **tão cordial e prestativo** até agora! Por que a urgência? Nada disso é questionado, a ordem vem diretamente do gabinete do presidente Trump, reeleito e auto proclamado líder máximo e eterno das Américas. Todas as providências foram ultimadas, o suporte diplomático acionado e o envio de auxílio humanitário via fronteira com a Argentina, enviado e entregue sem qualquer problema.

Em seu gabinete, o adido militar do gabinete da presidência pensa, enquanto saboreia um Cohiba Siglo Ocho e contempla a paisagem pela janela: — E pensar que não precisamos disparar um único tiro de AR 22 para isso!

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2020 — Em algum lugar da Barra da Tijuca

— Rápido, rápido, entra logo no carro!

O grito é desesperado, um ultimato em quase tom de lamento. Queiroz, o fiel motorista empurra o chefe sem qualquer cerimônia para o banco de trás do Fusion, sem lhe dar tempo para qualquer tipo de questionamento.

— Deixa a Michelle aí, vamos, vamos, presidente!

Michelle vem correndo de forma atabalhoada, deixando ordens para os empregados, transmitidas em linguagem de libras, mas é tarde. O carro arranca, largando fumaça e cheiro de pneu queimado para trás. De nada adiantam seus acenos desesperados em direção do carro, nem as maldições lançadas contra seu marido e o fiel escudeiro. Ao celular, esbraveja:

— Dudu, teu pai me largou aqui e se mandou! Dudu? Dudu? Filho da puta!

Nesse preciso momento, uma formação de A-4R Fighthawk argentinos desce e lança mísseis sobre a residência do casal. Explosões quase coreográficas arremessam destroços em câmera lenta e em grande extensão, espalhando o odor da destruição e a fumaça da desgraça em todo o condomínio. A ação rápida não dura mais do que poucos segundos, mas o que resta é quase nada. Destruição, abandono e desespero, além de gemidos. Focos de incêndio começam a se formar, e das montanhas de entulho não vem qualquer sinal de vida ou movimento. Onde está Michelle?

Da janela de trás do carro, com ar abestalhado, ele observa a grande nuvem de fogo que se alastra no horizonte, resultando num cogumelo de fumaça escura. Queiroz olha fixamente para frente, sem ousar palavra. A estrada a frente está desimpedida, o sol é forte e não há sinal de nuvens. Também não há certeza do que fazer agora, para onde ir ou a quem pedir ajuda.

— Liga pro Carluxo caralho!

Curitiba, 15 de junho de 2022

Cedo pela manhã, faz muito frio nas imediações da Santa Cândida. As ruas estão desertas, muito pelos vários pontos de bloqueio instalados no entorno da sede da extinta Polícia Federal. Não há circulação de veículos nem de pessoas faz muito tempo, determinação direta da junta governante. Da janela de um sobrado na rua Franco Giglio é avistado um clarão, intenso e rápido. A explosão na sequência atinge o portão de entrada do prédio, que se despedaça como papelão molhado. As barreiras instaladas voam longe, deixando um buraco no asfalto e destroços em chamas. Sirenes disparam histéricas pelos arredores e um pequeno batalhão armado move-se de forma coordenada, em direção ao interior do prédio.

— Carajo, call the americans! The shit hits de fan!

Ordens desencontradas são disparadas, correria generalizada e muitos tiros disparados, sem saber sequer quem são os inimigos. A corrida à antiga carceragem denuncia o desespero da ação.

Por gestos, o líder do pelotão distribui seu pessoal nas direções estratégicas previamente estabelecidas. Granadas de fumaça são lançadas nos corredores, a luz é cortada, desorientando as linhas de defesa que correm por todos os lados sem saber o que fazer. Forte explosão no pátio. Atrás do prédio, um vizinho avista um helicóptero que se aproxima, enquanto fala à esposa:

— Tá rolando alguma merda ali na antiga PF!

No noticiário da noite, a nota sucinta:

“Fracassa mais uma tentativa de resgate do último detento da extinta Polícia Federal. Não há registro de mortos ou feridos. A ação não foi reivindicada por nenhum grupo terrorista. Boa noite.”

No interior de um quarto escuro, onde as janelas foram lacradas, a atmosfera é sufocante, apesar do frio de 2 graus no exterior. Uma pessoa repousa em uma cama improvisada, com respiração pesada e tranqüila.

Ramón Trigo, Uruguai, 17 de julho de 2024.

— Até que enfim, Presidente!

A exclamação vem de dentro de um rancho simples, cheirando à lenha queimada. Faz muito frio, o fogão aquece uma grande chaleira e um bule de café. Da porta vem a resposta:

— Só há um Presidente aqui, e é você!

Os dois se abraçam calorosamente, expressão da alegria do reencontro, da felicidade da liberdade reconquistada por ambos. Servem-se de café, conversam na soleira da porta, enquanto, ao longe, seguranças armados estabelecem um perímetro seguro. Dia claro, sem nuvens, que prenuncia ainda mais frio.

— Zé, você precisa estabelecer as novas diretrizes para os passos seguintes do Governo. Estamos sendo cobrados pela imprensa internacional.

— Presidente, de agora em diante, toda e qualquer decisão está em suas mãos. O Governo do Exílio só pode ser exercido por você. Meu papel foi cumprido, o povo exige seu retorno!

— Estou muito velho para isso, você bem sabe. Já não me resta muito tempo mais, devo passar o bastão em definitivo.

A reflexão amarga deixa os dois em silêncio, não há muito a ser dito. A situação atual do país é delicadíssima, após a deposição da junta militar argentina e a consequente ascensão de interventores americanos. Com o esmagamento da guerrilha armada na Alta Mogiana, a resistência é praticamente simbólica. Tenta-se o reagrupamento do ERMJ, através das bases estabelecidas no Uruguai e Venezuela, mas o estrangulamento financeiro e as dificuldades logísticas tornam a efetividade de uma reação quase nula. A alegria do reencontro dá lugar a uma nostalgia silenciosa, quebrada por frases monossilábicas.

— Beto, ainda tem daquela cachacinha aí?

Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 2028

Dentro do estúdio, vários monitores ligados. São tomadas aéreas, feitas através de drones, com largos planos abertos em grande angular.

Câmera 1 — Alto Xingu

Num voo rasante, a imagem veloz capta uma pastagem, numa tomada longa de quase 1 minuto. Pasto e mais nada. Ganhando altitude,

vê-se ao longe o início de um lago. A grande extensão de água forma uma imagem monótona, quase imóvel. Não se vê margens, até o surgimento da barragem. Não há locução.

Câmera 2 — Xapuri

A imagem aberta capta densas colunas de fumaça. Pequenos incêndios revelam troncos retorcidos e negros. Num corte, a imagem de uma longa extensão de pasto. Não há vida. Não há locução.

Câmera 3 — Salvador

No centro da tela, a imagem batida do Farol da Barra. O plano aberto revela a praia deserta, assim como a Avenida Oceânica. Em câmera lenta, a imagem do mar explode em ondas e espuma, num mosaico fantástico. Ao fundo, a voz de Dorival Caymmi: “O maaaar, quando quebra na praia, ééé bunito....”

Câmera 4 — São Paulo

Amanhecer. Entre nuvens, raios de sol tímidos invadem a tela, sobre o Viaduto do Chá. Lentamente, a imagem se desloca através do Vale do Anhangabaú, em direção ao Viaduto Santa Efigênia. Prédios desertos, lixo, ruas desertas, lixo. Começa uma chuva fina, que embaça a lente da câmera. Não há locução.

♦ ♦ ♦

Rui Guimarães Vianna, paulistano, aposentado como Procurador da CEF, torcedor do Santos FC. Iniciou-se na leitura cedo, graças à farta biblioteca do pai. Leu bastante, de Karl May a Júlio Verne, passando por Mark Twain, Jorge Luis Borges, Philip K. Dick e Ray Bradbury, Thomas Mann, Julio Cortazar e Franz Kafka, entre vários outros. Participou de concursos literários, alguns ganhou, outros não.

JAIR VAI À ESCOLA

■ *Bruno Pinheiro Ivan*

Enquanto Jair esperava o ônibus para a escola, lembrou do dia em que seu pai raspou seus cabelos usando a máquina. Foi pouco antes das aulas começarem.

— Sei que você não quer cortar, filho, mas vai ser melhor assim. Sua beleza e sua força não estão nos cabelos.

Jorge tentava suavizar a situação e esconder a tristeza em sua voz. Sempre incentivou o filho a deixar crescer o cabelo. Considerava um símbolo de orgulho e perseverança, valores tão caros que agora iam ao chão com cada fio cortado.

— Na escola em que você vai estudar já iam fazer isso. Cortando antes você chega pronto e evita problemas.

O pai tentou matricular o filho nas escolas mais próximas, administradas por civis. Fez tudo que os escassos recursos e a falta de tempo permitiam. Não conseguiu. Uma das diretoras explicou que o número de vagas nesse tipo de escola diminuía, muitas vezes não sendo suficiente para manter os alunos que sempre estudaram ali. Era ainda mais difícil no caso de Jair, que deixaria o ensino domiciliar para pisar pela primeira vez em uma escola. Restaram os colégios militares que tinham mais vagas ano após ano. Jorge até gostava desses colégios quando via na tevê, contudo sempre ouvia relatos de abusos e problemas daquelas versões mais reais que haviam na sua cidade. Também tinha uma vaga lembrança das propagandas de que essas escolas militarizadas apresentavam índices de desempenho melhores, há anos não via esses índices serem divulgados.

Chovia e o ônibus estava atrasado. Jair se protegia com um guarda-chuva, o que não impedia que as botas e as calças ficassem molhadas. Receberia uma advertência por isso e teria que ficar na escola até mais tarde, era sempre assim quando chovia. Tentara levar o uniforme na mochila e trocar na escola, o que rendeu uma advertência dupla por transitar na escola com trajes inadequados. Professores e guardas tinham especial atenção com os alunos recém-ingressados, segundo eles não era uma perseguição baseada em preconceitos. Em dias de chuva, ensaiara chegar no ponto de ônibus no horário do atraso habitual daquela linha. Teve sucesso algumas vezes, porém quando o azar fez diminuir o atraso, Jair teve que correr até a escola. Ofegante, molhado, atrasado e suado, recebeu uma advertência grave e teve de passar o sábado confinado. Sua irmã chorou muito neste dia, achou que o irmão nunca mais voltaria. O ônibus chegou e Jair voltou a pensar nos dias que antecederam o início das aulas.

— Sua vida vai mudar um pouco. Aqui em casa sempre te incentivamos a dizer o que pensa e a perguntar no caso da menor dúvida. Agora vai ser melhor tomar mais cuidado, ficar mais quieto, na sua. Deixar pra falar só quando questionado, pelo menos até entender como as coisas funcionam.

— Já tá terminando, pai?

— Falta só acertar aqui atrás... e pronto!

Jair saltou da cadeira pisando nos fios de cabelo que amontoavam no chão. Correu para o quarto dos pais para abraçar a mãe que estava deitada na cama. Sônia percorreu com uma das mãos a cabeça do filho. Era agradável sentir entre os dedos aquele cabelo bem curto e espetado.

— Meu bebê está virando um homenzinho. Vou sentir muitas saudades quando você estiver na escola.

— Quero continuar aqui com você.

— Ah, meu pequeno, você tem que continuar seus estudos. Não tenho mais saúde para ser sua professora, mas sempre que voltar da escola estarei aqui te esperando.

— Promete, mamãe?

— Prometo, meu filho. E você? Promete que vai continuar ajudando a cuidar da sua irmã?

— Prometo.

Mãe e filho se abraçaram em lágrimas. Esse prelúdio de uma separação era muito difícil de suportar para quem passou quase uma década sem se desgrudar. Pouco depois que Jair nasceu, Sônia conversou longamente com Jorge. Ambos valorizavam muito a educação e tinham medo das coisas ruins que diziam ser ensinadas nas escolas, coisas que afrontavam os valores cristãos. Foi o pastor quem sugeriu que eles cuidassem da educação do filho em casa. A educação domiciliar não era apenas permitida, ela era incentivada. O governo garantia descontos no imposto enquanto a igreja fornecia material didático e apoio pedagógico. Decidiram que esse era o melhor caminho para educar Jair. Sônia largou o emprego na biblioteca municipal. Sentiria falta das horas ociosas que podia dedicar à leitura, mas agora se ocuparia integralmente do filho. Jorge estendeu para doze horas diárias o seu turno na fábrica de armas para compensar a perda da renda da esposa. Julgava ter sorte por não existir mais o limite de 44h semanais de trabalho, e também pela demanda crescente por armas. Trabalhava duro de segunda a sábado para poder sustentar a família, sentia que o esforço compensava quando ficava em casa aos domingos e podia acompanhar a evolução de Jair. Jorge tinha a certeza de ter feito a escolha certa, todo filho deveria estar assim feliz junto da mãe. Agora tudo isso se acabava. Sônia estava muito doente e não tinha condições de cuidar da educação do filho.

Ao resgatar essas lembranças, Jair remoía os conselhos que seu pai lhe dera, de que ele deveria tomar cuidado e obedecer sem questionar, evitando chamar as atenções para si, pelo menos até se adaptar à nova realidade. Talvez não sofresse tanto na escola se tivesse seguido esses conselhos, contudo naquele período, enquanto o pai falava, Jair só conseguia pensar na mãe doente e em como queria preservar aquela relação. Na escola, o menino não conseguiu passar nem um dia de aula sem chamar atenção para si. Era o intervalo da tarde e Jair sentia uma dor apertando o estômago, era fome. A merenda tinha sido só umas poucas bolotas fari-nhentas parecidas com ração, que só ficavam mastigáveis quando misturadas com água. Acostumado com a comida variada e fresca que ajudava sua mãe a preparar, nem mesmo a fome foi suficiente para que Jair comesse toda aquela ração. Não que comer aquelas poucas bolotas faria grande diferença. No intervalo da tarde Jair via que quase todos os seus colegas

traziam nas mochilas algo para comer, alguns poucos compravam na lanchonete. Sem dinheiro ou um lanche trazido de casa, a fome tornava-se insuportável à medida que pacotes eram abertos e bocas mastigavam. Jair estava numa mesa com alguns colegas, a fome era tanta que nem conseguia prestar atenção no que falavam. Ao perceber que o garoto mais próximo tinha um pacote imenso de biscoitos, tão grande que não teria como ele comer tudo, Jair apostou na solidariedade do colega e pediu um.

— Não! — Disse seco o outro garoto, levando o pacote para longe e olhando com uma expressão severa como se repudiasse uma proposta indecente.

— Por favor, estou morrendo de fome. “Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo”. — Jair insistiu e apelou para uma citação que aprendera em casa.

Os garotos na mesa interromperam o que estavam fazendo e olharam para Jair, alguns assustados, outros com ódio. Moisés, um dos garotos, apontou o dedo e gritou: “Seu comunista de merda!”. Todos os outros o acompanharam como se ele fosse uma espécie de líder da turma, apontavam os dedos e gritavam insultos: “vagabundo”, “vai mendigar em Cuba”, “terrorista bolivariano infiltrado”. As crianças das outras mesas, sem nem mesmo saberem o motivo, fizeram coro às ofensas. Os olhos de Jair procuraram os dois homens fardados e armados que vigiavam os alunos no intervalo, sua feição suplicava por alguém que contivesse aquela turba, mas os dois homens continuaram parados, com um leve sorriso no rosto em aprovação ao apedrejamento. Sem ter a quem recorrer, restou a Jair esconder o rosto e chorar, buscando mentalmente o colo da mãe.

Sônia contara ao filho que estava doente. Tinha um câncer de mama e começaria o tratamento naquela semana. Jair chorava com o rosto escondido no colo dela, a sensação de que poderia perder sua mãe era inevitável. A boa notícia é que o tratamento era muito simples. Nada de cirurgias, radioterapias ou quimioterapias. Aqueles procedimentos agressivos, perigosos e tão onerosos aos cofres públicos haviam sido substituídos por um simples remédio, uma versão aprimorada da fosfoetanolamina. O médico brasileiro garantiu a Sônia e Jorge que o remédio era tão eficiente quanto os métodos antigos. Disse que os planos de saúde privados só continuavam a aplicar esses “métodos medievais” para justificar

seus preços exorbitantes. Infelizmente o caso de Sônia foi desses poucos em que o remédio milagroso não teve o efeito esperado. Seu quadro só piorava. O médico dizia que era preciso ter paciência, que o remédio funcionaria. Após a virada do ano, já estava claro que Sônia não conseguiria mais cuidar da educação do filho. Ela mal tinha forças para sair da cama e Jair passava a maior parte do seu dia ali, lendo histórias para ela e para sua irmã pequena.

Da janela do ônibus Jair viu uma sequência de propagandas para que jovens se alistassem nas forças armadas, algo que tornara-se comum desde que o Brasil entrou em seu primeiro conflito armado com um país vizinho. Retratavam jovens com seus fuzis em cenas de coragem e força, como heróis. Era um destino popular para jovens que completavam 16 anos, uma ocupação certa e razoavelmente bem remunerada. A alternativa era um mercado de trabalho extremamente exigente, concorrido e instável. Jair teria que enfrentar esse mercado pois o exército não era uma opção. Aprendera em casa a repudiar armas e violência, a ponto de causar-lhe mal-estar ver esses cartazes que fingiam haver glória onde só havia morte. Uma vez ele perguntou ao pai por que ele trabalhava fabricando armas.

— Sabe filho, esse meu trabalho é o que permite cuidar da nossa família, colocar comida na mesa. Antes eu trabalhava em fábrica de carros até que a última delas fechou. Hoje todos são importados. Eu preferiria trabalhar com outra coisa, mas é impossível conseguir com a minha formação. Emprego bom só com mais estudo, por isso você tem que estudar bastante.

A resposta só aumentou o desgosto de Jair pelas armas. Agora, vendo os cartazes, lembrou que era dia de aula de tiro na escola. Foi outro choque da primeira semana na escola quando Paulo, o professor de matemática, anunciou que os alunos deveriam ir para o pátio de tiro para a próxima aula. Os estudantes saíam urrando e simulando armas com as mãos. Jair ficou horrorizado.

— Professor, eu não posso participar das aulas de tiro.

— Por que você não pode? É... Jair, certo?

— Sim professor, meu nome é Jair. Armas só servem para matar, minha mãe disse que é pra eu ficar longe delas. “Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra”.

— Assim fica fácil te encher de porrada! — Disse Moisés com o punho em riste, passando em direção à saída.

— Deixe o Jair em paz, Moisés, ele acabou de chegar. Vá logo para a aula. — Paulo aguardou a saída do aluno e se aproximou calmamente. — Jair, eu concordo com você. Não acho que garotos de nove anos deveriam aprender a atirar, mas é uma das matérias desta escola e se você reprovar nela, terá que repetir o ano até ser aprovado. Não há como fugir. Tem muitas coisas aqui que eu não concordo. Temos que nos adaptar a elas e esperar que as coisas melhorem. Se você estudar bastante, quando estiver formado poderá arrumar um bom emprego e nunca mais precisará chegar perto de uma arma. Pense no que você quer conseguir, naquilo que você pode se tornar. Tendo esses objetivos em mente será mais fácil passar pelos momentos difíceis, eles serão apenas etapas para que você chegue onde quer.

— Entendi, professor, é como meu pai que não gosta, mas faz armas pra sustentar eu e minha irmã.

— Isso, Jair. E se você se esforçar poderá trabalhar naquilo que gosta. Agora é melhor ir para a aula para não se atrasar. E pode me chamar de Paulo.

— Obrigado, Paulo.

Jair saiu pensando no que o professor dissera. Antes ele não sabia que poderia ser o que quisesse, e agora percebeu que não sabia exatamente o que queria ser. Continuou andando pelos corredores refletindo sobre esse novo universo que se abria. Depois de um punhado de passos concluiu que gostaria de ser professor para poder ajudar os alunos que tivessem dificuldades como ele. Só faltava escolher o que gostaria de ensinar, no entanto poderia fazer isso depois porque acabara de perceber que estava perdido e não sabia onde era o pátio de tiro. Demorou um pouco até encontrar um guarda que lhe explicasse o caminho. Jair saiu para o pátio cautelosamente para não chamar atenção, os outros alunos estavam sentados em um círculo, cada um com uma pistola nas mãos, todas as atenções voltadas para o professor de tiro que estava em pé e interrompeu suas instruções quando notou a chegada do aluno novo.

— Você está dez minutos atrasado. Qual o seu nome?

— É... Jair, senhor.

— Jair, vou te dar uma advertência pelo atraso. Ficaré detido por duas horas ao final do dia.

— Por favor, professor, tenho de ir pra casa logo depois da aula. Sou novo aqui e fiquei perdido procurando o pátio.

— Não perguntei nada pra você vir com desculpas, e burrice não serve como desculpa. Advertência dupla, quatro horas detido. E não fique aí parado, pegue logo sua arma na mesa e sente com os outros, já esperamos você por muito tempo.

— Ele prefere combater os bandidos com florzinha. — Zombou Moisés para diversão dos alunos e do professor, que após algumas risadas continuou sua aula.

— Sei que alguns de vocês estão decepcionados com as pistolas, eu também fico. As aulas com armas maiores são só a partir dos doze anos, é a lei. Estamos tentando mudar essa regra estúpida que limita o direito das crianças de se defenderem. Por enquanto só teremos aulas com armas leves, já é melhor do que florzinha.

Os alunos gargalhavam e apontavam para Jair. Ele aprendeu rápido a não se importar com isso. A cada insulto dos colegas ou risada do professor, o menino pensava em como seria diferente quando ele estivesse dando aulas, seria como o professor Paulo, respeitado sem precisar diminuir e hostilizar seus alunos. Ouviria cada um e resolveria os problemas conversando, sem precisar punir. Não incentivaria os alunos a zombarem uns dos outros, não importa qual fosse o motivo.

O tempo extra na escola pelas advertências não era ruim em si. Jair usava para estudar, fazer tarefas e aprender conteúdos que não eram dados nas escolas públicas, como a teoria da evolução ou uma história de formação da Terra que contemplava muito mais que sete dias. Era um material antigo que sua mãe conseguiu depois de terem esgotado o conteúdo daquelas apostilas fornecidas pela igreja para o ensino domiciliar. O problema das detenções é que Jair demorava para chegar em casa e sua irmã ficaria sozinha pois seu pai nunca chegava em casa antes das 21h.

Alice tinha três anos e não tinha movimentos na perna direita. Aos dois anos ela foi diagnosticada com pólio, doença que deixou a paralisia como sequela. O médico disse que era melhor essa paralisia do que o

autismo ou as outras mazelas associadas com as vacinas. Os pais pensaram na imensa sorte que tiveram com Jair por ele não ter sinais de autismo, na época em que ele nasceu ainda era comum aplicarem uma porção de vacinas nos bebês. Quando Jair ia para a escola, Alice ficava em casa sozinha, assistindo tevê e esperando o irmão voltar. Não existiam mais creches sustentadas pelo governo, nem escola para crianças antes dos seis anos de idade. Todas foram fechadas para que as mães ficassem em casa e participassem mais da criação dos filhos, seria um absurdo continuar sustentando uma política pública que promove a separação das famílias, que desvia as mães de seu papel natural. Quando ficava detido, Jair pensava muito na irmã sentada no sofá e com imensas dificuldades para se locomover. Pensava que ela estaria com fome, talvez entediada, ou simplesmente preocupada e com saudades do irmão. O menino tentava usar isso como incentivo para estudar mais, para ter um bom emprego no futuro e poder ajudar sua irmã e seu pai. Não era fácil, por vezes sua mente custava a abandonar o momento em que ele chegaria em casa e veria a felicidade da pequena esperando o abraço do irmão. Ele esquentaria a janta para a menina faminta, depois os dois brincariam até ela cansar e ir pra cama ouvir uma estória antes de dormir.

O ônibus deixou Jair a algumas quadras da escola e o garoto seguiu caminhando. A chuva deu lugar ao sol e o menino julgou estar com sorte, suas roupas ficaram secas o suficiente para que escapasse da advertência. Além disso, era dia de sua aula preferida, de matemática com o professor Paulo. Durante a aula Jair estava mais ansioso que o normal. Não ter levado uma advertência contribuía pois logo o menino encontraria sua irmã, porém isso não era incomum acontecer. O que deixava Jair mais ansioso é que ele finalmente decidira que queria ser professor de matemática, e queria aproveitar alguns minutos entre as aulas para anunciar sua decisão e pedir umas dicas para o Paulo, dicas do que ele deveria ir estudando e onde poderia ter uma boa formação na área.

Faltando alguns minutos para o término da aula, Paulo resolvia um exercício na lousa. Repentinamente ele ficou paralisado olhando para fora da sala de aula. Largou o giz, virou para frente e tropeçou até sua cadeira. Paulo sempre mantinha um semblante calmo e neutro, uma voz tranquila que nunca se elevava ou se abaixava. Agora estava pálido e com um olhar

distante, parecia que tinha perdido o chão. Se dirigiu aos alunos com uma voz insegura e trêmula.

— Desculpem-me. Hoje terei que encerrar a aula um pouco mais cedo. Estão dispensados. Podem ir para o pátio de tiro.

Os alunos iniciaram sua correria habitual em direção ao pátio, estavam um pouco mais eufóricos que o normal pelo término antecipado da aula. Paulo continuou olhando para o vazio. Jair se aproximou, ele era o último aluno na sala.

— Paulo, eu queria conversar com o senhor. É que quero ensinar matemática.

— Jair, agora eu não posso conversar. Tenho certeza que você será um ótimo professor, e nosso país precisa muito.

Paulo colocou a mão no ombro de Jair. Apertou firme e o menino ficou mais preocupado do que já estava.

— Adeus, Jair, boa sorte.

— Tchau, Paulo, nos vemos na próxima semana.

Ao sair da sala Jair viu quatro homens com fardas pretas e armamento pesado. Eles entraram e fecharam a porta. O garoto ficou paralisado pensando no que estava acontecendo. Ouviu a voz de um dos homens.

— Senhor Paulo Pereira, o senhor está preso por comportamento subversivo, posse de livros proibidos para professores e corrupção da juventude. Sua licença de professor está revogada...

Jair sentiu um aperto no peito e saiu correndo, não conseguia continuar ouvindo aquilo. A única pessoa que ele admirava naquela escola estava sendo presa e não poderia mais dar aulas. Destruíam o seu exemplo de professor, que tratava bem a todos os alunos e colegas, que não perseguia nem incentivava chacotas entre os estudantes. E não adiantava ter esperanças, o próprio Paulo havia dito a Jair que antes a escola contava com muitos professores parecidos com ele, mas que aos poucos eles foram sumindo. Quando conversaram sobre isso, Paulo não disse mais nada, apenas que sumiam sem dar detalhes. Agora Jair compreendeu como sumiam os bons professores e soube que Paulo nunca mais voltaria. O menino teve raiva

deste mundo que destruía ou machucava todos que ele amava. O pai super explorado sem tempo para a vida, sua irmã com a perna paralisada, seu professor preso, sua mãe doente na cama, sua mãe morta.

Sônia não conseguiu cumprir a promessa que fizera ao filho de que estaria esperando por ele quando retornasse da aula. Ela nem mesmo estava lá para vê-lo ir para a aula no primeiro dia. Depois de cortar o cabelo Jair estava abraçado com sua mãe, chorando. A promessa feita pela mãe lhe deu alguma tranquilidade ao ter a garantia de que continuaria a vê-la todos os dias, e isso permitiu que ele relaxasse e sentisse o conforto daquele colo com a mesma intensidade que sentira por todos os dias até então, a intensidade daquilo que é eterno. Acabou dormindo agarrado na mãe.

Jorge varreu os cabelos do chão e foi assistir um pouco de tevê para deixar mãe e filho aproveitarem um pouco mais esses dias antes das aulas começarem. O corpo cansado pela longa jornada o fez cochilar. Acordou no começo da madrugada e foi levar o filho para a cama dele. Voltando para o quarto suspeitou que havia algo estranho com a esposa, tentou acordá-la em vão, Sônia tinha sido levada pela doença. Jorge havia antecipado que isso aconteceria, mas não importa o quanto antecipasse, jamais estaria preparado para suportar a morte da esposa. Depois de passar alguns minutos abraçado ao corpo de Sônia, juntou forças para levar a notícia ruim ao filho. Jair acordou pensando que já era de manhã e o pai estava indo trabalhar. Entrou em desespero quando soube que sua mãe estava morta, agarrou seu pai e os dois choraram por horas. Sua mãe não estaria ali para recebê-lo quando voltasse da escola.

Jair chegou ao pátio de tiro. O professor ainda não havia chegado e os estudantes brincavam com suas pistolas. Jair pegou a sua e sentou para esperar a aula começar. Só conseguia pensar em tudo que havia perdido neste ano, no colo da mãe, nos quatro homens fardados que agora levavam Paulo preso. Moisés se aproximou e apontou a arma para Jair. Não era a primeira vez que ele fazia isso, Jair preferiu ignorar.

— O comunista tá tristinho porque levaram preso seu namorado?

A provocação deixou Jair profundamente irritado. O garoto deixou-se levar pelo impulso, levantou e apontou sua arma para Moisés. Os outros

alunos pararam suas brincadeiras para acompanhar o que acontecia. Alguns pediam por sangue.

— Vai, Moisés, manda bala nesse vagabundo.

— Acaba com ele.

Os dois ficaram assim por quase um minuto. Até que Moisés sorriu e disse:

— Até que enfim você tá criando coragem.

Jair sorriu e ia baixar sua pistola quando ouviu um estouro seco e sentiu algo perfurando suas costas. Antes que seu braço ameaçador pudesse se abaixar, seu corpo já estava no chão. Atrás dele estava o professor com sua arma em mãos e uma bala a menos no pente. Jair morreu ali, no chão, junto com seus sonhos de se tornar professor de matemática. Alice estava no sofá assistindo tevê e esperando pelo irmão. Hoje seria Jair que romperia a promessa que fez a sua mãe.

♦ ♦ ♦

Bruno Pinheiro Ivan — Fui um adolescente tímido e aficionado por jogos, o que trouxe como consequência lógica uma graduação em engenharia de computação. A escolha garantiu tranquilidade e estabilidade financeira, uma boa combinação para sonhar com projetos paralelos: uma graduação em filosofia, estudos de latim, duas bandas de roque barulhento, viagens de bicicleta. Um conjunto de atividades que produz caras de interrogação, frequentemente desfeitas quando consigo amarrar as coisas pelos fios do abstrato e da introspecção. Demorou um pouco para perceber que os meus maiores sonhos eram impossíveis de realizar, como viajar para galáxias distantes ou conhecer universos paralelos. A escrita foi o lugar que encontrei para satisfazer esses desejos e continuar fazendo uso dos dois fios que sempre conduziram a vida.



MALTHUS NO BRASIL DE MAIS ALÉM

■ *Heliel Damascena da Silva Sena*

O patriotismo seguia, vacilante, embora ainda fazendo as vezes de ordem do dia, a exigir imolações humanas, como que adivinhando que daqueles cujo sacrifício era rendido à pátria esguichava, a borbotões, sangue verde e amarelo. O jactante ufanismo brasileiro vitimava vetustos beneficiários dos fundos da previdência, não poupava também, é claro a jovem carne de canhão em campanhas de guerra, nem a população vulnerável, minoritária e invisível.

O Brasil de mais além, como o das três décadas anteriores habituara-se, impenitentemente, a agendas políticas permanentes, gerando castas de ressentidos desentronizados de todas as alas — desventurados, usurpadores e descontentados que gostariam de fazer caducar os preceitos de então, para que os seus tornassem a se degenerar.

Mais um projeto eugênico, de escancarada higienização era levado a cabo no ínterim dos últimos 10 anos, a despeito de que parecesse providência pouco ortodoxa, poucos deploravam sua hediondez. O projeto corria não sem que se opusesse alguma resistência, no entanto. Brigitte era uma daquelas degredadas octogenárias que, como as suas recordações de cenários políticos anteriores o eram, era tomada por escopo da danação da memória. Cada testemunha de eras pregressas que partia, nestes tempos, representava mais uma deflagração incendiária aos arquivos de outrora. Nossa heroína Brigitte era a mais virtuosa biblioteca viva nesta Alexandria arrasada.

Brigitte, sentada pachorrentamente na varanda de casa, senhora de muita fibra, tinha a sonolência debelada apenas pela preocupação que

lhe chegava aos sentidos quando da crepitação que estalava no milharal. Ventava muito aquela tarde a ponto dos cabelos da senhora se agitarem convulsivamente na frente do rosto, fustigando a tez enrugada abaixo do boné roto, fios de cabelo lhe incomodavam a língua.

Achava-se linfática sobre sua cadeira de balanço, mas armada até às dentaduras, já que podiam ser livremente utilizadas armas de fogo, deve-se alertar. Ouvia as palavras difusas, mas repletas de escusas subjacências, que a TV antiga emitia, pois conhecia a grandiloquência da demagogia. O seu Eugênio, plácido valetudinário, saúde senil sobre seu leito, era consócio em sua decrepitude, podia entender tudo, ela acreditava, embora lhe faltasse a sagacidade da esposa.

— Essas serão as últimas incursões da divisão Malthus, bravos aqueles que foram liquidados evitando assim a inversão demográfica e subsequente escassez, o Brasil agradece os serviços prestados pelos oficias em abrandar as dívidas orçamentárias, não faz sentido, porém, protelar uma medida que atingiu objetivos satisfatórios, a pressão da oposição não nos incomoda, o Brasil foi exitoso em aplacar um custo incômodo e já provecto.

O Eugênio de Brigitte já não falava e nada ouvia, eles se comunicavam de todas as formas que restavam, ele ainda lia, ela não se moveu, não queria demonstrar titubeio algum, era a protetora de Eugênio. A gesticulação calorosa daquele que falava de um salão acarpetado lhe fazia temer pela esposa, sua digressão remontara à quando ela o apelidara de “galeguinho”, agora já o chamava de “meu véi”. Brigitte atingia os oitenta anos aquele dia, uma ameaça ao Estado.

Nas duas semanas anteriores drones haviam cercado a casa, enfocando com seus fochos descendentes como os de holofotes, os olhões inundados de Brigitte, o mandato fora anunciado pela voz sintética do objeto voador. O último drone fora o terceiro que ela mandava pelos ares, sabia que ninguém zelaria pelo milharal e pelo seu marido quando ela se fosse. Os estilhaços dos drones eram exibidos ao seu velho como condecorações. Ele sorria e lhe endereçava olhar compreensivo, mas numa negativa ingênua, como que desautorizando e fazendo graça do risco que ela corria.

Subterfúgios de toda natureza foram apresentados pela senhora, como na ocasião em que uma agente do desserviço social, palavras de

Eugênio, fingiu ludíbrio pela fraude infantil que lhe apresentara Brigitte, apresentando certidões e documentos amarelecidos em que nada podia ser lido, mas ao passo que feneciam as alternativas, os umbrais do purgatório se alteavam mais adiante do milharal, mais além no Brasil, mas o que fazer enquanto o que era caro à Brigitte a encerrava na imobilidade de sua caserna?

A derradeira onda de infortúnios lhes assediou ainda aquela noite, quando era comemorado o nascimento da senhora, nada acorria em favor das esperanças de Brigitte e não lhe surpreendiam os faróis varrendo a estrada, os veículos militares alteando-se na serra, tampouco as explosões que se seguiram.

O teatro de guerra no milharal com o qual Brigitte acreditava se precaver começara a engolir os soldados desavisados, granadas alojadas nas espigas e tensionadas por fios fragmentavam-se, ela não se deu ao trabalho de escolher em quem atiraria, confiou na vontade industriosa que seu Eugênio tanto admirava, como se orquestrasse quando e onde os projéteis seriam expelidos.

Estampidos indistintos numa orquestra destrutiva, regida por espasmódicos movimentos harmônicos de cuidado com os seus e orgulho a impossibilitavam de entender a situação em que se encontrava. Havia qualquer coisa na beleza escarlate, é claro, mais ensurdecadora que entorpecedora, que lhe permitiu admitir o sangue que lhe estampava o vestido como parte da tragédia. Ela não diferia em nada daqueles rapazinhos mutilados aqui e ali, a singularidade da ocasião emulava o mal gosto do Brasil de mais além, que diferia quase nada do cenário de mais aquém, quando se acreditava que nada pioraria, ingênuo abdeterismo.

O céu já se eclipsara com o véu soturno da noite, de maneira que parecia se apressar em sua determinação de que aquela senhora veria a manhã seguinte. Brigitte caminhou até a sala em direção à cozinha, esforçando-se em dissimular seu andar cambaleante para que não esbarrasse na escassa mobília, o seu Eugênio dormia angelicalmente, como no ensejo que lhe dera o episódio da agente do serviço social, que o poupou de assistir o desespero da esposa. Brigitte recordou-se disso e entendera os

motivos do pranto da agente, quando percebera diferença expressiva entre a idade da senhora e a de Eugênio.

Brigite fitou seu Eugênio na cama com aquele mesmo olhar ao qual o seu marido não correspondia, sentiu-se imobilizada, lhe incomodava o preciso momento em que a dor lhe cobrava pedágio, o dispositivo de explosão em que ela investira exíguas economias, estava sobre o balcão da cozinha... Em que tipo de opereta trágica merecemos acreditar, aquelas em que um entreato abortivo lhe rouba o brilhantismo, ou a que o desfecho nos furta unânime aplauso, e que se torna, afinal, ossuário das nossas arqueológicas, idosas esperanças?

♦ ♦ ♦

Heliel Damascena Da Silva Sena — Não possuo outros títulos publicados, quer contos, quer publicações científicas. Escritor de primeira viagem que sou. Aluno de graduação em Teoria, Crítica e História da Arte pela Universidade de Brasília. Aventuro-me na escrita desde o ensino médio, concorri em poucas seleções. Sou ávido leitor de ficção científica e ficção fantástica em suas mais diversas expressões temáticas, peças de teatro, teoria da arte e filosofia.

Para o texto que constará compendiado pela coletânea do 1º Concurso Mary Shelley de Contos — Brasil 2029 tive por inspiração as notícias esporádicas, sobre os pontos mais polêmicos da pretensa, até o momento em que foi escrito o conto, reforma previdenciária. A atmosfera de incerteza e a galvanizada concepção lato sensu que ouvi aqui e ali me permitiram especular sobre um futuro distópico onde uma medida malthusiana de controle da população economicamente inativa fosse a medida despótica e hedionda a ser levada a cabo.

O FUTURÓLOGO

■ *Aldefran Melo da Silva*

“A imensa floresta da região norte brasileira, patrimônio natural de todos os povos, como foi declarada por aqueles que na verdade não se importavam com seu destino, atualmente possui apenas dez por cento de sua área original, comparada aos mapas do século XX. Como resultado de um governo neoliberal que se estendeu de 1995 a 2006, quase todo o restante foi ocupado por multinacionais que até hoje levam nosso capital para o estrangeiro. A esperança de mudança se renovou em 2007, com a vitória do Partido Ecológico (PECO), que há muito defendia um debate sério sobre as questões ambientais no planeta.

Este grupo surgiu em 1992, com a inovadora ideia de promover um grande evento internacional no Rio de Janeiro, que trataria da sustentabilidade na economia: a RIO ECO 92. Contudo, o projeto foi vetado, provavelmente devido ao boicote dos países mais industrializados, que teriam muito a perder, se acordos sobre controle do desmatamento e emissão de gases na atmosfera fossem aprovados.

Quando finalmente subiu ao poder, o PECO tentou implantar diversas mudanças na economia e gestão dos recursos naturais. Mas o desafio era imenso, pois o país estava preso a tratados firmados anteriormente. Além disso, sua inabilidade em governar permitiu que a corrupção se alastrasse ainda mais, causando descontentamento entre alguns membros fundadores. Políticos corruptos, dentro do próprio partido, foram comprados pelas megacorporações internacionais, principalmente as norte-americanas, e aprovaram leis obscuras que permitiam alienação de partes do território nacional. Estas leis tinham por objetivo vender a Amazônia aos Estados Unidos, para quitar nossa dívida externa.

Diante do sonho destruído, os descontentes, que cobravam ações mais firmes do governo, como a simples moratória da dívida externa e encampação das multinacionais, fundaram a Frente de Libertação da Terra (FLT) e iniciaram uma série de atos terroristas contra o sistema. Graças a eles, um pedaço da Floresta Amazônica ainda vive. E a pequena parte verde preserva áreas virgens e desconhecidas.

Mas o golpe final no sonho brasileiro de um governo mais justo e igualitário, veio em 2016 na forma de uma conspiração promovida pelo vice-presidente e remanescentes de partidos anteriores ao PECO, que culminou no impeachment da presidenta em exercício, criando um clima ideal para a volta dos antigos valores.

Esta sequência de eventos abriu espaço para a ascensão de um ditador militarista, que utilizando um discurso religioso em defesa da família tradicional, se elegeu por voto popular e alcançou a presidência do Brasil em 2019.”

O velho escritor ergueu o olhar a fim de aliviar seus olhos cansados da leitura, deu um breve suspiro e pensou: — É... 2029! Dez anos se passaram e as coisas nada mudaram! Ou melhor, mudaram um pouco para pior!

Tal narrativa tinha sido escrita por ele mesmo em 2003, aos 35 anos de idade, e muito dos eventos que antevira, acabaram por acontecer. Não exatamente como havia escrito, afinal, ele não era um profeta. Mas em essência, seus relatos tinham uma semelhança assombrosa com a realidade atual. No momento ele vivia refugiado, morando em um humilde casebre fincado no centro da Amazônia. Ao lado de sua cadeira, um cão de grande porte dormia tranquilamente. Então o velho continuou a ler. E por um momento riu com a ideia absurda de se comparar a Nostradamus!

“O presidente brasileiro eleito, logo se alinhou politicamente ao presidente norte-americano, um imbecil beligerante que desconstruiu todas as ações pela paz mundial, promovidas anteriormente por Obama!”

Esta parte da história ele não havia previsto. Mas introduziu um apêndice na 5ª edição do livro, como uma crítica diante dos novos acontecimentos e dos rumos que nosso país e a humanidade estavam tomando. Mas isto lhe custaria caro.

“O presidente norte-americano exigiu que se cumprisse a posse total da Amazônia pelos Estados Unidos. E que qualquer espécie de resistência deveria ser rechaçada com brutalidade. Desta forma, a Organização Mundial (OM), órgão que substituiu a Organização das Nações Unidas (ONU), depois desta se provar ineficiente em fazer valer suas decisões, foi convocada para levar a cabo a missão.

Entrincheirados nesta zona de conflitos, ecoterroristas liderados por um homem chamado Joshua II, ouviam seu discurso:

— IRMÃOS! — gritou o líder dos guerrilheiros. — Qual a cor do líquido que será derramado amanhã?!

— VERMELHO! — responderam os seguidores.

— SIMMM! — continuou Joshua. — O sangue é vermelho! A hemoglobina é vermelha! Prestem atenção nisso, porque a natureza é nossa mãe, as árvores nossas irmãs! A cor vermelha nos dá oxigênio, nossa fonte de vida! A clorofila das plantas é verde, sua fonte de vida! Há milhares de anos trocamos gás carbônico por oxigênio! Os pigmentos verde e vermelho é que permitem esta troca! Não há coincidência! Essas cores são chamadas complementares, pois realmente se complementam! A Terra é um organismo vivo! Existimos em simbiose com esta pequena esfera flutuante no cosmo! O planeta Terra é Gaia, nossa mãe! E por causa dos nossos interesses mesquinhos ela está agonizando! Enfrentaremos corsários amanhã! Mas o tesouro que buscam não está enterrado como ouro antigo! Está na biodiversidade de todos os seres da pequena floresta, praticamente a única do mundo! A cobiça que move esses usurpadores é avaliada em dois trilhões de bitcoins, o suficiente para pagar oito vezes nossa dívida externa! A FLT não permitirá tal exploração! Vida longa à nossa causa!

— VIDA LONGA À FLT! — gritaram os guerrilheiros em uníssono.

Enquanto isso, no Q.G. da Organização Mundial, seu comandante procurava aumentar o moral dos soldados, jovens prestes a entrar num ambiente desconhecido:

— Não podemos esquecer o poder que adquirimos depois que a antiga ONU perdeu sua credibilidade perante o mundo! — vociferou o

comandante da OM. — A guerra dos EUA contra o Afeganistão e Iraque no início do século certamente iniciaram esta crise! Mas suas ameaças ao projeto nuclear da Coreia do Norte e a decisão unilateral de invadir o Irã foram a gota d'água! Os mais novos talvez não se recordem dos noticiários, mas a ONU teve que criar uma força militar própria, mais poderosa que qualquer membro individual que a compunha! Esta força, chamada de Organização Mundial, fez frente aos propósitos expansionistas dos EUA tornando-se o exército mais poderoso e avançado da Terra! Finalmente, em 2010, a própria OM decretou o fim da fabricação das armas de fogo, obrigando a si mesma e ao mundo a utilizar apenas as chamadas armas não letais!

— Armas menos letais, senhor! — observou um soldado raso.

— Por acaso você é um maldito ambientalista?! — vociferou o comandante irado, fuzilando o soldado com seu olhar.

— N-não, senhor!

— Enfim! — continuou o líder após se recompor. — Somos os precursores a usar essas porcarias, portanto temos treinamento apropriado para torná-las letais! E vamos fazê-lo! A Amazônia foi negociada de forma leal e a OM, a verdadeira Polícia do Mundo, entregará o território a seus novos e legítimos proprietários!”

Neste momento, sua leitura foi interrompida!

— Não entra! Vou morder! Não entra! VOU MORDER! — gritou o cão correndo em direção à porta de madeira. — Au! Au! GRRRR!

O fato do cão parecer falar não era incomum em 2029. Uma tiara com eletrodos, conectada à coleira, possuía um software que convertia as ondas cerebrais do animal em palavras e frases básicas; emitidas por um sintetizador de voz. Mas era perturbador quando as palavras do mecanismo saíam ao mesmo tempo em que os latidos.

— Quietos, rapaz! — falou o velho. — Estou esperando um amigo! — Então, no mesmo instante, a porta se abriu, e um senhor um pouco mais velho do que o escritor, adentrou no humilde recinto, conduzido pela esposa do anfitrião.

— Belo jardim vocês têm lá fora! — exclamou o recém-chegado!

— É obra minha! — exclamou a mulher, com orgulho. — Sou jardineira!

— Não seja modesta, querida! — disse o escritor. E depois, se dirigindo ao amigo: — Ela tem doutorado em agronomia, especialização em botânica avançada!

O viajante largou sua mochila e uma pequena mala prateada no chão e se aproximou do escritor. Este se levantou com dificuldade, mancando, e ambos se abraçaram ternamente.

— Que grande droga aprontaram com você, meu velho!

— Os malditos quebraram minhas pernas na cadeia! — disse o escritor. — Uma teve mais sorte do que a outra! Mas usar bengala é um charme! Pareço um cavalheiro!

— Gosto de você! — disse o cachorro, lambendo os pés do amigo do escritor!

— O governo não aceitou a forma como eu descrevi a invasão da OM na Amazônia! No livro eu revelei que os malditos apelaram para armas de fogo, o que era proibido na época! Mas isso não saiu nos jornais. Então recolheram as edições, onde eu contava a verdade, e as queimaram em praça pública. Não satisfeitos, mantiveram-me preso por três anos e me torturaram, alegando que eu tinha ligação com a FLT. Este exemplar da 5ª edição, que tenho em mãos, é o único que restou!

— O que o trouxe a este fim de mundo? — indagou o amigo.

— Ameaças! — respondeu o escritor. — Muitas ameaças! Mesmo depois de ter saído da prisão, continuei sofrendo pressão pelos simpatizantes do governo totalitário implantado no Brasil! Também fiquei impedido de voltar a publicar! Então me refugiei aqui, voando abaixo do radar, vivendo do que a natureza nos fornece!

— Fez bem em fugir do Rio de Janeiro! O movimento da FLT foi esmagado em todo o país! O líder também fugiu e só se entregou à justiça meses depois, quando a poeira tinha baixado! Anos depois foi libertado sob condicional, e fundou a Igreja Testemunhas de Gaia, alegando ter sido agraciado com uma epifania aqui na Amazônia!

— E como está o Rio?

— O Rio de Janeiro, companheiro, não continua lindo! — ironizou o amigo do escritor. — A não ser nos setores isolados e pacificados da cidade. Porque as pessoas sentem saudades da época em que só as comunidades necessitavam ser pacificadas. Aliás, as comunidades mais miseráveis nem de longe lembram as construções precárias do início do século XXI. Não constroem mais barracos de madeira, material que se tornou artigo de luxo. O aglomerado de barracos, que se equilibra precariamente nos morros e beiras dos rios poluídos, é feito de plástico. Milhões de garrafas PET são recolhidas pelos proletariados para construção de casas, que mais parecem ninhos de bicho. E os militares impõem dura vigilância aos moradores desses locais.

Nos pontos mais altos da cidade, — continuou — imensas torres aspersoras foram instaladas para amenizar o calor insuportável decorrente do efeito estufa. Tais estruturas usam tubos especiais para filtrar a água do mar e lançá-la em forma de micropartículas na atmosfera. Apenas a Zona Sul, centro de Niterói e algumas faixas litorâneas mais isoladas, possuem locais dignos de moradia. O próprio centro do Rio está sofrendo reformas, mas ao invés de construírem tudo de novo, os prédios tornaram-se híbridos. Os andares mais baixos, próximos às ruas onde existe podridão e crime, ainda são de concreto. Ao passo que enxertada em seus topos, ergue-se nova arquitetura, futurista, em estilo art déco.

— E a Central, onde tomávamos aquela cerva gelada?

— O relógio da Central do Brasil, por ser um marco na paisagem, foi preservado e erguido a dez andares, podendo ser visto ainda por grande parte da cidade. Mas a obra inacabada por falta de verbas e dinheiro desviado pela corrupção, deixa à mostra, cinco andares abaixo do topo, um inapropriado esqueleto de ferro.

— Políticos desgraçados!

— A Praça Mauá, amigo, mais do que nunca, é um antro de prostituição e jogatina. Ao nível das ruas de asfalto trincado e paralelepípedos assentados de forma irregular, proliferam bordéis e cassinos ilegais. Em cada esquina, é possível encontrar uma ou mais mulheres de seios à

mostra, procurando clientes que possam lhes render alguns trocados. Legiões de viciados em crack ocupam as vielas laterais, e os mendigos, com suas maquininhas de débito automático, disputam o dinheiro dos transeuntes!

— Não poderia ter previsto nada pior do que esta situação que me descreveu! — lamentou-se o velho. — O mundo está indo para o ralo!

— E você vai salvá-lo, não é?

— Isto é uma missão impossível! — respondeu o escritor. — Mas eu e minha esposa tentaremos salvar ao menos um pedaço do “Pulmão do Mundo”! Trouxe minha encomenda? — ele indagou. — Algo grande está para acontecer de hoje para amanhã!

— Trouxe, sim — respondeu o amigo. — Com certeza não podia pedir este material pelo correio, não é?

— É um equipamento muito comum, mas mesmo privatizado, o serviço de correios não chega aqui. Além disso, — o escritor deu uma gostosa gargalhada — tudo que tem meu nome como destinatário é minuciosamente revistado!

— O que vai acontecer de tão importante?

— Ainda existem militantes fiéis ao FLT! Você sabe... os homens que o guiaram até minha localização! Muitos largaram as armas e trabalham nas multinacionais fincadas na Amazônia! Mas não esqueceram seus ideais! E um número infinitamente pequeno ainda permanece promovendo pequenos atos de sabotagem, e ataques contra incursões de autoridades governamentais aqui dentro!

— A Organização Mundial — interrompeu a esposa do escritor, — vai lançar um ataque definitivo contra o que restou da floresta e os seus defensores!

— Exatamente — confirmou o escritor. — A propósito, teve acesso a relatos sobre o fantasma de Chico Mendes ter sido avistado por vários soldados da OM?

— Não nos noticiários normais! — respondeu o amigo do escritor. — Mas encontrei algo a respeito na deep web! Vocês levam essas histórias

a sério? Achem que a Terra é uma entidade dotada de inteligência como creem as Testemunhas de Gaia?

— A Terra, não! — respondeu a esposa do velho escritor. — Mas minha pesquisa nos dá indícios de inteligência nos vegetais! Toda a floresta onde estamos configura uma espécie de rede neural! E não nos estabelecemos aqui por acaso. Erigimos nossa cabana ao lado da árvore-mãe deste ecossistema! Quer conhecê-la?

O visitante fez que sim com a cabeça, pegou a maleta prata, e imediatamente foi conduzido à porta dos fundos pelo casal. O cão os seguiu. Lá fora ficou pasmo com a visão que teve. Uma velha e gigantesca árvore tinha centenas de eletrodos implantados em seu tronco.

— Você chegou ao seu destino! — o cachorro comentou!

Alguns fios emergiam dessa estrutura e se conectavam a um processador de dados semelhante àqueles totens de aeroportos. Outros faziam conexão entre o tronco e inúmeros tubos de ensaio, cheios com substâncias coloridas e borbulhantes. Havia ainda telas ligadas à árvore, que piscavam de forma errática, emitido zumbidos e chiados.

— V-vocês... — o visitante tentou proferir uma pergunta.

— Sim! — respondeu a esposa do escritor, antecipando-se à indagação do assombrado espectador. — Estamos nos comunicando com, e, através dela!

— É, meu amigo, — complementou o escritor. — Usamos uma tecnologia adaptada, similar à tiara do nosso cachorro! Mas com esta belezinha que trouxe da Microhard, a maior empresa de processadores do mundo, vamos realizar façanhas no patamar dos deuses!

— Sorte de vocês... e azar meu — respondeu o visitante, enquanto entregava sua mala à esposa do escritor, — que atualmente ninguém se aposenta antes dos oitenta! Por isso ainda trabalho na Microhard. — E continuou: — Tenho boas relações lá dentro, o que facilitou roubar este equipamento de última geração!

— Realmente! — disse a esposa do escritor, conectando alguns plugues da maleta à árvore-mãe. — Você conseguiu um equipamento superior ao que pedimos!

No mesmo instante em que ligou o processador, centenas de luzes começaram a piscar, aparentemente em uma sequência codificada; e as telas passaram a exibir imagens de diversos locais da Floresta Amazônica.

— Cenas bem preocupantes, não acham? — indagou o visitante, fitando as telas que projetavam imagens decodificadas da natureza; impressões que a árvore-mãe recebia dos vegetais nativos da floresta.

— Os malditos estão sedentos por mais nióbio! — disse o escritor ao ver homens da OM munidos de armas pesadas, veículos blindados e escavadeiras, marchando para o centro daquele ecossistema já tão agredido pela cobiça humana!

— Estão progredindo rápido! — observou a cientista. — Neste ritmo, antes do crepúsculo estarão aqui! Preciso de suas habilidades de programador para atualizar o software e carregar os complexos algoritmos na rede neural da floresta!

— Conte comigo! — respondeu o viajante. — Crie os blocos de programação, que eu detalho as linhas de comando! Trabalhando em conjunto, ganhamos tempo!

— A própria natureza já se defende há décadas contra a invasão humana na Floresta Amazônica! — explicou o escritor, enquanto a esposa e o amigo colocavam óculos de interface virtual para acessar toda aquela bizarra engenharia. — O que temos feito aqui durante três anos de pesquisa é dar mais poder a ela!

— Há flores de plantas carnívoras que mimetizam odores de cópula para atrair insetos e matá-los! — comentou a cientista, ao mesmo tempo em que digitava teclas invisíveis. — Isto é um sinal de inteligência! E plantas próximas ao núcleo da árvore-mãe têm produzido frutas endurecidas e intragáveis ao paladar!

— Soldados foram envenenados por se alimentar de raízes outra comestíveis, mas que se tornaram tóxicas deliberadamente! — completou o escritor. — E as flores... ah, as flores! — ele riu por momento. — Algumas espécies delas exalaram substâncias alucinógenas que desestabilizaram todo um pelotão!

— Foi assim que produziram o fantasma de Chico Mendes?

— Sim, meu sagaz amigo! Não foi fácil, mas comandos programados por minha esposa, associados a substâncias químicas introduzidas na árvore-mãe, foram capazes de gerar efeitos bem específicos na psique humana! E anabolizantes estão promovendo incríveis mutações, que deixarão algumas espécies deste ecossistema mais turbinadas!

— Perigo! PERIGO! — rosnou o cão, olhando para uma das telas. Nela, surgiu um close ameaçador do comandante da OM. Seu rosto estava mais envelhecido do que na sua última incursão na Amazônia. No entanto, se mantinha em boa forma, e seu ódio não parecia direcionado aos guerrilheiros, mas à própria floresta.

— Malditas árvores! — praguejou. — Maldita natureza! Você me quer morto, não é? — Mas suas afirmações não eram de um louco. Centenas de abelhas atacavam seu pelotão com fúria extraordinária, detendo temporariamente o avanço. E os instintos do comandante estavam certos: o comportamento agressivo dos insetos era motivado por feromônios exalados das flores locais. — Usem napalm e queimem essas pragas da natureza! — ordenou cheio de ódio.

— Isto ainda não é obra nossa! — comentou a cientista, diante do espanto do visitante. — A árvore-mãe não é uma marionete em nossas mãos! O que temos feito é municiá-la com informações, aumentando sua capacidade de processamento.

A batalha era uma corrida contra o tempo. Alguns pelotões avançavam por trilhas secundárias, enquanto outros faziam uso de potentes e gigantescos helicópteros, veículos capazes de carregar tropas e tanques. O comandante tomou o controle de uma dessas aeronaves e sobrevoou a floresta para analisar novas opções de estratégias.

Viu, com extrema ira, um pelotão que seguia por um afluente, ser atacado impiedosamente por jacarés enlouquecidos. Em algumas clareiras abertas por explosões, jaguatiricas e micos-leões avançavam ensandecidos em direção contrária ao marchar das tropas; tornando inviável qualquer estratégia lógica de combate. Então o comandante ordenou ataques aleatórios com bombas, matando indiscriminadamente

guerrilheiros, animais; e indígenas remanescentes de aldeias destruídas por minas de nióbio.

Graças ao segundo mandato de Trump, os Estados Unidos convenceram a OM a liberar a fabricação de armas de fogo letais, que voltaram com força total.

Não muito longe dali, a bióloga e o programador trabalhavam arduamente nos últimos blocos de programação, inserindo-os na árvore-mãe. O tempo se esgotava. As tropas se aproximavam, enquanto o Sol se escondia inexoravelmente no horizonte.

— Falta muito, querida? — perguntou o escritor aflito. Fumaça já podia ser vista a uns cem metros dali. E o som de rajadas rasgava o ar com violência, sinal de que os soldados da OM tinham se deparado com a última linha defensiva de guerrilheiros.

— SOCORRO! SOCORRO! — gritou o cachorro, correndo apavorado de um lado para o outro. Seus instintos pressentiram morte iminente.

No céu, o trio observou um dos helicópteros perdendo o controle e despencando em um giro vertiginoso rumo ao solo. A aeronave tinha sido duramente atacada por tucanos, harpias e outras espécies de aves nativas, que deram suas vidas para inutilizar as hélices do veículo. A queda se deu a poucos metros da árvore-mãe.

— Vá para a Arca, querido! — gritou a mulher do escritor. — Suas pernas o deixam lento! Já estamos acabando aqui!

— Arca? — indagou o amigo do casal. — Mas a situação não permitia uma resposta imediata. O escritor, por sua vez, confiou na esposa e correu com dificuldade para além da cabana. O cachorro o seguiu. Soldados da OM começaram a surgir por entre as árvores, atirando, sendo combatidos por um reduzido número de guerrilheiros, os seguranças do casal.

— Terminei a última linha — gritou o amigo do escritor, sua voz quase inaudível devido ao barulho ensurdecedor de tiros e explosões. — Pode dar “ENTER”!

A mulher obedeceu prontamente, enquanto observava seus protetores tombarem ao chão, vítimas das armas letais dos soldados da OM. Mas reprimiu seu pesar.

— Criamos um computador vivo, companheiro! — ela disse. E neste momento, as lâmpadas de LED se acenderam com maior intensidade, dando um aspecto quase sobrenatural à árvore-mãe, agraciando-os com uma fantástica experiência religiosa.

— GAIA! — gritaram os guerrilheiros moribundos em seus últimos suspiros.

Eliminadas as defesas armadas, os homens da OM se voltaram para a bióloga e o programador, que correram para o fundo da mata. Um atirador de elite, em especial, fez pontaria na mulher, respirou fundo e começou a pressionar o gatilho suavemente. Sua experiência profissional não permitiria que errasse. Mas algo o deteria no último instante. E não seria a consciência. Uma coisa comprida se enroscou subitamente no pescoço e o asfixiou em minutos, impedindo o disparo fatal. Seu alvo escapou.

— Entrem logo! — gritou o escritor — e fechem a escotilha. — A voz provinha do interior de um profundo complexo subterrâneo. Sua esposa desceu rapidamente a escada de um túnel vertical, ouvindo ainda o zuni-do de inúmeros projéteis e gritos de agonia. O amigo a seguiu imediatamente, tomando a precaução de lacrar a escotilha por dentro. Ao acessar o bunker, ficou pasmo com o que viu: inúmeras celas ostentavam, vivos e saudáveis, casais de toda espécie animal da Amazônia.

— Você é a reencarnação de Noé, meu velho? — ironizou o visitante.

— Não é por falta de precaução que chegamos a esta idade! — respondeu o escritor. — A partir deste momento, tudo de ruim pode acontecer lá fora!

Como se as palavras do escritor consumassem uma terrível profecia, subitamente se ouviu um ribombar ensurdecador de correntezas, igual a mil rios transbordando ao mesmo tempo. A Floresta Amazônica, tornada mais viva, superdimensionou as raízes das árvores instantaneamente, abrindo crateras e leitos de rios, que engoliram tropas inteiras. Cipós e gavinhas se enroscaram nos soldados, como serpentes ávidas por vingança, tornando o poderio militar da OM inútil. Mesmo nos confins do bioma, onde as multinacionais já haviam se estabelecido, o poder da floresta se manifestou. Plantas ornamentais, cultivadas nas instalações,

expeliram um pólen alucinógeno causando paranoia e homicídios entre os funcionários. No cerne da floresta, as flores foram mais cruéis, exalando substâncias tóxicas no ar, que provocaram queimaduras e asfixia nos invasores. E os que usavam máscaras tiveram um fim não menos terrível, sendo impiedosamente devorados por plantas carnívoras anabolizadas.

Tendo sobrevivido à queda do helicóptero, o comandante da OM continuou lutando de forma obstinada contra os bizarros inimigos. Ferido, combateu com determinação, mas não houve trégua. Finalmente, vencido pelo cansaço, sucumbiu ao ataque de um gigantesco e traiçoeiro inimigo. A jibóia se enroscou no seu tórax, catalisando toda a ira da floresta neste amplexo mortal. Encarando-o fixamente nos olhos, aumentou gradativamente a intensidade do aperto; até que, entre o som de costelas se partindo, o velho soldado deu seu último suspiro.

Ao amanhecer, três humanos e um cão emergiram do bunker para testemunhar toda a magnitude da floresta. As árvores estavam mais verdes e as marcas dos confrontos, soterradas por sua beleza. Apesar das mortes, a Terra podia respirar em paz.

♦ ♦ ♦

Aldefran Melo da Silva — Nasceu em Areia Branca (RN) em 14 de março de 1968 e mora atualmente em Duque de Caxias (RJ). É professor de Educação Artística. Já publicou em mídia impressa: “Gaia 2030, O Futuro da Terra” (Ed. Psi 7, romance de ficção científica), “Hestórias Não Autorizadas da Escola Pública” (Ed. All Print, crônicas infanto-juvenis), “A greve dos bichos, livro ilustrado para colorir” (Ed. All Printo, livro interativo para colorir, recomendado para qualquer idade) e “Top Mix HT edições 0.0 e 0.1” (Ed. Juiz Forana, coletânea de histórias em quadrinhos com mix de diversos gêneros: terror, ficção científica, humor e aventura).

O JANTAR DOS HOMENS DE BEM

■ Rodrigo Vinholo

“— De muito boa-vontade satisfaremos qualquer curiosidade razoável da parte de hóspedes tão ilustres, embora não convidados. Ficai, pois, sabendo que, nestes domínios, sou o monarca e governo, com indivisa autoridade, com o título de ‘Rei Peste I.’”

(O Rei Peste, Edgar Allan Poe)

Era o pico da revolução quando eu e Marcelo fomos convidados acidentais do Jantar dos Homens de Bem, no coração dos conflitos que alteraram para sempre a história de nosso país.

É bem verdade que a companhia dele me garantia todo tipo de oportunidade para me deliciar com iguarias acima do meu convívio social e poder aquisitivo, e que seus frequentes convites para todo tipo de *fête* me tornaram um *bom vivant* de primeira linha, mas minhas aventuras boêmias chegaram ao fim após os eventos que descreverei a seguir, pois foi a primeira vez em que verdadeiramente temi pela minha vida.

Antes disso, apesar do caos, tudo estava bem. Conforme a insatisfação com o governo se transformava em guerra civil, as ruas eram tomadas e muito pouco se fazia que não batalhar. Mas Marcelo e eu conseguíamos sempre encontrar alguma festa ou jantar dentro da casa de algum magnata. Nesses ambientes, nada do que acontecia do lado de fora fazia diferença, nem mesmo as instabilidades econômicas trazidas pelo conflito.

É claro que todos subestimaram os efeitos da batalha. Em algum momento, conforme os erros do governo se acumulavam, os rebeldes

passaram a tomar a frente. Não demorou para que não fosse mais *chic* ser parte dos amigos do governo, e a maior parte das festividades se tornaram reservadas para rebeldes, apoiadores e patrocinadores.

A verdade é que para Marcelo tanto fazia como as coisas caminhassem. Ele, sendo um homem de negócios de sucesso com sua poderosíssima construtora, sabia que havia lucro — em negócios oficiais ou não — de qualquer lado do conflito. Marcelo era “amigo do rei”, seja lá quem se tornasse “o rei”, em um malabarismo social cujo mecanismo nunca compreendi.

A guerra civil havia chegado a seu ápice quando o palácio principal de nosso governo havia sido cercado pelos revolucionários, encurralando o Governante e sua trupe de aliados mais próximos. O exército já os havia abandonado, e a única coisa protegendo-os da morte certa era um agrupamento tímido de apoiadores fanáticos, que tentava fazer a proteção do prédio.

Era fato que aquele governo iria afundar. Não bastasse o abandono completo da maior parte dos ministros e de outros cargos de confiança, o grupinho que restava logo deixaria o cargo, fosse através de renúncia ou do linchamento pelas mãos do exército de revolucionários.

Naqueles dias, as festas que Marcelo encontrava e me levava aconteciam nas ruas. Em meio a ameaças de cabeças cortadas para políticos, os revolucionários se alternavam entre vinho, boa comida e promessas de um país melhor, com comícios contraditórios apresentando diferentes candidatos a liderar a todos para esse futuro hipotético.

Vestíamos as cores dos revolucionários e carregávamos placas que nos identificavam como parte deles. Marcelo, com seu carisma, inflava o peito e puxava os ombros largos para traz, depois transformava seu sorriso em uma máscara de raiva revolucionária, e alterava sua voz em algumas oitavas para convencer a todos ao redor. Eu, sempre franzino e discreto, desaparecia atrás dele. Aparentemente, meus olhos paranóicos e expressão tensa serviam facilmente como um disfarce, com todos ao redor achando que eu era um tipo muito específico de revolucionário conspirador.

Não nos faltaram festas, ali. Ouvíamos um comício enquanto serviam canapés e vinho. Em outro, mais informal, cervejas e sanduíches. Marcelo falava com maestria dentro dos jargões dos revolucionários, e concordava ou discordava conforme o necessário. Eu apenas balançava a cabeça de acordo, quando necessário. Parte considerável dos que estavam ali eram motivados pela comida ou pela loucura, então fazia pouca diferença se eu realmente tinha algum papel político ou não.

Avançamos madrugada adentro e eventualmente chegamos a uma mesa, onde três grupos diferentes de revolucionários, identificados por bandeiras e insígnias diferentes, discutiam estratégias para os próximos passos. Não muito longe dali, era visível a barricada do pequeno exército de legalistas, com pares de olhos preocupados olhando através de aberturas.

Dentre os revolucionários, um dos grupos pregava um acordo de rendição para o Governante e sua trupe. Outro grupo insistia em um ataque e execução em praça pública. O terceiro, por fim, pregava também um ataque, mas exigia a prisão do grupo. A discussão, na verdade, mais do que sobre a prática de suas ações, se resumia a pontos filosóficos sobre o significado simbólico de cada passo que tomariam, o alinhamento dentro de estruturas morais e, claro, como iriam parecer para a opinião pública. Enquanto eu e Marcelo comíamos de sua pequena ceia, concordando com todos igualmente, estava claro que, se a revolução dependesse deles, ficariam ali para sempre. O que, para nós, não era problema. Poderíamos ficar comendo e bebendo para sempre, ou até que nos cansássemos.

Eis que, infelizmente, a popularidade de Marcelo nos trouxe problemas, exatamente por ser universal: um dos pares de olhos do outro lado da barricada, reconhecendo-o, começou a gritar seu nome.

Meu amigo tentou ignorar o legalista que o invocava, mas a algazarra era tamanha que superou até mesmo a discussão do grupo de revolucionários confusos. Logo, olhares pouco amistosos nos encaravam, e perguntas sobre a nossa real intenção ao redor daquela mesa eram levantadas. Marcelo usou seu charme e buscou dissuadí-los, enquanto se aproximava da barricada discretamente. Eu conhecia aquele truque, usado em tantos casamentos e festas, quando ele encontrava algum desafeto:

ele distrairia os presentes e, vendo a primeira entrada possível, correria como um raio. E foi o que fizemos.

Quando estávamos próximos o suficiente da barricada, Marcelo apontou na multidão de revolucionários um suposto espião infiltrado e, quando esses se viraram, fugimos abandonando as placas, faixas e camisetas que nos identificavam como aliados. O legalista irritante, que acompanhou o movimento, tratou de nos abrir uma passagem e saltamos para dentro da barricada antes que os outros nos prendessem ou linchassem.

Tão logo pousamos no acampamento, Marcelo desdobrou-se em agradecimentos e juramentos de fidelidade, mudando seu sorriso e disposição, enquanto meus defeitos outra vez se adequaram à narrativa que existia na mente de cada um ali. Uma coisa que revoluções me ensinaram é que importa muito mais o que as pessoas pensam que está acontecendo do que o que realmente acontece.

Mas ainda assim, eu estava preocupado. Estávamos do lado que estava perdendo, e estávamos cercados! Quando discretamente revelei minhas preocupações para Marcelo, ele riu e me confidenciou:

— Você só está do lado que está perdendo se fizer parte de um lado.

— Qual a diferença, para eles?

— É só você dizer o que eles querem ouvir.

— E os revolucionários? Não vão nos odiar?

— Só se você admitir alguma culpa ou jurar alguma fidelidade — respondeu, enquanto acendia no canto da boca um charuto que um dos legalistas lhe havia entregado. — Na prática, até amanhã já se esqueceram disso, e será apenas mais um mal-entendido. Daqui a um mês estaremos no próximo jantar de gala deles, você verá.

Ali havia um tipo de festa, também. Mas não era nada grandioso, porque não tinham espaço ou recursos e porque estavam se concentrando em proteger o Grande Líder, que era como chamavam o Governante. Tudo, para os legalistas, sempre havia girado ao redor dele, desde antes do começo de seu governo.

Marcelo, é claro, era também amigo do Governante e de sua cúpula, e logo tratou de descobrir que o grupo se reunia para um jantar tardio.

Na verdade, revelou um dos legalistas, com um olhar levemente maníaco, o grupo estava em um festim havia oito dias, e enquanto os protegiam, esses fiéis faziam questão de continuar servindo o chefão.

Apesar dos meus protestos e observações sobre o risco, meu companheiro de festas confidenciou aos legalistas que tinha informações sobre a revolução, mas que precisava passá-las diretamente ao Grande Líder. Assim, fomos conduzidos para dentro do palácio.

Fomos guiados através de corredores arruinados povoados por diversos fãs fanáticos, muitos ainda vestindo roupas com os dizeres da época da campanha que levou o Governante ao poder. A porta do salão de jantar era guardada por homens armados que, após nos revistarem e atestarem que estávamos desarmados, nos mandaram para dentro.

O salão era maior do que eu pensava, empestado de um ar quente e viciado. Não havia janelas, e a maioria das portas estava bloqueada por tábuas pregadas de modo alucinado. Como mobília havia uma longa mesa de jantar no centro da sala, cercada por cadeiras onde estavam os convidados, e um velho lustre de cristais, de onde haviam dependurado uma bandeira arruinada que combinava as cores de nosso país junto com o rosto sorridente do Governante.

Eu nunca o havia conhecido, e ao vê-lo se aproximando, não pude deixar de me surpreender. Os olhos eram apertados, a boca tensa em um sorriso quadrado, os ombros eram duros, dando a seu movimento um *stacatto* que ficava marcado em sua voz, quando falava.

— Marcelo! — urrou ele, parecendo alegre. Ele tinha uma arma em uma das mãos, mas o modo como balançou-a em nossa direção me deu a impressão de que havia esquecido que a segurava. — Vieste para o jantar? Como está a família? Sente-se! Estamos recomeçando agora pela...

— Décima-sétima vez! — gritou uma das convidadas, na mesa.

— Isso! Tá certo! Venham!

O anfitrião começou a se virar, mas pausou subitamente, como que lembrando de algo.

— Ah, Marcelo, és um homem de bem, certo?

Um riso passou pelos olhos de meu amigo, mas anos de treinamento garantiram que mantivesse a compostura.

— Como sempre, Grande Líder, pois sigo seus passos.

— Excelente! — urrou o Governante. — E seu amigo?

Marcelo colocou uma mão em meu ombro e, com a outra, me deu um tapinha no peito.

— Tamanha bondade nunca vi, Excelso Líder, exceto em vossa conduta.

— Ótimo! — respondeu ele, genuinamente satisfeito. — Fico feliz que tenha trazido um homem de bem, pois apenas esses são aceitos à minha mesa. Nenhum larápio!

Como em um ritual, todos à mesa gritaram ao mesmo tempo.

— LA-RÁ-PIOS!

— Nenhum canalha! — exclamou o Governante.

— CA-NA-LHAS!

— Nenhum vagab... — começou o líder, mais uma vez, mas o som de uma explosão do lado de fora o interrompeu. As luzes piscaram por um instante e os cristais do lustre tilintaram, com o tremor das paredes e do teto.

Houve um silêncio tenso de alguns segundos, e depois o líder voltou a seu sorriso duro, como se nada tivesse acontecido.

— Vamos comer, Marcelo! Vamos comer! — exclamou, e depois, apontando a arma displicentemente em minha direção, ordenou: — Você também!

Tentei sorrir enquanto balançava a cabeça. Conforme nos aproximávamos da mesa, troquei olhares com Marcelo. Apesar do meu terror, ele parecia estar se divertindo imensamente com aquela insanidade. Arregalei os olhos e indiquei a porta, para uma fuga, mas ele balançou a cabeça e, antes que eu pudesse falar alguma coisa, apressou o passo para ladear o Governante. O lado esquerdo da mesa estava inteiro vago, e ali ele nos colocou sentados, antes de voltar ao seu lugar.

O líder se posicionou entre uma mulher jovem, que tinha tanto olhar quanto cabelo e sorriso igualmente estáticos, e um homem de sobrance-lhas apertadas e cabeça muito redonda.

Do lado direito da mesa, imediatamente ao lado do homem de cabeça redonda, estava um outro de sobrance-lhas grossas, com a boca e o cenho retos. Este acenava positivamente enquanto o primeiro pedia desculpas de modo compulsivo, mas não era claro a que eles se referiam.

Depois, havia uma cadeira vazia e mais duas ocupadas por homens de meia-idade. Eles se pareciam muito com o Governante, com os mesmos olhos apertados e boca rígida. Não fosse o fato de que um deles sofria de calvície prematura, seria difícil diferenciá-los. Por fim, sozinha no canto oposto ao líder, estava uma senhora descabelada, que movia a cabeça como uma pomba, parecendo extremamente confusa.

Foi ela que gritou, assim que sentamos, e identifiquei que havia sido ela que gritara, momentos antes:

— VAMOS PARA A ORAÇÃO ANTES DA REFEIÇÃO!

— Vamos! — concordou o Governante, olhando ao redor. — Mas... Filho Número 1? Número 1? Número 2 e 3, onde está o Número 1?

— Desmaiou, papai — respondeu o mais calvo. — Levamos ele para a salinha.

— Tá certo! — respondeu o pai, satisfeito. — É bom pro menino tirar uma soneca.

— ORAÇÃO! — urrou a mulher de cabelos selvagens, e desembestou a gritar uma reza ininteligível. Todos na mesa passaram a acompanhá-la, mas nenhum deles seguia o mesmo ritmo ou palavras. Era como se estivéssemos em meio a uma feira livre.

Com o caos crescente, passei os olhos pela mesa e me dei conta, pela primeira vez, de que não havia comida naquele jantar. Havia restos de ossos e pratos sujos, mas à frente de todos os pratos restava apenas laranjas. Dúzias e dúzias. Com ainda mais medo, notei que cada um dos lugares à mesa tinha uma arma ao lado, posicionada sobre um guardanapo de pano.

Ignorando a confusão, Marcelo agarrou uma garrafa de vinho sobrevivente e se serviu. Uma nova explosão do lado de fora, e ouvimos som de madeira quebrando e paredes ruindo, mas a oração não foi interrompida.

— Eles não percebem? — falei ao ouvido de Marcelo, quase gritando por conta da cacofonia incansável de vozes. — Não sabem do perigo?

Marcelo bebericava seu vinho, olhando, decepcionado, para uma laranja em seu prato.

— Não — respondeu. — Eles conquistaram tudo que têm com histórias de grandeza sem qualquer fundo de verdade, enquanto atacavam fatos e todos aqueles que os apresentassem ao mundo.

Outra explosão. O lustre balançou violentamente e a bandeira caiu sobre os filhos do Governante, que não pareceram notar.

— Em algum momento, acreditaram nas próprias mentiras e passaram a duvidar de tudo mais da realidade. Então, agora, nem se o palácio virasse ruínas eles notariam. E vai ruir.

Todos continuavam gritando suas orações, e notei vagamente que envolviam repetidamente as expressões “eliminar”, “inimigos”, “ameaça”, “homens de bem”, “canalhas” e “Deus”.

— E quanto a você?! — retorqui, horrorizado. — E quanto a nós?

— Nós? — sorriu meu amigo. — Nós tomaremos vinho.

O grupo parecia prestes a terminar a oração, quando outra explosão derrubou a porta da frente, e em segundos uma multidão entrou na sala. Marcelo me entregou uma garrafa e, agarrando outra, me puxou para baixo da mesa. Nós assistimos enquanto os revolucionários entraram e, em poucos instantes em que gritavam frases de efeito e cantavam canções partidárias, detiveram o Governante e seus filhos, mais a mulher de sorriso vidrado, e sumiram, tão rapidamente quanto chegaram.

Em instantes, restava ali apenas o silêncio.

Saímos do esconderijo e encontramos a mulher descabelada e os dois homens, que seguiam nos mesmos gestos compulsivos. Nenhum deles

parecia nos notar. Reparei, ainda, que as armas sobre a mesa continuavam no mesmo lugar, intocadas pelos capturados e pelos captores.

— Vamos — instruiu Marcelo, indicando a porta.

— E eles? — questionei, indicando os outros com a cabeça.

— Eles ficam. Esperarão até o próximo governo.

♦ ♦ ♦

Publicitário, jornalista, escritor e pessoa estranha, **Rodrigo Ortiz Vinholo** mora em São Paulo/SP. No mundo literário, é autor de “Você Está em Seu Quarto” (2014), “A 17ª Visita” (2016), “Dito Pelo Não Dito” (2017), mais “O Corpo” (2017, Lendari) e “Sinônimo de Rancor” (2018). Suas obra mais recentes são “Os Dias em que Rubia Viveu no Futuro” (2019, Lendari) e “33” (2019, Casa Literária).

Organiza e coleciona participações em antologias de editoras diversas, com cerca de 100 participações em mais de 50 editoras e selos diferentes. Seus gêneros mais frequentes de escrita são horror, terror e suspense — tendo até sido finalista do prêmio ABERST com sua noveleta “O Corpo” em 2018 —, mas frequentemente trabalha com obras em diversos outros gêneros.

O RIO SUBTERRÂNEO

■ *Pedro Oswaldo Horta*

Posso até mesmo me considerar uma arqueóloga. Entre microprocessadores, discos rígidos, GPS e afins, vez ou outra, encontro algum fragmento notável da memória humana, algo que realmente mereceria ser lembrado; na maioria das vezes só tem pornografia estranha mesmo. Tem um canto do meu computador, dentre a bagunça de papéis e caixas, onde guardo os exemplares mais fascinantes. Por exemplo, você sabia que as Marginais têm esse nome porque elas antes acompanhavam as margens dos rios? Alguns dos meus colegas aqui de casa ainda se lembram da água, mas desde que me lembro já havia apenas o concreto das pistas rodoviárias. A cidade é um monumento estranho, quando visto de longe; a cada olhar, a feição da pedra expressa um horror diferente. Infelizmente, não são essas histórias que põem a comida no meu prato. Não fosse esse meu sentimentalismo exacerbado, seria melhor desmontar todas as memórias e vender os circuitos e o silício.

Depois:

A cidade tem fomes curiosas. Sim, existem as que conhecemos bem: aço, cimento, asfalto, plástico. Mas sem areia não há prédio que se erga. Também há fomes mais abstratas, fome por sinal de internet e ações na bolsa, e essas são muitas vezes as mais vitais. E, por fim, há a fome dos que andam por suas ruas, mesmo os mais bem alimentados, a fome que faz o estômago da própria cidade roncar logo abaixo do último grave audível. Foi por conta dessa fome que busquei mais e mais sobre esse tal rio que havia, e nessa busca descobri que algo ali saciaria minha fome mais básica, mais essencial.

O quilo de cobre, hoje em dia, dá dinheiro o suficiente para alguns bons jantares. E eu descobri uma jazida bem no meio da cidade.

Depois:

Do lado do elevado da Marginal Pinheiros tem aqueles barracos, certo? Onde mora o pessoal que vende coisa no engarrafamento das seis. Bom, descobri um barraco desses onde já não havia mais ninguém, bem encostado no flanco da estrada. Toda noite eu ia até lá com uma lanterna e uma broca improvisada. Primeiro veio o cheiro, quando o buraco era ainda mero furo no concreto; os ares do próprio submundo, um odor úmido e podre que deslizava pelo recinto. Depois já era um buraco por onde era possível se olhar, mas só se via o escuro e os ecos de uma correnteza muito lenta de riacho. Ao fim consegui me enfiar pelo vão na parede, levando a broca, o pé de cabra, e a lanterna, tudo o que precisava para arrancar a fiação dos postes aqui guardados. Vi que pisava em terra, terra mesmo, então tirei meus sapatos e os atirei de volta para o barraco. Ali parado, senti a pele dos meus pés ser envolvida lentamente pelo frio úmido do chão fofo, e senti que a cidade pela primeira vez respondia ao peso dos meus pés. No subterrâneo, a cidade ainda vive.

A luz da minha lanterna revelava uma cidade estranha de outrora. A estrada que havia era formada de leves curvas enormes, e o seu asfalto há muito fora despedaçado pela força das raízes que agora cresciam. Sim, haviam plantas, todas pálidas pela falta de luz, plantas raquíticas que se alimentavam sabe-se lá do quê. Andei até o declive que havia na margem do rio, uma queda repentina onde as gramas fantasmagóricas chegavam até a minha cintura. Por volta da metade do declive, as plantas se tornavam cada vez menores, até que no fundo havia apenas o delgado fluxo da água escorrendo como uma ferida aberta e uma terra cinzenta como chumbo, forrada em vários trechos dos mais estranhos objetos: pneus osadas de cães seringas plásticos avulsos ratos roendo... o que é isso que os ratos roem? Me abaixei para ver mais de perto um deles, e vi que ele roía um rosto humano, uma cara aterrorizada mumificada em couro duro, a boca congelada em um grito banguela de dor.

Então a boca se moveu, como em resposta ao meu olhar. *Miriam... me desculpe....* Os olhos vácuos apontavam para o céu de concreto, e no silêncio se ouvia o rumor dos carros passando por sobre nossas cabeças. O terror profundo tomou conta de mim, e o cadáver continuou a falar: *A dor era demais... não consegui manter o silêncio....* e eu procurava frenética pelos bolsos da roupa do defunto, procurava algum documento, algum nome, algum rosto, mas todos os papéis já estavam completamente

desmanchados, após prováveis décadas submersos. Em um gesto de desespero, eu agarrei as mãos corroídas pelos ratos e pedi, implorei que o homem falasse mais. Perguntei o que ocorrera, o que o levava até ali.

O silêncio.

Soltei as mãos do homem morto, e só então percebi que lhe faltavam as pontas dos dedos. Mais um rato passou correndo por sobre o rosto dele, e sob o peso das pequeninas patas sua mandíbula se despedaçou, revelando um grito que ficara engasgado por anos. E no vão da sua boca não havia língua.

...

Depois:

Tudo o que recolhi naquele rio foi vendido: os fios de cobre, algumas porcas e parafusos de motores antigos, um ou outro celular antigo que consegui desmanchar e aproveitar as peças. Não trouxe comigo nenhum fragmento daquela memória humana que encontrei; não conseguiria olhar para trás, ver novamente aquilo que fora afundado e enterado. Mas há noite, quando apenas eu e o ruído da cidade estamos no meu quarto, ainda ouço aquela voz que me revelou a resposta de uma pergunta que outra pessoa fizera, muitos anos antes de eu sequer nascer. E as outras perguntas, as que nem sei que foram feitas, ainda ecoam no subcutâneo da cidade.

♦ ♦ ♦

Pedro Oswaldo Horta, natural da cidade de São Paulo, é estudante de Letras na USP e escreve ficção com certa regularidade desde os treze anos de idade. Seu interesse pela narrativa curta advém de seu apreço pelo desafio de condensar uma complexidade de ideias dentro de um objeto literário de fôlego único, especialmente considerando a tendência do autor à expressão por demais extensa, prolixa, tendendo inclusive a desvios teóricos ou conceituais cujo valor pouco se justifica além de uma demonstração vergonhosa de pretensa erudição. Dentre suas principais influências literárias — se é que é possível listar algo desse tipo por conta própria, afinal as influências surgem posteriormente à obra, e muitas vezes até mesmo em contradição à vontade autoral — enfim, dentre suas influências ele elenca Clarice Lispector, Julio Cortázar e Roland Barthes. Além do presente texto, Horta publicou o conto “Corpúsculo Faríngeo” no fanzine *Vierme*, editado por seu grande amigo Cláudio Madrugada.

OS CORPOS DE CRIS

■ *Gean B. de Moraes*

Daqui de onde estamos é bonito ver essas linhas cruzando no alto, não acha? O contraste entre esse céu cinza e os riscos moventes me comovem. É uma frágil agitação, eu sei, mas tem essa grandeza serena e discreta de reordenar uma fração desse horizonte, ou melhor, da minha percepção desse horizonte enevoados.

É curioso como essas pipas, obstinadas, não admitem considerar que agora chove. Dois artefatos tão frágeis, a natureza e suas cores, de alguma maneira, operam por contágio. E não há possibilidade de acomodação. Tudo se move, figura e fundo. É um processo bonito de rearranjos.

Mas como eu ia te dizendo, é ali que fica a história. Bem ali: Enxames de crianças povoam a entrada daquele edifício. Muito barulho. Alguém grita atenção, atenção, atenção. Por um instante você pode achar que é inútil. Mas, talvez pela força de uma lógica secreta, ou pelo fastio de mais um barulho, o grito triunfa. Então, um silêncio servil, afinado às pressas, acerca-se.

E todos dão atenção àquela mulher, ali no centro do pátio, adornando a boca ressecada com um sorriso. Entre jubilosa e ardilosa ela diz um bom dia, bem sonoro. Os enxames repetem estrépitos a saudação, atentos ou não aos engenhos de saneamento da conduta humana, representado por ela, essa mulher adornada de dentes.

Mas, repara só quem desce do ônibus: É Cris, a professora que estava há duas semanas de licença médica. Apressada, ignora a roda que assiste a dona cheia de dentes. Cris agora sonda de cima abaixo o edifício. Nota que, pela enésima vez, a cor e o nome da fachada foram substituídos. Por isso, meneia a cabeça.

Do ponto de vista do concreto armado não há nenhum movimento. O prédio ignora sua reprovação. O prédio é frio. Cris veste o casaco antes de adentrar o local e mais uma vez fita o recente batismo, sentenciando:

— Que vergonha. É uma vergonha.

Cris pensa alto. Meneia a cabeça outra vez. Dessa vez com uma austeridade avolumada. Parece encenar sua própria indignação. Ou é apenas tique. Não sei. O que sei é que ela desconfia das paredes. Isso sim. E investiga se há alguém de expectador. Demonstra outra vez reprovação. Será que... E entra. Põe os óculos e então nota que um ser pequeno vestido todo de azul se esforça em camuflar sua presença naquela parede ali. A professora grita,

— Cadê o uniforme, Cris?!

O menino retruca que a professora é chata e o uniforme tá sujo.

— Desde que você começou a estudar me diz a mesma coisa, Cris. Vou ter que chamar o responsável.

O menino caustica a professora, arremedando-a. A professora se irrita. É bem visível a sua ira. Está ali na veia que se dilata bem no centro de sua testa. É uma ânsia real e concreta, como uma criosfera galopante. E o menino sabe o limite dessa geografia. Por isso, admoesta a professora nervosa com citações de frases soltas, mas persuasivas, que ele ouviu sei lá de onde.

Essas palavras quentes burilam os olhos frios de Cris, a professora. Os olhos viram açudes. Ela respira fundo, entra na primeira porta que lhe ocorre.

Banheiro sujo de garatujas porcas e matérias rudes: Senta na privada, indiferente ao rito de cobri-la ao máximo com papel. E sussurra:

— Os vermes vencerão mesmo — Diz com boca retorcida e mãos resignadas. E lá fica. Observando pela rachadura que Cris, o menino, neste instante, está no refeitório. Ela nota que, hoje, o café da manhã é como os outros: rosquinha e suco ralo de caju.

Cris, o menino, mistura tudo na xícara gasta enquanto observa formigas romeiras que, pacientes, suportam um pedaço de pão. O menino

parece comiserado. Aperta os lábios e os olhos. E pisa no formigueiro. Acena e sorri. É um sorriso bonitinho.

Agora parece que ele teve uma ideia. Seus olhos aplaudem solenemente o que, eu não sei. É quando ele se levanta e se retira cerimonioso. E leva consigo a xícara gasta. Animoso, mergulha a mão esquerda na xícara, ao passo que salta em direção ao corredor. Agora sua mão esquerda desliza fluidamente pela parede. Até ali. É quando pondera sua produção espontânea. Faz algum acabamento, e tal qual um artista, considera tudo primoroso. Veja seus olhos. Quanto contentamento.

Mas logo isso se dissipa e ele demonstra enredar outros interesses. Coça o centro da cabeça, confere as unhas e aponta decidido para a sala vazia. Na porta aberta está escrito

— SA-LA DOS PRO-FES-SO— RES, ele soletra. Direitinho.

Dentro da sala há um enorme sofá coberto de revistas e livros de diversos tamanhos e assuntos, uma junção de carteiras, formando assim uma solução horizontal discutível e em cima dessa mesa improvisada, uma bolsa bonita. Nem acho tão bonita. Mas os olhos de Cris, o menino, dizem que sim. Tem alguma coisa vibrando dentro da bolsa. O menino confere a coisa. É uma chamada no celular. O menino atende:

— Alô?

Não dá para ouvir o que a outra pessoa fala. Até porque Cris, o menino, não permite o tempo de um diálogo, sequer de uma especulação da breve abordagem.

— Você quer falar com quem? Ah... é engano... E desliga o aparelho.

Novamente o telefone toca e o menino atende, fingindo ser alguém de voz empolada:

—Alô?... Quer falar com quem?... Ela tá cagando... E encerra a ligação.

Mais uma vez o telefone toca. O garoto atende. Faz voz mansa e suave:

— Sim, sou eu mesma. Pode falar... Mas, ele logo deixa o celular na bolsa, pois repara na outra distração.

Agora, bem ali, as letras brilhosas do mural com um fundo azul passam a ser imoladas com golpes dados de longe. O menino atira um

apagador em uma a uma e assim, elas perdem sua função de enunciar. Resta apenas uma enorme fotocópia de caracteres estilizados apregoando assunto edificante. Dessas sem sombra de dúvida.

Você acredita neles? Não precisa responder; já sei sua resposta.

Mas, observe: O menino se esforça em ler o texto. Porém, sem demora renuncia a intenção. É quando parece se lembrar de sua razão de ser ali na sala dos professores. E qual um encantador, retira de sua cartola invisível o giz de cera muito vermelho e escreve convicto, repetidas vezes, na mesa improvisada:

“POFESSORA BURA VAI TOMA NO CU POFESSORA BURA VAI TC”

Não fosse sua capacidade de se transmutar em parede, bem na iminência do pulo, nesse instante ele seria surpreendido por um funcionário que agora gesticula uma miríade de expressões coléricas. Na sua condição de parede, o menino nem respira. Muito esperto.

Mas fraco. Começa a derramar lágrimas, suores, xixi. É aí que o funcionário bradeja. Cris, o menino, diz, morrinhento, que não. Salivas zurzem no ar conspurcado da sala dos professores.

Nem eu, nem você consegue ouvir de que textura é o timbre exato da contenda porque nesta hora um carro de som estaciona bem em frente à janela e toca um eletrotango. E os corpos, ali na sala, parecem compor os passos básicos sugeridos por essa forma binária. Seus rostos virados, não se fitam. Não sei se isso é contágio ou alheamento, mas eles parecem indisponíveis ao diálogo, embora pronunciem sons enfáticos. Olhe só as veias nos pescoços retesados.

O chão treme. Não sei se por conta da coreografia ou da potência do som sujo de delays e reverbs, cheio de cores... Cris, o menino, e o funcionário com suas vozes, repletas de frases aliteradas, coloreem ainda mais o compasso de dois por quatro.

Enquanto isso, Cris, a professora, soluca e acena umas questões no banheiro sujo e não vê as respostas. Só garatujas porcas e matérias rudes. Com os dedos sinuosos, ela pergunta e pergunta. Ao passo que rabisca exaltada em seu tablet. Não. Não são rabiscos a esmo. Ela parece escrever

uma carta, visto que a escrita nervosa agora está devidamente assinalada com data bem grande. Ou será um esboço de relatório escolar? Diário? Carta de suicídio? Não sei. Não mesmo. Daqui não dá para ler.

É quando a música desconcerta a mão exímia da professora e sua caneta touch rola pelo chão cinza. Agora ela xinga tamanha invasão sonora. Sentindo-se acossada, tenta fechar a janela. Não consegue. Consulta o espelho oxidado. É esse objeto que a deixa pasma, assim, inquirindo o seu abdômen. Que vibra, não sei se de raiva ou de ritmo. Mas não há tempo de racionalizar, pois tudo trata de escurecer. O banheiro, a cozinha, o corredor, as salas...

Veja só esses quadradinhos de luzes azul-violeta riscando nervosamente o escuro. Que vai e vem é esse? Tá ouvindo? O que é isso que essa gente grita? Santo Deus, acho que alguém ligou para os bombeiros. Pois as sirenes se aproximam com o que parece ser o vaticínio de uma trombeta bíblica. E olha só isso no quintal, na rua, ali no campinho, nos telhados, nas lajes, nos postes. Veja só esses corpos inquietos.

Como os pássaros põem-se em fuga! E os que se frustram com esse desejo, em gaiolas, emitem reclames brutais. As asas frenéticas talvez contabilizem uma dedução evidente: tudo que é físico tem sua hora de apresentar alguma inviabilidade. O bico de cada um compõe transfigurações reológicas: Arrancam penas, garras, sangue. Colidem com o metal das grades até o último suspiro. Que se transforma em linhas verticais. Elas descem simultaneamente.

Eu iria comentar agora, para um efeito edificante, sobre uma frase bonita que li em algum lugar. Diz que a gravitação mantém o universo unido... Mas, não temos tempo para pensar sobre isso... Pois veja:

Esses homens, como possuídos por um terror cósmico multiplicam suas mãos no ventre, seus olhos dilatados, seus lábios cerrados, salivas, lágrimas, suores. São todos os corpos. Os soterrados e os que, por algum motivo ou nenhum, se salvaram. Eles gritam, ali onde agora é só um monte de poeira e lama.

As sirenes continuam a bradar. Um risco vermelho e luzente atravessa tudo. Tudo treme. Árvores rivalizando com fiações, gambiarras

vacilantes, uma bola suja dentro de um bueiro sem tampa, as imensas lombadas, pedras, troncos, estorvos.

Enquanto as sirenes atravessam os obstáculos, os que se salvaram aguardam flácidos e escorregadios, derramados sobre as calçadas. Sussurram palavrões e lamentos.

Uma pena branca adentra em pouso os lábios secos de um dos corpos. Mas não importa aqui o seu nome. O que está no âmago ativo e prescritivo desse espaço-tempo é só o número.

E embora não se saiba ao certo se o que vem, os salvará, sabe-se, ao menos, que esse desastre inesperado é uma verdade que não cede ao grito ou alguma sugestão. Nem adianta. Talvez por isso, eles não exibam tanta força.

Apenas testemunham, munidos de telefones celulares e abulia, que os troncos se fendem, a ponte, ali ao lado, crispa num sustenido lacerante. Sai um gafanhoto fugindo das rodas vertiginosas. Escorpiões se apressam, desenredam-se das tranças faiscantes dos pneus que cantam. Moscas escapam em rodopio. Se desviam da velocidade do automóvel que se faz força cega, ao menos para as baratas que não conseguem fugir a tempo.

Um pedaço de madeira acerta o para-brisa do carro dos bombeiros. E traz uma pausa inquieta, silenciosa, seguida de um ruído mínimo, riscando o ar. É uma mão que se exaspera diante do panorama arruinado. Ralha com uma flecha de dedos o estorvo da situação. Os punhos prolongados e revoltos fabricam espirais na luz da noite — porque, embora não pareça, embora o céu cinza seja o mesmo, agora já é noite.

Mas, como eu ia te dizendo, esse braço raivoso ali sugere um movimento além. Nessa sondagem aborrecida, sua mão inebriada de suor impressiona os passantes. Se atira nos destroços. E pausa dúbia no que era antes uma sala de aula. Num misto de hesitação e bravura, vai regendo passos em busca de algum vivo.

Enquanto isso, uma voz estranha e sincopada pede calma. Fria, ela mente. Diz que está tudo sob controle.

— Calma, calma.

E vexa os quase vivos e quase mortos com um plural de ciências.

Agora as matérias humanas, flácidas e escorregadias são retiradas de sobre os entulhos por luvas grandes, exatas.

Só Cris, a professora, que não. Ela acorda assustada. E grita socorro. Diz que está viva. Percebe, resignada que não há ninguém que a ouça. Então, um tanto indolente, balbucia qualquer coisa sobre a indiferença do universo, algo assim. E põe a mão no peito. Olha ao redor. Tenta ver que horas são. Enfatiza com uma expressão um tanto sublinhada. Parece fazer um pouco de mise-en-scène. Investiga, seriamente, se há alguém que ambicione tal respeito. Mas, nada.

Rasteja até um ventilador estropiado, fecha os olhos como que a sentir o truculento rumor que se tece à audição: serão miragens de um helicóptero? Tenta abrir os braços. Parece sentir nesse voo manco que alguém lhe balbucia segredos diante de um abismo.

É quando os ouvidos dão conta de algum intruso. E Cris abre os olhos. Mira angustiada. A luz tão forte lhe aflaga. Minúcias de poeira e papéis em primeiro plano. Que chuva estranha e imprópria.

Mas ela, evidentemente, não parece estar disposta a nenhum tipo de julgamento. Sua atenção está lá no fundo estreito e barrento, onde uma figura miúda, de longa barba teofórica, parece evadir do quadro. Cris tenta em vão limpar os óculos. Suspeita com voz impaciente de sua própria sanidade. Mas nenhuma resposta visível. Só uma folha branca, que cai entre os olhos e as lentes, insistindo em ficar. A professora estapeia o rosto, sem medir distância entre os óculos e o restante da face. Nessa hora, a porta bate. Um estrondo.

Por um instante, ela se assusta e pensa que sua percepção das coisas se fendeu em múltiplas partes, pois ao retirar os óculos continua vendo o seu entorno terrivelmente trincado, repartido. Menos a figura teofórica que se evade ao fundo.

Cris, a professora, ensaia acompanhar a imagem veloz do indivíduo barbudo, rogando dele qualquer assistência, mas, dado o primeiro passo, pisa em falso, não podendo mais avistar por onde esse ser fortuito desaparece.

Nesse instante, a luz pisca e um ventilador todo capenga dá sinais de hesitar. Cheiro forte de queimado. Cris desenreda-se dali com urgência.

Sai com a folha de papel esmagada na mão. Tenta superar outra viga enferrujada, mas tropeça. O joelho agora se esvai em sangue. Ela se desespera. Como conter esse fluxo interminável? Cris investiga se há alguma coisa limpa capaz de comprimir o ferimento. Inquire o espaço destruído. É quando nota o conteúdo da escrita que traz nas mãos.

A professora limpa na camisa rasgada o que restou de seus óculos. A professora ri, trêmula, aturdida. Olha em volta. Esfrega os olhos. Meneia a cabeça. Tenta atravessar a superfície ruivinhosa conforme lê novamente o texto em mãos. Tropeça. Mais na provável acepção da coisa que no rigor da forma. E ali agora sentada ela fita a folha de papel em suas mãos.

Nem tenta. Não sei o que está escrito nesse papel colorido. Daqui não dá mesmo para ler.

Só sei que a professora nota, de soslaio, enormes formigas diligentes prosseguindo alheias à dissensão estagnada do tempo e dos corpos... É quando ela grita outra vez por socorro. Mas ninguém, nada, nenhum sinal.

Cris se levanta. Prossegue na leitura nervosa e no passo vacilante. Cai. Os lábios trementes colidem com um metal azul oxidado. A professora reconhece que está com o rosto arrochado no portão da entrada e que ele está, nessa hora, enviesado no que antes fora a Sala de Leitura.

Mas ela não tem tempo de pensar que essa é uma ruína como as outras, que desarticula a ordem formal e funcional das coisas sem cerimônias.

Por isso, só desliza, perplexa, os dedos sujos de desastre pelas grades. Nem nota que do outro lado, uma mão diversa faz o mesmo, indo na direção oposta. Nesse espelhamento fortuito os dedos quase se tocam. A outra mão é a do Cris, o menino de 8 anos, que resvala com as unhas nervosas na ferrugem. Cris, a professora, não reconhece o menino.

Somente quando ele fala me ajuda! é que a professora repara que está a pisar nessa criança agonizante. Ela roga aos céus perdão e tenta acudir o menino ao mesmo tempo. Mas, só consegue ver, acima dela, um monte de lama e dissipação.

Cris vocifera socorro. Diz bem alto e rascante, salivando viscoso e vermelho: — É a Cris, por favor, nos ajudem!

Aturdida, percebe que o menino pálido e moribundo se esforça em repetir o mesmo, apenas substituindo o artigo definido, e assim, talvez, indicando em que gênero ele se encaixe, quem sabe se situando no mundo, no mundo aos pedaços que lhe resta:

— É o Cris. O Cris! Cris!

Lá fora, homens ofegantes, numa velocidade que burila as percepções, transformam seus membros inferiores e superiores em espectros rutilantes e agitados. E fazem saber:

— Achei mais um aqui! É um braço! Só tem o braço! Alguém me ajuda aqui!

Acima deles, aleluias, sob a luz do poste, desenham bandarilhas vivas para essa noite que não estica os lírios, nem permite que as pernas dos soterrados assim o façam.

Embaixo dessa negação material, Cris chora. Mas logo se recompõe. Pede ao menino que tente mais uma vez. Diz que vai levantar o portão de novo. Que agora vão conseguir.

Um minuto, só um minuto, entre o agora e o porvir, se hospeda nos seres e nas coisas, descrevendo mútuos deperecimentos. Resíduos de paredes e teto se precipitam. Veja como na face dessas duas figuras a espera se faz desconfiada e aflita. Choro e terra se espriam sobre os pés de Cris, a professora, e sobre os olhos de Cris, o menino.

A urgência em fazer instaura um silêncio sem fundo e sem aquela justaposição capaz de enumerar as partes essenciais de um ser, comumente tão adjetivadas. Que silêncio. Tudo emudece. Tudo petrifica.

Em seguida, após esse longo minuto de tempo suspenso, tijolos esmagam o ombro esquerdo da professora e atravessam o espaço estreito em direção ao abdômen do menino.

A carne e os ossos feridos da criança se contraem violenta e involuntariamente, ameaçando crescer e se evadir dessa condição de desventurado. No entanto, outro conjunto de prismas retangulares trata de aquietar esse pequeno corpo turvo. Agora, ele só arqueja. Agora, nenhum movimento.

Uma fratura exposta orchestra as intensidades. Boquiaberta diante da própria tibia, Cris, a professora, também ofega uma agonia sibilante, com uma oitava acima do padecimento do garoto.

É um barulho tão lancinante que atravessa os escombros, chegando aos pés dos bombeiros e paramédicos, mas, parece que bem ali perde sua força. Inexplicavelmente, é um grito ignorado pelos humanos, um clamor que fica ali no nível dos roedores. Que ensurdece as ratazanas. Que desorientadas, com os tímpanos vazados, colidem umas nas outras, guinchando enlouquecidas. E quando param esgazeadas e flácidas, é porque o caos que perdura e implode o edifício e arredores não admite mais sequer um choro submerso, distante.

Um ferro entra no pescoço da professora, vidros recortam o rosto do menino. Uma enorme e densa tempestade de cal, carbonato de potássio, silício e calhaus imprecisos achata, como o martelo de um juiz, os dois corpos.

Não se sabe ao certo o tempo em que dura um hiato tão furioso quanto essa queda da matéria fabricada pelos homens. É um somido estúpido: dentro dele uma coisa incurável parece sugerir uma redundante ausência, uma dimensão mínima se propondo como recusa do volume e da forma. Tudo breu.

Mas tão logo, em cima da construção obliterada surgem luzes, muitas luzes e pernas se equilibrando, sustentando troncos que suportam expressões de pesar, por vezes, calculadas. São pernas de especialistas, troncos de comunicadores, expressões de personalidades públicas, olhos assustados de sobreviventes.

A microfonia do som amplificado impede a compreensão das falas arrebatadas que opinam, culpam, protestam. Os sobreviventes são incitados pela assembleia liderada por um senhor do engenho das opiniões. Diz que sabe. Sua gravata de seda brilha, mas tanto ela quanto seus gestos e vocabulário da coisa pública não se sobressaem. A redundância sonora é afirmativa sem igual. O barulho desagradável anula todas as declamações e movimentos dos corpos presentes nessa reunião.

Os únicos gestos evidentes acontecem ali, bem ao lado do pleito dissonante. É o dessa menina vestida para matar, com batom violentamente fúcsia e unhas de esmalte grafite, pronunciando e dedilhando pausadamente o texto que carrega consigo. E esse outro que é cauteloso, quase imperceptível, num esforço medido, simétrico, entre olhar, mãos e objetiva, buscando deixar a moça fora do enquadramento desse programa de maior audiência, como o jornalista bonito, de cabelo razor part e bigode vitoriano, faz questão de sublinhar.

É quando uma música começa ali, no que sobrou daquele botequim. A música poderia conversar só com as três bananeiras que persistem no quintal ao lado, que balançam e balançam desobrigadas; mas, diante do esforço do programa de maior audiência em se livrar do cartaz e do rosto daquela jovem, há uma adesão desconcertante.

Eis aí então essa valsa excêntrica no chão do que agora é um terreno baldio. Todo mundo, que está fora do plano médio da câmera, gargalha com vontade e desenha sobre a dança, com o dedo ou com seu aparelho celular em riste.

Até o instante em que entra no quadro a figura de barba teofórica, aquela mesmo, agora montada em um cavalo amarelo com narinas amplas e dilatadas, orelhas eretas, pescoço alto. Ele parece pedir atenção. Sua calda batendo de um lado para o outro, a pata raspando o chão, parece pedir silêncio. Então ninguém mais ri. A música cala. Agora é sossego enervante. O ancião de longa barba branca apeia, reverenciosamente, do animal, ajeita a roupa enlameada e exhibe uma forma incomum de existência física.

É um amontoado de carne pulsante. O vapor que surge dessa massa informe embaça nossa visão. Acho que é uma troca gasosa dessas que, de tão intensa, faz a existência das coisas passar ao estado do óxido muito rapidamente. Uma corrosão em série que, somada a esse smog terrível, nos impressiona demais, impedindo nossa acuidade. Aqui de longe, nossa visão é suspeita. Resta-nos tentar escutar.

E como você mesmo pode ouvir, as testemunhas mais imediatas dizem, clamorosas, que esse amontoado é coisa viva. Que ele respira.

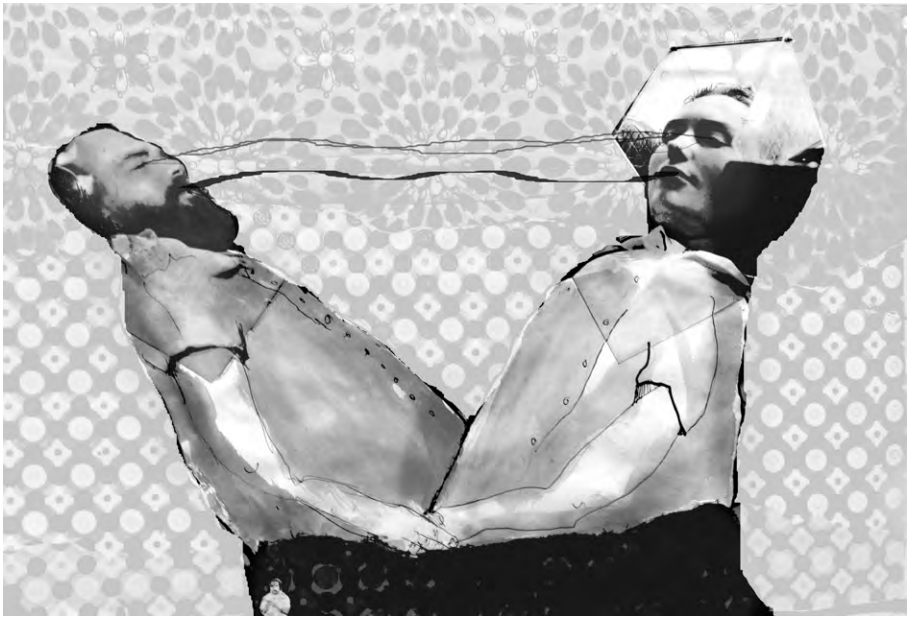
Trata-se de um ser que, após o desastre, tornou-se desfiguração, um desmembramento sem enfeites, é o que eles dizem.

Eles comentam também que o belo corcel agora rumina devagarinho a polpa vermelha. E que, em seguida, levanta a cabeça, fecha as narinas gigantes, respira esbaforido e expõe o lábio superior, encharcado de sangue. Eles gritam de horror. Parece que reconheceram alguma coisa que lembra os corpos de Cris, a professora e Cris, o menino. Pena que com essa imensa fumaça e neblina a gente não pode mais assistir.

Repare aqui nessas linhas intrusas, como elas dão vida ao cinza que se expande, como elas se movem precariamente nesse infinito. Veja como elas, tão provisórias, interferem nessa eternidade de nuvens. Repare bem. Preste atenção em tudo.

♦ ♦ ♦

Gean B. de Moraes é natural de São Benedito — Ceará — CE, Brasil. Educador, Historiador da Arte (UFRJ), Mestrando em Humanidades, Culturas e Artes (UNIGRANRIO). Trabalha como dinamizador de leitura em escolas municipais de Duque de Caxias, RJ. Tem ensaios sobre arte contemporânea publicados na revista Usina e na Revista Desvio; outros textos estão disponíveis em imagerias.com. Leitor compulsivo, andarilho atávico, quando quieto, movimenta-se interiormente. É pai do Gael, razão de sua vida.



SOB A LUZ DA LUA

■ *Georgia Palma Vieira*

Brasil, inverno de 2029

A jovem foi atirada sobre o terreno de chão batido, torcendo o pulso na queda. O veículo militar acelerou em seguida, deixando para trás uma nuvem de poeira que envolveu seu corpo e aderiu à pele suada antes de se dissipar completamente no ar. Um dia aquela área fora coberta pela floresta, Lua se lembrava muito bem, mas agora era um grande descampado poeirento e infértil.

Atenta para os perigos que poderiam surpreendê-la, a jovem se levantou e andou pelo caminho pedregoso a passos rápidos. Aquela terra pertencera aos seus ancestrais, o povo indígena que acabou sucumbindo ao genocídio e à miscigenação forçada, e a garota a conhecia muito bem. Se andasse numa linha reta na direção das montanhas que se estendiam além, logo estaria segura e entre amigos, protegida sob o familiar abrigo d'A Biblioteca.

Teve sorte naquele dia, afinal não fora reconhecida pelos oficiais que a interpelaram quando retornava de uma visita à casa da avó. Lua não carregava consigo materiais comprometedores ou subversivos de qualquer espécie, logo os militares não foram capazes de encontrar uma boa justificativa para usar de toda a sua truculência sobre a garota de cabelos lisos e longos e olhos ligeiramente puxados. Ela, por outro lado, não estava certa quanto ao que seria preferível: a violência declarada ou o tratamento pretensamente “amigável” que recebera dos homens enquanto esteve a bordo do veículo.

Num determinado ponto da estrada, viu a figura de uma meia-lua gravada sobre o chão arenoso. Era recente e muito rudimentar, provavelmente feita com um galho ou com o solado de um calçado, mas foi o suficiente para enchê-la de confiança e otimismo. Lua não era seu nome de batismo, tratava-se de um codinome que, apesar de amplamente difundido, poucos sabiam a quem pertencia de fato.

O nome não fora escolhido ao acaso, e a jovem orgulhava-se dele assim como se orgulhava grandemente do peso simbólico que ele carregava. Lua — aquela que refletia a luz para iluminar a escuridão.

Seu país estava imerso em trevas e caos, ainda que as trevas contassem com alguns pontos de luz e o caos fosse habilmente controlado por aqueles que detinham o poder político. O General podia ser a figura que estampava os anúncios presidenciais e as cédulas de dinheiro que circulavam por cada canto do Brasil, mas Lua sabia que ele não passava de um mero ícone, o pretenso salvador a quem aqueles que eram tolos demais para enxergar a verdade — ou mal-intencionados a ponto de visar tirar vantagem dela — não se cansavam de exaltar.

Houve um último presidente antes da instauração completa do militarismo, um homem de caráter inflexível e opiniões controversas. Após sofrer um mal súbito logo no segundo ano de seu mandato, acabara por levar ao túmulo suas próprias convicções acompanhadas da — inútil no além-vida — faixa presidencial. Vendo cair em suas mãos a tão sonhada possibilidade de ascensão, o vice-presidente alçou voos maiores e, uma vez empossado em seu novo cargo, aboliu toda e qualquer organização político-partidária que não estivesse completamente alinhada com os interesses do sistema que acabara de se estabelecer.

Fundado o Partido Único do Brasil, militares se revezavam nos cargos adquiridos por meio de influência e ameaças, dominando os mais diversos níveis da hierarquia política e, na maioria das vezes, digladiando entre si em busca de favores e aquisição de poder. Facções e milícias pipocavam por todos os cantos, e nenhum terreno era realmente seguro para aqueles que almejavam um cenário político e social diferente do que estava em vigor.

De modo geral, as pessoas acreditavam que tudo estava bem — não havia notícias ruins nos jornais, que retravam cenários ideais de crescimento econômico e índices de violência zerados —, mas Lua sabia que a realidade era muito diferente daquela mostrada pelos meios de comunicação. Embora optasse por ignorar os alertas internacionais sobre os perigos do regime totalitário instaurado no país, a população vinha sofrendo suas consequências havia quase dez anos.

Só dispunha de acesso à educação quem podia pagar por ela, como filhos de militares de alta patente e outras figuras igualmente influentes. As universidades públicas havia muito foram abolidas, e muitos pais, ainda que desqualificados para tanto, preferiam educar suas crianças em casa em vez de enviá-las aos colégios militares. Como resultado, tinha-se uma multidão de jovens intelectualmente despreparados que serviam como mão-de-obra para o governo, mas se viam impossibilitados de cultivar outras aspirações e galgar os obstáculos até funções que oferecessem melhor remuneração.

A arte, de tão desvalorizada, estava quase que completamente abolida, e isso enchia o coração de Lua de tristeza e desespero quanto ao futuro. Um povo condenado a viver sem arte era um povo desprovido de memórias, senso crítico e perspectiva para os tempos vindouros, suscetível à manipulação por entidades maiores e a enxergar como solução de seus problemas o endeusamento de homens comuns como se estes fossem entidades sobre-humanas. Enquanto antropóloga — conseguira se formar antes d'O General assumir o poder —, precisava admitir que o cenário era desesperador; enquanto ser humano, no entanto, a jovem mulher ainda tinha fé em seu país e naqueles que o habitavam.

— Finalmente! — disse o rapaz de cabelos escuros meio rebeldes tão logo ela chegou ao pequeno casebre de pau a pique onde ele estava. A casinha era localizada no meio do nada, ao pé de uma montanha alta, a uma boa distância da cidade mais próxima. — Onde foi que você se meteu?

— Nem queira saber, Rafael — respondeu ela um tanto impaciente. A dor incômoda no pulso começava a deixá-la de mau humor. — Me interpelaram no caminho.

O amigo pareceu preocupado.

— Vem, vamos entrar — sugeriu ele, e ela o acompanhou para dentro da construção onde, protegida sob uma aba do telhado de palha, encontrava-se a moto vermelha que ambos costumavam utilizar para se locomover. — O que aconteceu?

Escurecia, e era quase hora do pronunciamento oficial. A jovem começava a ficar ansiosa e, embora o companheiro evitasse demonstrar isso, estava certa de que ele partilhava de seu nervosismo crescente.

— Nada de mais — Lua decidiu poupá-lo de certos detalhes —, mas acho que quase quebrei o pulso.

Afastando para o lado uma esteira de bambu que jazia sobre o chão, Rafael revelou um alçapão de madeira. Puxando a corda com força, abriu-o para que eles pudessem descer até A Biblioteca. O lugar nada mais era do que um grande *bunker* de paredes cimentadas idealizado para guardar, entre outros materiais que passaram a ser considerados subversivos, livros didáticos que continham informações sobre os mais variados temas — educação sexual, diversidade étnico-religiosa, história... Havia até mesmo alguns livros de receitas, e todos os exemplares contavam com uma meia-lua rabiscada na contracapa.

Uma vez no subsolo, o amigo falou:

— Deixe eu ver isso.

— Não, está tudo bem — protestou a garota. — De verdade. Foi só uma torção.

Rafa não pareceu convencido, mas se limitou a pegar seu notebook e se sentar num pufe entre as pilhas de livros e DVDs. Lua fez o mesmo, identificando entre os filmes o seu favorito: “A Queda! — As Últimas Horas de Hitler”. Este, como tantos outros, fora banido por ser considerado capaz de incitar comportamentos que punham em risco a autoridade do PUB. A jovem esperava que os militares excessivamente cautelosos estivessem corretos em sua suposição, afinal durante os últimos anos conseguira fazer com que o filme fosse amplamente visto e difundido nas comunidades por onde circulava, bem como através de transmissões

clandestinas realizadas diretamente do computador do amigo com quem dividia aquele esconderijo.

Mais cedo ou mais tarde, todos os grandes ditadores acabavam por cair. Disto a jovem antropóloga estava absolutamente certa.

— E aí, pronta para explodir o Púbis? — Rafael a surpreendeu com a pergunta, um trocadilho infame com a sigla do único partido atuante no país. Lua estava admirada por ele ainda não ter se cansado daquela piada, mas não pôde evitar rir dela uma vez mais.

— Vem mais alguém? — Ela perguntou.

O rapaz começava a digitar alguns códigos em seu computador portátil.

— Vamos ser só nós dois — respondeu ele. — Melhor assim, menos gente para ser interceptada no caminho.

A garota sentiu a onda de ansiedade se intensificar em seu espírito. Impaciente, puxou o telefone celular do bolso dos jeans e, sentindo-se grata por estar com a tela intacta após a queda que sofrera sobre a estrada pedregosa, desbloqueou-a com um movimento do olhar.

Através de um perfil falso ela checkou as redes sociais rapidamente, sentindo-se satisfeita com o que via. Muitas pessoas usavam a marca d'água da meia-lua em suas fotos de perfil, e havia *emojicons* do símbolo por todos os lados. A transmissão daquela noite prometia ser um verdadeiro sucesso.

— Essa 7G está uma bela bosta — observou Rafael meio distraído com o que fazia.

— Percebi — Lua foi obrigada a concordar. Em seguida, não pôde deixar de exteriorizar a questão que vinha lhe comprometendo o sono havia dias: — Tem certeza de que é impossível rastrear...?

Ele pareceu incerto. Com o forte esquema de censura dominando o território virtual, nenhuma certeza podia ser considerada absoluta.

— Qual é, moça? Não confia no V aqui? — perguntou o rapaz com uma piscadela, e algo no modo como sorriu acabou por denunciar todo o seu nervosismo.

Lua nunca duvidou das habilidades do amigo como hacker, e a alusão ao seu anti-herói favorito a animou e encorajou, mas ainda assim algo a deixava desconfortável, trazendo-lhe um estranho nó à garganta. Num relance, checkou a hora marcada pelo celular, notando que faltavam pouquíssimos minutos para a transmissão presidencial.

Com todos os preparativos feitos, ela pegou o pequeno microfone que Rafa lhe ofereceu e o prendeu à gola da camiseta. Posicionando-se de frente para o notebook aberto, esperou que a transmissão em streaming tivesse início.

Suas mãos estavam geladas e, quando a pequena luz vermelha da webcam se acendeu, Lua pensou que seu coração fosse lhe saltar pela boca. Após alguns poucos segundos de silêncio, no entanto, ela tratou de se recompor e recitar o discurso previamente ensaiado:

— Boa noite, meus amigos! — Tentou sorrir, mas seus lábios trêmulos não obedeceram ao comando. — Vocês esperavam por uma transmissão presidencial nesse momento, pois bem, e não vou decepcioná-los, mas permitam que sejam feitas algumas considerações antes disso...

“Muitos de vocês irão me reconhecer. Sou Lua, a responsável por disseminar o material dito ‘subversivo’ que circula por todo o país. Convenhamos que esse é um modo meio indelicado de se referir a livros que contêm nada além de conhecimentos básicos aos quais todo ser humano deveria ter seu acesso assegurado.”

“Os livros marcados com a meia-lua levam esclarecimento, e que mal pode haver nisso, certo...? Bom, para alguns, todo o mal que se pode imaginar! Conhecimento é poder, é uma arma mais potente do que qualquer munição já inventada pelo homem. Nas mãos certas, ele é capaz de transformar uma realidade que está longe de ser a ideal, mas nos parece boa pelo simples fato de que estamos acostumados a ela. Tenham sempre isso em mente.”

“Ou vocês esperam que nosso General idoso dê conta de levantar o país? Cá entre nós, isso não seria viável nem que ele gastasse todo o seu suprimento de Viagra, e sabemos que o estoque é infinito.”

Rafa suprimiu uma risada diante do comentário espirituoso da companheira. Ridicularizar o símbolo da ditadura era uma boa maneira de combatê-la, e Lua sabia que fazer uso de bom-humor era um modo eficaz de atrair simpatizantes à causa que defendia.

— Sendo assim, eu, Lua... — Ela se preparou para finalizar a transmissão. — Mulher, indígena e livre, venho me autoproclamar soberana de minha existência, e não permito que o Estado interfira em minhas escolhas ou cerceie meus direitos.

“O que está esperando para se proclamar seu único soberano também?” A jovem estava prestes a dizer, mas de repente a luz da câmera se tornou amarela e janelas com códigos estranhos começaram a se abrir na tela do computador. Rafael havia perdido o acesso ao sistema do governo, mas não tinha importância, a mensagem estava dada.

— O que achou? — Ele perguntou enquanto digitava inúmeros comandos a fim de finalizar a tarefa. — Para mim você foi ótima!

— Não foi tão ruim quanto eu esperava — comentou ela aliviada. — Minha mãe vai achar engraçado, disse eu tenho certeza.

Eles sorriram um para o outro e se prepararam para estender as esteiras sobre o chão. Tinham de dormir cedo, afinal despertariam igualmente cedo no dia seguinte. Precisariam subir na moto vermelha que se encontrava protegida pela casinha de pau a pique e partir dali. Não seria uma partida definitiva, mas não parecia prudente que permanecessem naquele local durante as próximas semanas. A garota não tinha certeza do destino que escolheriam, mas, onde quer que fosse, sabia que teria amigos por perto.

No fundo, Lua se sentiu tola ao fazer aquela transmissão, e se perguntava se as pessoas realmente a levariam a sério. Apesar do constrangimento, no entanto, sabia que um ato como aquele era necessário para se iniciar uma reação em cadeia. Se não houvesse um início, uma pequena fagulha sobre o imenso monte de palha, nada nunca mudaria. Com este pensamento em mente, a jovem mulher adormeceu.

Quando despertou, Lua tinha um fuzil apontado para seu rosto e podia sentir os músculos da face dormentes, como se tivesse acabado de ser atingida por um soco que sequer se lembrava de ter recebido.

Ao abrir os olhos com dificuldade, a primeira coisa que viu foi Rafael. Seu corpo sem vida pendia de uma corda que ia de seu pescoço até as tábuas do alçapão que se abria no teto do esconderijo. Havia homens uniformizados por toda parte, vasculhando e destruindo tudo o que viam, e diante daquela cena aterradora a garota sequer foi autorizada a manifestar seu desespero.

Quando abriu a boca para soltar o grito que estava preso em sua garganta, Lua teve o rosto esmagado pelo solado de uma bota preta, e pôde ouvir com a mais absoluta clareza o som de seu nariz se quebrando com a violência do impacto.

Ao barulho estarrecedor se seguiu um cheiro forte de combustível e uma densa cortina de fumaça escura, mas àquela altura a consciência da jovem mulher já havia deixado seu corpo para trás do mesmo modo que os oficiais deixaram aquele lugar após terem cumprido sua missão nele.

A Biblioteca ardia em chamas, e logo o fogo se alastrou e consumiu a cabana de pau a pique, transformando-a num ponto luminoso solitário no meio da escuridão noturna.

Todos que olhassem naquela direção, mesmo que a uma longa distância, poderiam enxergar um rastro de luz a ser seguido.

♦ ♦ ♦

Georgia Palma Vieira — Artista catarinense. Entre seus trabalhos se encontram livros e textos poéticos publicados sob formato físico e digital, além de peças teatrais, roteiros e coletâneas de contos. Figurou no topo dos mais baixados da plataforma Amazon e explora as áreas da escrita, pintura, design de moda e dramaturgia a fim de apresentar ao público o que a conexão entre elas pode oferecer.

POSFÁCIO EM RITMO DE FUGA

■ *Guilherme Purvin*

Minha querida irmã,

Escrevo para você às pressas e, por isso, peço desculpas pela caligrafia e pela forma rude. Você há de se lembrar que minha viagem ao Ártico resultou em completo fracasso. Isso, no entanto, não me desencorajou nem acabou com minha vontade de desbravar territórios inexplorados em busca de amizades sinceras. De volta a Londres, concluí que meu grande erro foi acreditar que as bússolas apontavam para o Norte. Nada disso, a ponta que deveria ser pintada de vermelho era a outra! Eu, que já me senti *desnorteadado* em tantos momentos da vida, devo confessar que me acho totalmente *dessuleado*, já que nesta minha fuga desembalada acabei deixando para trás todos os meus petrechos de viagem, à exceção do pergaminho, do pote de tinta e da pena. Justifica-se, assim, a caligrafia um tanto trêmula.

Tudo aconteceu por um trágico acaso. Como você sabe, depois daquela minha aventura frustrada (mas que rendeu fama e fortuna à esposa de Mr. Percy), fiquei sem dinheiro para contratar nova tripulação. Embarquei num navio de Sua Majestade que rumava para as Malvinas (que S.A.R. insiste em chamar bobamente de *Falklands*), de onde conseguiria com mais facilidade chegar a Antártida.

Até que a viagem ia muito bem, já fazia muito tempo que não me deparava com a monstruosa criatura que conhecera nas geleiras setentrionais, por ocasião do velório de meu grande amigo Victor Frankenstein. Estava absorto, à procura de pinguins com os quais pudesse iniciar novos relacionamentos sociais quando vislumbrei no horizonte alguns

containers. Meu coração acelerou diante da bandeira daquele país sul americano com as cores de ave tropical tremulando. Pois então eu estava diante dos destroços das lendárias instalações da velha Estação Antártica Comandante Ferraz que haviam sido consumidas por um incêndio há mais de dezesseis anos!

Caminhei resolutamente na direção das caixas metálicas, mas em dado momento interrompi a marcha ao ouvir uma espécie de canção que dizia “Isso é revolução, mas sem foice nem martelo, porque as cores da bandeira são o verde e o amarelo”. Não entendi bem o significado da letra, porque em seguida alguém começou a invocar a proteção de Deus e das milícias. Dei a volta por trás, onde não havia janelas e, por uma fresta, vi um grupo de aproximadamente vinte homens e mulheres, todos eles armados — alguns de terno, outros de farda. Na parede, havia uma faixa com a sigla IBAP. Um sujeito de cáqui começou a falar:

— Declaro instalada a 10^a Assembleia Geral Ordinária do IBAP e convido o Deputado Luís Moura Mourão (ou Luiz, em meio aos ventos glaciais não consegui captar se a consoante era surda ou sonora) para secretariar os trabalhos.

O tal deputado aproximou-se do militar, apanhou uma folha de papel e disse:

— Acho que todos aqui já conhecem o material subversivo produzido há 10 anos, o tal “Projeto Brasil 2029”, que pensávamos consistir apenas num livrinho de neo-profecias não autorizadas pela IAEEU ^{2(c)}.

— Desembucha logo, deputado, que todo mundo aqui está morrendo de frio — cortou rudemente o militar.

— Serei breve, General Barbosinha. O documento, como ficamos sabendo mais tarde, era o relatório de um projeto científico conduzido por organização ecoesquerdista, provavelmente norueguesa ou holandesa, nos primeiros dias da República Coprocrática, mandato do Profeta Sejus Crotsi.

² Igreja Antropofílica do Evangelho Entomofóbico Universal. Para maiores informações sobre esta nefanda seita paramilitar, cf. *Batalha das Libélulas, Queda de Babilônia e O Advogado que entrou no armário*, de Glautúrnio Polenta e Guian de Bastos.

Neste momento, os participantes do conclave começaram a entoar em coro: “*Me too! Me too!*”. Não entendi o motivo da euforia: “eles também” o quê? O deputado, que por sinal tinha belas pernas (perdoe-me a indiscrição, maninha), prosseguiu:

— Esse audacioso e sofisticado projeto científico consistiu no transporte de uma equipe de mais de trinta voluntários para os tempos presentes, com o objetivo de registrarem os resultados práticos de nosso projeto de poder.

— Deputado Luís (ou Luiz)! — quem interrompia a fala do deputado agora era uma belíssima mulher, verdadeira joia jurídica do Oriente, toda paramentada com toga negra de seda e empunhando um grosso volume de Direito Penal de autoria de Roland Freisler.— Questão de ordem, Deputado! Que história é essa de adjetivar aquela porcaria de livro de “audacioso projeto científico”?

— Desculpe-me pelo deslize, Dra. Glória, peço que retirem da ata a expressão e a substituam por “evidência material da maracutaia uspiana”. Acreditando que se tratava de impresso destinado ao lançamento de nova PJNP (Pessoa Jurídica Neo-Pentecostal), acabamos dando pouca atenção para o seu conteúdo. E, por conta desse desleixo, nosso futuro começou a ser desconstruído naquele mesmo ano.

Nesse momento, um homem ergueu as mangas de sua camisa negra, exibindo tatuagens com citações bíblicas nos braços. Você há de se lembrar que eu estudei galaico-português na minha juventude, quando me apaixonei pela mimosa Rosália de Castro, a criadora de ovelhas negras de Lindoso, Esse meu conhecimento era suficiente para eu entender o que falavam, mas a voz daquele homem mais parecia linguagem dos pinguins. Depois pensei que fosse a língua dos marrecos. Apurei mais os meus ouvidos e captei estes comentários:

— Vocês não se lembram, mas eu sim! Eu sempre dizia a vocês: vamos desapropriar a Basílica de Aparecida do Norte! E também vamos proibir os instrumentos do mal, cavaquinho, agogô, pandeiro, mulherada com a bunda de fora no morro, carnaval!

O deputado retomou a palavra:

— Isso não está em discussão, Excelência. A pauta aqui é: o que fazer para reverter os efeitos produzidos pelo livro “Brasil 2029 — Contos Góticos e Pós-Apocalípticos”.

Mas outro sujeito que até então permanecia calado, limpando as unhas com a ponta de um fuzil, fez coro à intervenção do misterioso magistrado de camisa negra:

— Taí, gostei da fala do Magno Augusto Meira Meirelles: desapropriar a padreciada! General Barbosinha, vamos fazer um troca-troca de palestrante! Ahahah! Tira esse deputado pentelho e coloca pra falar o Ministro. Troca-troca, entenderam o duplo sentido? Ahahah! É brincadeira, viu, deputado? Estava só zoando. Continua aí falando, estou impressionado comigo mesmo: troca-troca! Ahahah!

O deputado prosseguiu:

— Os relatos publicados nesse livro, na forma de contos, acabaram chamando a atenção das pessoas para o risco que todos estavam correndo — não apenas comunistas, mas todos, os negros, os pobres, as mulheres, os índios, as florestas, a fauna silvestre, os velhos e as crianças, as lésbicas, os gays, bissexuais, transexuais — e, por conta disto, o que parecia ser uma distopia irreversível culminou nesta nossa situação. Fomos escoraçados do poder e agora, a exemplo da criatura fabricada por aquele cientista, estamos exilados num deserto gélido. Parafraseando Vladimir Ulianov, pergunto aos senhores: O que fazer?

Um sujeito de avental branco, com um estetoscópio no pescoço, pediu a palavra:

— O que fazer? Se ninguém tiver nenhuma ideia, gostaria de sugerir que abortemos o próprio livro com as profecias que provocaram a nossa derrota. De que forma? Simples! Faltam algumas horas para 2029. Sabemos os nomes dos dezoito crononautas que virão dentro de alguns dias realizar as pesquisas de campo: Aldefran, Alpha, Bruno, Denis, Diego, Geanglés, Georgia, Heliel, Jéssica, Juliana, Milene, Nicole, Pedro, Petronio, Rodrigo, Rui, Silvio e Vanilson. Ora, bastará sequestrá-los e impedir

que regressem a novembro de 2019. Se aquele livro não for lançado, a nossa era de glória e devastação da Amazônia não será interrompida!

Minha irmã, só naquele momento é que eu dava conta do que era aquela reunião. Aqueles eram os terroristas surgidos ao longo da década de 2010 e que haviam tentado implantar no planeta um projeto de estado policial de concentração de renda, proibição da minissaia e remoção de árvores para abastecimento de usinas termoeletricas. Os nomes mencionados eram os dos finalistas do conhecido concurso de contos góticos e pós-apocalípticos, os profetas que conseguiram, com sua escrita, alertar o país sobre os horrores do neofascismo e a necessidade de união do povo para resgate da democracia! Aquela sigla na faixa do compartimento onde se reuniam, IBAP, não era do Instituto Brasileiro de Advocacia Pública, mas do famigerado Instituto Bélico de Aniquilação do Planeta! Tiritando de frio e medo, continuei a observar pelas frestas a conversa. As falas começaram a se atropelar e eu já não conseguia identificar quem é que falava o que.

— Objeção, General! A proposta do médico Jivago Kelsen é completamente idiota! Se os dezoito crononautas desembarcarem aqui em 2029, farão o relato de um Brasil democrático, de pessoas felizes, da natureza preservada e solidariedade entre as gerações! Esta é a realidade atual! Nada temos que modificar, pois utopias deste tipo não rendem literatura alguma!

— Se a ideia é destruir alguma coisa por lazer, proponho quebrarmos todos os CDs do Chico Buarque, universidade, editoras, jornais e ONGs.

— Em minhas interceptações telefônicas e de dados (e ressalto aqui, antes que algum inteligentezinho venha me criticar, todas elas foram por mim autorizadas judicialmente), verifiquei que por trás desse projeto de viagem literária pelo tempo estava uma comissão avaliadora formada por professores de Letras, editores, advogados, jornalistas, poetas, escritores! Tudo feminista! Tudo macumbeiro!

— Fãs de Shelley!

— Ei, eu sou fã do Shelley!

— Não me refiro ao Iossi! Estou falando da Mary Shelley!

— Ah... Não conheço. É gostosa?

— Em resumo, tudo ideológico, tudo Davi Kopenawa e Ailton Krenak! Tudo ideias para adiar o fim do mundo! Não tem que manter isso, viu?

— Mas você é burro mesmo! Se você acha que não devemos atacar os crononautas, por que haveríamos de agredir os idealizadores do projeto antipatriótico que culminou com a nossa fuga? Que importância teria prendermos esses aí que você falou, se eles não participaram da viagem ao futuro?

— Que importância? Se eu ainda estivesse à frente da Operação Limpa-Trilhos, eu diria que importância tem isso, numa delação premiada!

— Pessoal, a minha ordem é ficarmos aqui bem quietinhos. Rapidamente, esta realidade alternativa se dissipará, o povo se esquecerá de nossa torpeza e voltaremos ao poder! Tranquilo! Isso... Silêncio.

E fez-se o silêncio. Um silêncio glacial e abrupto que me entregou, porque naquele exato momento não consegui conter um espirro. O general Barbosinha, então, exclamou:

— Ei, vejam! Um velho gordo de óculos e cara de malvado lá fora! Vamos pegar aquele safado! A assembleia do IBAP está suspensa!

Foi isso o que aconteceu, minha irmãzinha idolatrada. Enquanto escrevia esta carta, fui me distanciando de meus perseguidores a passos largos, pois aprendi o truque há anos, em minhas andanças pelo Ártico com a criatura. Depois, com a ajuda dos meus amigos pinguins, consegui uma carona num transatlântico que passava aqui por perto para comemorar o *réveillon*.

Você deve ter percebido que, nesta última página, minha caligrafia ficou mais vistosa. É que agora já estou bem mais calmo do que no início desta missiva. São 23 horas do dia 31 de dezembro de 2028 e, felizmente, não sou o último homem no planeta. Por isso, não dedicarei o relato de minhas viagens à sombra do que foi um dia a humanidade³. De qualquer forma, fique de sobreaviso: eles continuam vivos e maquinando.

³ “I also will write a book, I cried — for whom to read? — to whom dedicated? And then with silly flourish (what so capricious and childish as despair?) I wrote, DEDICATION — TO THE ILLUSTRIOUS DEAD. SHADOWS, ARISE, AND READ YOUR FALL! BEHOLD THE HISTORY OF THE LAST MAN” (Mary Shelley. *The last man*. Wordsworth Editions Ltd, 2004. P. 371).

Aqui me despeço, pois já fiz amizade com o capitão do navio e daqui a pouco começa um show do Roberto Carlos.

Com amor de seu irmão

Robert Walton.

♦ ♦ ♦

Guilherme Purvin é formado em Letras e Direito pela USP. É autor do livro de contos *Laboratório de Manipulação* e idealizador do Concurso Mary Shelley de Contos Góticos e Pós Apocalípticos — Brasil 2029. Com Guian de Bastos escreveu os romances *Batalha das Libélulas*, *Queda de Babilônia*, *O Advogado que entrou no armário*, *Às minhas fãs somente*, *As aventuras de Gordinho Roy e seus sete amigos pela Mata Atlântica*, *Memórias de um Derrotado* e *Carneiros no Buraco*. É autor de diversos livros na área jurídica, dentre os quais o *Curso de Direito Ambiental*, 6ª ed. e *A Propriedade no Direito Ambiental*, 4ª ed. É coordenador do Grupo de Pesquisas sobre Ecocrítica Literária e Direito Ambiental.



Esta obra foi composta nas tipologias
Chaparral Pro e Vogue
no formato 16 x 23 cm, mancha de 12 x 19,8 cm
no inverno de 2020.

Aldefran Melo da Silva
Alpha Condeixa Simonetti
Bruno Pinheiro Ivan
Denis A. Vaz
Diego A. Molina
Gean B. de Moraes
Georgia Palma Vieira
Heliel Damascena da Silva Sena
Jéssica Louise Werner
Juliana Berlim
Milene de Almeida Silva
Nicole Ayres Luz
Pedro Oswaldo Horta
Petronio De Tilio Neto
Rodrigo Vinholo
Rui Guimarães Vianna
Silvio Rhatto
Vanilson Rodrigues Fernandes
(contistas)

José Nuzzi Neto
(apresentação)

Guilherme Purvin
(organização e conto-posfácio)

Gavin Adams
(capa e ilustrações)



**INSTITUTO BRASILEIRO
DE ADVOCACIA PÚBLICA**

ISBN: 978-65-88110-01-0

